

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

***A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NA
ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA***

ALCIDES GOULARTI FILHO

Orientador: Prof. Dr. ARMÉM MAMIGONIAN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano

**Florianópolis - SC
Setembro, 1995**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**A INSERÇÃO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO NA
ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA**

ALCIDES GOULARTI FILHO

**Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia na
área de concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, do
Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da UFSC, em cumprimento parcial dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Geografia.**

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 21/09/1995

Armen Marnigonian

Prof. Dr. Armém Marnigonian (orientador)

H. Lins

Prof. Dr. Helyedo Nunes Lins (membro)

Luis Fugazzolla Pimenta

Prof. Dr. Luis Fugazzolla Pimenta (membro)

Gerusa Maria Duarte

Profª. Dra. Gerusa Maria Duarte (coordenadora)

**Florianópolis - SC
Setembro, 1995**

SUMÁRIO GERAL

AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
INTRODUÇÃO	01
I - AS CONDIÇÕES DE ACUMULAÇÃO REGIONAL	12
1 - <i>A imigração em Santa Catarina: os italianos no sul do Estado</i>	16
2 - <i>O desempenho da pequena produção mercantil no sul de Santa Catarina</i>	20
II - A ECONOMIA SUL-CATARINENSE E O CONTEXTO NACIONAL	26
1 - <i>Algumas considerações sobre o processo da industrialização brasileira</i>	26
2 - <i>Uma introdução à industrialização de Santa Catarina</i>	28
3 - <i>As peculiaridades do parque industrial catarinense</i>	30
4 - <i>O desempenho do setor carbonífero</i>	34
a) <i>A descoberta do minério e o início das atividades</i>	34
b) <i>A crise do setor carbonífero</i>	39
5 - <i>O setor cerâmico</i>	42
a) <i>A origem e as iniciativas locais</i>	42
b) <i>A participação efetiva do Estado, um fator determinante</i>	44

6 - A diversificação do parque industrial do sul catarinense e a formação de pequenos e médios grupos empresariais	48
a) Químico	56
b) Calçados	59
c) As conseqüências dessa hegemonia	62
III - O SETOR DO VESTUÁRIO: O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO	68
1 - O vestuário no contexto histórico	68
2 - A origem das confecções na Região Carbonífera	72
a) Do terciário para o secundário	73
b) Do "fundo de quintal"	75
c) Como complemento da renda familiar	76
d) As compradas e desmembradas	77
e) Os ex-funcionários	77
3 - A mão-de-obra disponível	80
a) A submissão feminina numa sociedade de classes	80
b) Um farto exército pronto a ser absorvido pelo capital	82
4 - O mercado consumidor na origem	84
5 - Para entender as facções: origem e função	85
a) A função das facções	87
b) Os primeiros faccionistas	93
IV - A ESTRUTURA ATUAL E A CONSOLIDAÇÃO DO SETOR DO VESTUÁRIO	96
1 - A pulverização das etiquetas e o crescimento do setor	96
a) O crescimento dos estabelecimentos e da produção	98
b) A evolução na oferta de emprego	104

2 - A relação capital x trabalho e a atuação dos sindicatos	106
a) A renda familiar	112
b) As condições de trabalho	115
c) Os benefícios e os prêmios por produtividade	116
3- Os mercados consumidores, os fornecedores e as formas de comercialização	117
a) Os postos de venda	118
b) Os representantes	120
c) A concorrência	121
d) Os fornecedores de insumos e os prestadores de serviços: A formação de uma economia de aglomeração	125
4 - O fator tecnologia	127
5 - A participação do Estado e do SENAI/SEBRAE	129
V - A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL	136
1 - As interligações com outras regiões	137
a) O processo de disseminação em Tubarão	137
b) Florianópolis e Brusque na "rota das sacoleiras"	142
c) As articulações micro e macrorregionais entre confeccionistas e faccionistas	143
2 - As articulações urbano-industriais do vestuário na Região Carbonífera	147
a) A organização urbano-industrial	148
b) As relações residência-trabalho	152
COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS	158
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	163
ANEXOS	174

***"É preciso saber como o homem se constrói,
para que saibamos como ele se nega".***

***"A fábrica iguala os homens apesar de suas diferenças
e os diferencia apesar de suas semelhanças".***

Wanderley Codo

(O que é trabalho, 1987)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de ressaltar as pessoas que foram primordiais no meu amadurecimento intelectual. Ao professor Dr. Cesare Giuseppe Galvan, os meus agradecimentos pelas boas aulas de economia. Ao professor Dr. Hoyêdo Nunes Lins, pelas dicas iniciais para fazer o mestrado em Geografia. Ao amigo professor M. Sc. Ivo Sostisso, que me ensinou os entraves práticos no planejamento urbano. À professora Dra. Lenyra Rique da Silva, pelas loucuras da dialética. Ao professor Dr. Luís Fugazzolla Pimenta, pelas sugestões e participação nas bancas examinadoras. Ao companheiro e professor orientador Dr. Armén Mamigoniam, por insistir na busca de uma dissertação qualificada.

Aos meus irmãos Plínio e Jorge, que mesmo no silêncio compartilharam momentos ímpares, e ao pequeno grande Juliano, que constantemente me questionava sobre o fim.

Irene, costureira, deixa todas as manhãs sua filha na creche da prefeitura, pega um ônibus e vai à labuta. Seu esposo, ex-funcionário da Pirelli, foi demitido nos anos loucos do ABC Paulista (1979/80), tendo eles que retornar a Santa Catarina. Atualmente, mineiro aposentado, trabalha de vigia noturno. Uma casinha, o INSS, o vale-transporte, a creche e a luta árdua do cotidiano. A esperança. Tia Irene, brasileira. Orgulho. *"Isto aqui é um pouquinho do Brasil"*. Irene, Irene *"é preciso ter força, é preciso ter garra, é preciso ter sonho, sempre"*.

***À minha mãe, Ana, que sempre acreditou em mim
fazendo de tudo e muito mais.***

***E à minha irmã e amiga Silvana, a quem devo o
incentivo de fazer o mestrado.***

RESUMO

A Região Sul de Santa Catarina sempre foi conhecida como produtora do minério de carvão e além disso se destaca como o maior pólo cerâmico do país, responsável por 46% da produção nacional de revestimentos cerâmicos.

Porém, a partir do final dos anos 60, alguns comerciantes atacadistas de Criciúma, que revendiam sobretudo instrumentos de trabalho para as minas e vestuário, adquirido de comerciantes de São Paulo, começaram a fabricar suas próprias etiquetas. Desta forma, diversificaram seu capital. Entraram no setor da confecção aproveitando o mercado anteriormente conquistado, o Rio Grande do Sul, e também o farto exército de reserva feminina liberado pela mineração e pelas cerâmicas.

Nos anos 80, a indústria do vestuário da região cresceu em torno de 12% ao ano. Atualmente, dentro da Região Carbonífera (Criciúma, Araranguá, Içara, Nova Veneza, Morro da Fumaça e Maracajá), há uma produção anual de 42 milhões de peças, que geram 9.000 empregos, distribuídos entre os 450 vestuaristas. Destes, 74% são microempresas, 25% são pequenas e apenas 1% é empresa de porte médio. Aproximadamente 60% da produção é destinada ao mercado gaúcho.

O setor divide-se em dois grupos: confeccionistas e faccionistas. Os confeccionistas são a parte mais dinâmica do setor, pois "definem" a moda, procuram o mercado consumidor, buscam a inovação tecnológica e têm maiores possibilidades de diversificação. Os faccionistas atendem às grandes etiquetas da própria região e de outras cidades (Blumenau e São Paulo) sendo especializados nas atividades-meios, portanto sujeitos às oscilações. O que ocorre na atual estrutura da terceirização no vestuário é apenas uma transferência de custos (encargos sociais) dos confeccionistas para os

faccionistas. Atualmente, pequenos confeccionistas contratam costureiras domiciliares que não possuem qualquer regulamentação trabalhista.

A região é considerada um dos maiores pólos do vestuário com base em tecidos planos - em especial o *jeans* - do país, concorrendo com o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná.

ABSTRACT

The south region of Santa Catarina, that was always known as producer of coal ore, has been still detached, otherwise, as major ceramics pole of the country, responsible for 46% of the national ceramics tiles production.

However, from the end of the sixties some wholesale from Criciúma, that release working implements to the mines and clothing, acquired from São Paulo, started manufacturing their own labels. Thus, they diversified their capital, getting into the clothing setor, taking advantage of the Rio Grande do Sul market, previously dominated, and also the plenty reserve of feminine handwork released by mining and ceramic industries.

In the eighties, the clothing industry of the region increased around 12% a year. Nowadays, the south region of Santa Catarina (Criciúma, Içara, Nova Veneza, Morro da Fumaça and Maracajá) has been producing of 42 million pieces a year, generating 9.000 employments, distributed among the 450 clothing manufacturers. From these, 74% are micro enterprises, 25% are small and only 1% is medium. Approximately 60% of the production has been destined to Rio Grande do Sul market.

The setor has been divided into two groups: the manufacturers and the thirds (outdoor factories). The manufacturers are the most dynamic part of the sector, because they "define" the fashion, they look for consumer market, they search for the technological innovation and have major possibilities of diversification. The thirds attend the big labels of their own region and from other cities (Blumenau and São Paulo) being specialized in the middle-activities, therefore they are subordinated to the oscilations.

What happened in the present structure of middle-activities in clothing is just a transference of costs (social duties) from the manufacturers to the third. At the moment,

small manufacturers hire domiciliaries seamstresses (homeworkers) that have no labour regulations.

The region is considered one of the biggest clothing pole based on plain fabrics (jeans) of the country, competing with the south of Minas Gerais and the north of Paraná.

INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que a indústria do vestuário criou no interior, numa região já industrializada, uma nova divisão territorial do trabalho? O sul de Santa Catarina apresenta características que podem destacá-lo como um novo pólo nacional do vestuário? Se as respostas são afirmativas, quais os condicionantes que a elevaram a este novo patamar? Estas perguntas nos levam a questionar a localização industrial e os efeitos de aglomeração no sul de Santa Catarina.

A divisão territorial do trabalho que se apresenta no sul catarinense é setorial, em que a região, ao longo dos anos, veio se especializando em determinados ramos da economia constituindo toda uma arquitetura voltada às principais atividades.

Segundo Marx (1989), **"toda divisão do trabalho desenvolvida e processada através da troca de mercadorias é a separação entre a cidade e o campo. Pode-se dizer que toda história econômica da sociedade se resume na dinâmica dessa antítese"**. Segue **"A divisão territorial do trabalho que confina ramos particulares de produção em áreas determinadas de um país, recebe novo impulso com a atividade manufatureira que explora todas as particularidades"**. Estas atividades manufatureiras motivam o surgimento de outras atividades, servindo como forças motrizes, impulsionando a especialização e a diversificação setorial. Segundo Perroux (1967), **"o nascimento duma indústria nova é sempre fruto duma antecipação. Um ou vários sujeitos econômicos concebem uma situação nova; julgam-na possível; assumem os riscos da sua realização. (...) O aparecimento duma ou várias indústrias altera a atmosfera duma época, cria um clima favorável ao crescimento e ao progresso"**. O fortalecimento de um grande ramo industrial irá favorecer o surgimento de atividades paralelas à "indústria-

chave". Para Perroux, a indústria-chave é **"aquela que induz na totalidade dum conjunto um crescimento de volume de produção global muito maior do que o crescimento do seu próprio volume de produção"**. No sul de Santa Catarina, num primeiro momento, a indústria carbonífera cumpriu este papel, como indústria motriz, impulsionando o desenvolvimento da metalurgia, atacados de ferragens e outras pequenas atividades urbanas. Num segundo momento, as cerâmicas serão as impulsionadoras de outras atividades industriais, além de novas metalúrgicas, fornecedores de insumos como fritas, esmaltes, indústria química, embalagens e transportadoras. E por último, as indústrias do vestuário também desempenham este papel de impulsionadoras, proporcionam o surgimento das lavanderias, bordadeiras, serigrafias e outras atividades paralelas. Para Perroux, estas atividades de destaque se enquadram como pólos de desenvolvimento, formados por várias unidades fabris ligadas entre si. A atividade de destaque serve como força motriz que exerce **"efeitos de expansão sobre outras unidades que com ela estão em relação. (...) Aumentam as compras de produtos intermediários a outras unidades e as compras de serviços (trabalho, direção e capital). Aumenta a quantidade de produtos fornecidos a outras unidades e ao consumidor final. (...) Num espaço econômico determinado, determinada unidade diz-se motriz quando a resultante de todos os esforços que gera é positiva, no sentido de transformar as estruturas de forma a elevar a taxa de crescimento do produto real global e líquido do conjunto considerado. (...) Para além dos efeitos assinalados, a unidade motriz gera efeitos de aglomeração: reúne atividades complementares que dão lugar a conjunturas cumulativas de ganhos e custos localizados. A realização de meios de transporte e de comunicação provoca entre as unidades efeitos de junção: aumenta cumulativamente a oferta e a procura, alarga o campo de possibilidade dos produtores locais"**. Os efeitos de aglomeração e de junção provocam o aparecimento de novas atividades, alterando a paisagem industrial local e regional. Estas atividades trabalham num sistema de prestação de serviços.

Esta disposição de vários ramos interligados entre si propicia o surgimento de um complexo industrial. Segundo Chardonnet (1965), que analisa as localizações industriais, uma das características de um complexo industrial é **"une puissante concentration d'industries sur un espace géographique restreint. Il implique en effet une puissance industrielle qui se traduit par l'ampleur en tonnage et l'importance en valeur de sa production par rapport à l'ensemble de la production industrielle nationale, et même, pour les branches industrielles représentées dans le complexe, par rapport à la production mondiale de la même branche. Cette puissance se marque aussi par l'ampleur des capitaux investis, par celle de la main d'œuvre qui y travaille!"**. Para Chardonnet, os complexos industriais se apresentam em graus diferentes de concentração: **"D'un côté, le type hyperconcentré comprend des industries qui se touchent parce qu'une impérieuse nécessité a imposé le groupement sur un espace restreint. (...) Un deuxième groupe de notion caractérisant les types d'industries développées s'y ajoute: le complexe suppose une diversité des types d'industries, celles-ci étant liées les unes aux autres par des liens de dépendance plus ou moins étroite. La diversité oppose précisément le complexe au foyer industriel spécialisé²"**. Esta interdependência entre as diversas unidades fabris é uma das características mais originais de um complexo: **"L'un des caractères les plus originaux du complexe industriel consiste dans les relations de dépendance de ses principales industries, qu'elles dépendent les unes des autres ou qu'elles soient toutes la conséquence du même facteur commun. Ces relations peuvent être de divers ordres. L'une est une dépendance technique. La sidérurgie fournit les produits de base de certaines industries: acier et fonte les fonderies, laminés divers pour les constructions**

¹ "Uma potente concentração industrial sobre um espaço geograficamente restrito. Ele implica, com efeito, uma potência industrial que se traduz pela amplitude de tonelagem e importância em valor de sua produção em relação ao conjunto da produção industrial nacional, e também para os ramos industriais representados neste complexo em relação à produção mundial do mesmo ramo. Esta potência se marca também pela amplitude dos capitais investidos e pela mão-de-obra que aí trabalha".

² "De um lado, o tipo hiperconcentrado compreende as indústrias que se interligam, porque uma imperiosa necessidade impôs o agrupamento num espaço restrito. (...) Um segundo grupo de noção caracterizando os tipos de indústrias desenvolvidas se soma: o complexo supõe uma diversidade de tipos de indústria, estas estando ligadas umas as outras por laços de dependência mais ou menos estreitos. A diversidade opõe precisamente o complexo ao centro industrial especializado".

métalliques, tubes pour les Industries mécaniques: ces diverses branches métallurgiques de transformation ont intérêt à se situer à côté de la production sidérurgique pour économiser les frais de transport de produits lourds³".

Além das relações de interdependência tecnológica há também a de interdependência econômica: **"La dépendance peut être d'ordre économique: ainsi une Industrie groupe auprès d'elle, pour assurer son équipement ou la finition de ses fabrications, d'autres Industries, sans que les matières premières des Industries dépendantes soient demandées à l'Industrie qui les a suscitées. L'Industrie textile a besoin de machines: machine à laver la laine, cardeuses et peigneuses, machine à retordre, broches à filer, métiers à tisser, encolleuses, etc.; elle attire donc à elle des fonderies pour constituer les bâtis de machines et des Industries mécaniques spécialisées dans la construction des machines textiles. D'autre part, que les filés soient teints avant tissage ou que l'on procède à la teinture des étoffes après tissage, comme cela se pratique couramment maintenant afin de mieux suivre les fluctuations de la mode, l'Industrie textile a besoin de colorants, elle attire donc à elle l'Industrie chimique. (...) De même bien des Industries fabriquant des articles très élaborés n'en fabriquent pas tous les éléments, et des Industries satellites, des Industries de sous-traitances, se greffent sur l'Industrie principale⁴".**

Há casos de indústrias que outrora serviam apenas como prestadoras de serviços, fortaleceram-se em suas atividades, diversificaram-se e procuraram outros mercados,

³ "Uma das características mais originais do complexo industrial consiste na relação de dependência de suas principais indústrias, dependam elas umas das outras ou sejam todas elea a consequência do mesmo fator comum. Estas relações podem ser de diversa ordem. Uma é a dependência técnica. A siderurgia fornece os produtos de base de certas indústrias: o aço é fonte para fundição, laminados diversos para a construção metálica, tubos para a indústria mecânica: estes diversos ramos metalúrgicos de transformação têm interesse em situar-se ao lado da produção siderúrgica para reduzir os custos de transporte de produtos pesados".

⁴ "A dependência pode ser de ordem econômica: assim uma indústria reúne em torno de si, para garantir seu equipamento ou o acabamento de sua fabricação, outras indústrias, sem que a matéria-prima das indústrias dependentes seja consumida da indústria que a suscitou. A indústria têxtil necessita de máquinas: de lavar a lã, de cardar, de tecer, de fazer o fio... Ela atrai em torno de si fundições para constituir a fabricação de máquinas e indústrias mecânicas especializadas na construção de máquinas têxteis. De outro lado, quer o fio seja tingido antes de tecer, quer seja tingido após a tecelagem, como assim se pratica frequentemente agora como a fim de melhor acompanhar a flutuação da moda, a indústria têxtil tem necessidade de colorantes, então ela atrai a indústria química. (...) Do mesmo modo, as indústrias que fabricam artigos mais elaborados não fabricam todos os elementos, e as indústrias satélites, as prestadoras de serviço, se agregam à indústria principal".

começando a se desvincular dos laços de interdependência. Segue Chardonnet: "Il peut d'ailleurs se produire que cette dépendence économique soit aujourd'hui moins visible que jadis, voire même actuellement inexistante, lorsque les Industries, naguère satellites, ajoutent à leur ancienne production dépendante de nouvelles productions sans lien économique avec la première, par exemple dans un souci commercial de diversification ou pour mieux utiliser des sous-produits de la première fabrication. (...) La situation présente de certaines Industries d'un complexe peut donc s'expliquer soit par une dépendance actuelle, soit par la survivance d'une ancienne position de dépendance. Les Industries d'un complexe peuvent enfin être très différentes les unes des autres par la nature de leurs production, par celle de leurs techniques et n'avoir pas entre elles de liens économiques, mais elles dépendent les unes et les autres du même facteur commun, source d'énergie, ou facteur portuaire ou facteur urbain⁵".

Pelo fato de se aglomerar uma série de indústrias com atividades similares e ao mesmo tempo distintas, a região sul-catarinense apresenta estas características de interdependência; portanto, é uma região industrial com característica de um complexo.

Entretanto, os efeitos de aglomeração contraditoriamente geram efeitos de reversão, de desaglomeração. Tais efeitos espraiam as atividades industriais. O centro do pólo não perde sua significância, apenas ocorre um rearranjo, uma mobilização espacial do capital à procura de outras áreas não longínquas, apenas "descontaminadas" das externalidades (aumento da mobilização sindical, preço dos terrenos e aluguéis, congestionamento urbano). É o exemplo da indústria do vestuário da Região Carbonífera, polarizada com as da região de Tubarão.

⁵ "Pode ocorrer que esta dependência econômica seja hoje menos visível que outrora, até mesmo atualmente inexistente, quando as indústrias, até pouco tempo satélites, acrescentam à sua antiga produção dependente novas produções sem ligação econômica com a primeira, por exemplo numa preocupação comercial de diversificação ou para melhor utilizar os subprodutos da primeira fabricação. (...) A situação atual de certas indústrias de um complexo pode, pois, se explicar seja por uma dependência atual, seja pela sobrevivência de uma antiga posição de dependência. (...) As indústrias de um complexo podem enfim ser muito diferentes umas das outras pela natureza de sua produção, pela de sua técnica, e não ter entre elas ligações econômicas, mas elas dependem umas e outras de um mesmo fabricante comum, fonte de energia, seja portuário ou urbano".

Marshall (1987), em "**Princípios de Economia**", explicando a concentração de indústrias especializadas em função da localização, aponta que **"uma indústria localizada tem algumas desvantagens, como o mercado de trabalho, se a atividade que ela realiza é de uma só classe, como por exemplo um trabalho que só pode ser feito por homens fortes. Nas regiões siderúrgicas, onde não há fábricas têxteis nem quaisquer outras que dêem emprego a mulheres e crianças, os salários são elevados e o custo da mão-de-obra é alto para o empregador, ao passo que a média do dinheiro ganho por família é baixa. O remédio para esse mal é evidente, e encontra-se no crescimento, na mesma vizinhança, de indústrias de caráter supletivo. Assim, nas proximidades das indústrias de mineração e de construção estão freqüentemente indústrias têxteis, que em alguns casos foram atraídas mediante gestões quase imperceptíveis"**. Isso foi uma realidade na origem do setor do vestuário no sul de Santa Catarina, cujas indústrias terão em prol de si um grande exército de reserva feminina pronta a ser explorada pelo capital.

Os condicionantes físicos do sul catarinense levaram a região a especializar-se na extração e beneficiamento do carvão. Criou-se uma estrutura para a extração (com inúmeras minas - primeiramente administradas por empresários do Rio de Janeiro), beneficiamento (o lavador), transporte (a Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina e o Porto de Imbituba) e a transformação do carvão energético (a Termoelétrica Jorge Lacerda). Além desta estrutura, ao redor da indústria carbonífera foram criadas metalúrgicas, que auxiliavam na manutenção das minas, e comércios atacadistas, especializados nas vendas de equipamentos carboníferos. A oferta de emprego nas minas sempre foi razoável. Com a descoberta de novas jazidas, novas frentes de trabalho eram abertas. Durante aproximadamente um século a região foi o grande pólo brasileiro na extração do carvão, formando-se um império de *Barões do Ouro Negro* (os proprietários de minas) e de *Piratas Humanas* (os mineiros).

Outro setor de destaque no sul catarinense é o de revestimentos cerâmicos. Novamente os condicionantes físicos (argila barro-branco de boa qualidade para refratários), somados às iniciativas locais, e o apoio estatal montaram uma nova arquitetura econômica para o deslanche de uma atividade econômica extremamente favorável: os pisos e azulejos. Na diversificação, a cerâmica era (ou é) um investimento garantido. Esta atividade desenhará a segunda divisão e especialização do trabalho na região. Agora, abrindo espaços para laboratórios, papéis e embalagens, metalurgias e transportadoras.

"Criciúma: capital do carvão e do azulejo". Este era o *slogan* mais utilizado pelos meios de comunicação e pelas autoridades. Com isso queria se mostrar a magnitude do potencial econômico que a região apresentava, encoberto, muitas vezes, por uma relação paternalista de falsos mitos e ideologias.

Como o vestuário vai se imbricar neste contexto e tornar-se uma nova divisão territorial do trabalho? Uma das características mais marcantes na origem da industrialização do sul de Santa Catarina, uma região colonizada por imigrantes, sobretudo italianos, será a presença de pequenas propriedades, pequenos comerciantes, artesãos e pequenas oficinas. Ou seja, é uma base pulverizada, dando oportunidade de acumulação a uma série de pequenos proprietários. Esta característica está embutida nas minas, quando, nos anos 40 e 50, passam a ser administradas por empresários locais; nas cerâmicas, com exemplo de pequenas cooperativas; ou na metalurgia; e no próprio comércio. Esta origem se fará também, e de forma mais marcante, nas indústrias do vestuário.

Aproveitando um farto exército de reserva feminina, inúmeras confecções de micro e pequeno porte dinamizam a região. Essa é uma das características diferentes do carvão e da cerâmica: a pulverização do capital. As micro e pequenas são o carro-chefe, abrindo oportunidade de ampliação da renda familiar. Foi o vestuário que sustentou a região na crise carbonífera dos anos de 1989 a 1993. A renda familiar será de responsabilidade da esposa. É um setor em constante crescimento, que abre várias frentes de trabalho em diversos

ramos, desde os postos de venda até as lavanderias. A economia de aglomeração do vestuário gera inúmeros empregos, mais que as indústrias carboníferas atualmente.

As formas mais claras e espúrias de relações de terceirização se dão no vestuário. As fábricas são as prestadoras de serviços que equilibram os custos das confecções.

É o vestuário uma nova divisão territorial do trabalho numa região onde outrora o carvão era não somente a riqueza mineral mas a riqueza de poucos, ou onde os azulejos mantêm um parque industrial altamente dinâmico? O vestuário e sua economia de aglomerações conseguiu mudar o panorama econômico da região? Se compararmos a geração de empregos, o vestuário está em segundo lugar e os fornecedores são dos mais diversificados.

Uma das características econômicas da região é a diversificação e o dinamismo empresarial. Como os setores referidos estão contextualizados nesta característica? Há na região uma expectativa vantajosa para investir em qualquer atividade ligada ao vestuário, portanto na diversificação.

Santa Catarina é conhecida nacionalmente pelos têxteis de Blumenau. O mesmo se dá com Brusque e Jaraguá do Sul. No sul catarinense, o surto das confecções atingirá um raio de vários municípios. Num primeiro momento, Criciúma e arredores; em seguida, Tubarão e região. Na produção de roupas com base no *jeans*, a Região Carbonífera concorre de igual para igual com o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná.

A Região Carbonífera se apresenta como uma região industrial que desenvolve alguns aspectos de um complexo industrial, tais como: a interdependência econômica e tecnológica e o destaque nacional de certos ramos industriais: carvão, cerâmica e descartáveis plásticos.

No primeiro capítulo serão discutidas as condições de acumulação regional baseada na pequena produção mercantil no sul catarinense; a participação de imigrantes italianos nas atividades comerciais e o desempenho das pequenas produções. No segundo capítulo, a economia do sul catarinense será introduzida no contexto nacional, com algumas

considerações sobre o processo de industrialização brasileira e catarinense, para em seguida haver uma análise detalhada dos setores de maior destaque na região: carbonífero e cerâmico, com ênfase também à diversificação do parque industrial e à formação de pequenos e médios grupos empresariais. O capítulo três entrará especificamente no setor do vestuário: o processo de industrialização, a origem das confecções e facções, a origem da mão-de-obra e do mercado consumidor. No capítulo quatro, abordar-se-á a estrutura atual e a consolidação do setor do vestuário na Região Carbonífera, destacando a pulverização das etiquetas em outros municípios - Araranguá, Içara, Maracajá, Nova Veneza e Morro da Fumaça -, a evolução do número de operários, de estabelecimentos, da produção; a relação capital x trabalho e a atuação dos sindicatos; o mercado consumidor e as formas de comercialização; a participação do Estado e as inovações tecnológicas. No quinto e último capítulo, será abordada a organização espacial, as interligações com outras regiões, as articulações urbano-industriais do vestuário e também a relação entre confeccionistas e faccionistas.

As afirmações e os questionamentos acima citados serão analisados neste trabalho, que conta com o auxílio de uma série de pesquisas. Além das pesquisas bibliográficas, utilizamos o recurso de entrevistas *in loco*. Entrevistadas diretamente 61 indústrias do vestuário - 40 confecções e 21 facções - distribuídas da seguinte forma: 20 em Criciúma, 11 em Araranguá, 15 em Içara, oito em Morro da Fumaça, cinco em Maracajá e três em Nova Veneza. Além dessas, visitadas diretamente, obtivemos informações de outras 11: duas em Criciúma, duas em Içara, duas em Morro da Fumaça, duas em Maracajá e duas em Nova Veneza. Fora da base territorial de Criciúma, entrando na região de Tubarão, obtivemos informações de outras 13 facções: uma em Gravatal, Grão-Pará, Armazém, Jaguaruna, Treze de Maio, Laguna, Orleans; duas em Pedras Grandes e quatro em Tubarão. Nas fábricas que foram visitadas diretamente aplicamos um questionário que incluía perguntas abertas e fechadas, tais como: o processo de industrialização, a origem - que englobava os concorrentes - e o mercado consumidor; a atual estrutura da empresa: produção e

escoamento, fornecedores, concorrentes atuais, faturamento, benefícios, número de funcionários; sobre o processo de terceirização, em que foi questionado o número de terceiros, produção faccionada, assistência técnica; a relação capital x trabalho, quando se questionou o relacionamento com o sindicato dos trabalhadores; a organização espacial: a evolução e a mobilização do capital, a utilização de parques industriais e a locomoção residência-trabalho por parte dos proprietários. Para as informações de forma indireta, trabalhou-se apenas sobre a produção e o número de funcionários.

Além das visitas às fábricas, entrevistamos 147 costureiras distribuídas da seguinte forma: 64 em Criciúma, 23 em Araranguá, 33 em Içara, 17 em Morro da Fumaça e 10 em Maracajá. Foram feitas perguntas sobre: idade, trabalho anterior, profissão do pai e/ou do marido, estado civil, renda familiar, residência, transporte utilizado e a participação e as vantagens do sindicato.

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias dos Calçados e do Vestuário de Criciúma e Região e o Sindicato das Indústrias do Vestuário de Criciúma foram dois fortes pontos de apoio para se optarem informações históricas e dados atuais. Também se visitaram seis fábricas de calçados em Araranguá, Prefeituras Municipais - Araranguá, Criciúma, Içara, Maracajá, Morro da Fumaça, Sombrio e Turvo -, SEBRAE (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) - Criciúma, Araranguá e Florianópolis -, BADESC (Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento de Extremo Sul), FIESC (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina), FIBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) - todos em Florianópolis -, CDL (Clube de Diretores Lojista) de Criciúma, SENAI (Serviço Nacional da Indústria) de Criciúma, ASSINVEST (Associação das Indústrias do Vestuário da Grande Florianópolis), ACIC (Associação Comercial e Industrial de Criciúma), sindicatos dos trabalhadores dos mineiros e ceramistas de Criciúma e das costureiras de Tubarão, sindicato patronal dos calçados de Araranguá e dos ceramistas de Criciúma, FUCRI (Fundação Educacional de Criciúma), arquivo do DC (Diário Catarinense), APV (Associação

dos Postos de Venda) de Criciúma e os seguintes centros comerciais com postos de venda: Pórtico, Galeria das Fábricas e Mercado da Moda, em Criciúma; Love Story e Exposul, em Tubarão; e Center Fábricas, em Araranguá. Entrevistou-se o Grupo Zanatta, Grupo Guglielmi, Companhia Carbonífera Urussanga S.A., a Mecril/Elmar e o Grupo Gaidzinski.

I - AS CONDIÇÕES DE ACUMULAÇÃO REGIONAL

Uma das características que contribuiu de forma categórica para o crescimento da economia catarinense e sua inserção no mercado, tanto no âmbito nacional como internacional, foram as peculiaridades no processo de acumulação.

A partir da segunda metade do século XIX, a escassez de mão-de-obra torna-se um problema crônico na sociedade brasileira, principalmente para a economia cafeeira, em franca expansão. Tal fato agrava-se mais em função das restrições impostas pela Inglaterra ao tráfico de escravos. Além disso, a baixa produtividade do trabalho servil tornava-se um entrave para a acumulação e o desenvolvimento das forças produtivas. O estímulo à vinda de imigrantes provenientes da Europa foi uma solução imediata para contornar tais problemas.

Naquele momento a Europa passava por profundas transformações: conflitos entre nações, rearticulações internas ou ainda um farto exército de reserva industrial em expansão; isto em função de as economias centrais entrarem num período depressivo. A crescente mecanização dos processos produtivos vai paulatinamente pauperizando uma classe, os condenados da terra, como bem ilustra Victor Hugo em "**Os miseráveis**".

Portanto, a vinda dos imigrantes ao Brasil caiu como uma luva para ambos os continentes: para um, resolvia o problema de oferta inelástica de mão-de-obra, e para o outro, seu problema de excesso.

Apesar de algumas tentativas frustradas de impulsionar a imigração até a primeira metade do século passado, esta entra em prática, de forma mais acentuada, a partir de 1870, com o apoio fundamental do Governo Imperial. No último quartel do século, entraram no Brasil aproximadamente 803 mil imigrantes (FURTADO, 1989). Com isso, grupos de

imigrantes alojaram-se em determinadas regiões do Brasil, sobretudo no sul do país. Segundo Caio Prado Jr. (1990), "O sistema de colonização terá mais sucesso no extremo sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), e em maiores proporções no Espírito Santo, longe, nestes casos, da ação perturbadora e absorvente da grande lavoura. Encontrarão aí o interesse e o estímulo dos governos locais das províncias, que procurarão solucionar com ele o problema de seus territórios quase desertos, e fomentar com o povoamento as atividades econômicas e as rendas públicas. Para o norte do Brasil a questão não se proporá: esta parte do país nunca receberá uma corrente apreciável de imigrantes europeus, apesar do interesse que muitas vezes se tomou lá pelo assunto. Havia aí o obstáculo do clima, menos atraente para as populações da Europa, bem como de uma situação econômica estacionária, senão decadente. O sul pela sua riqueza e prosperidade, e favorecido ainda por um clima mais favorável, torna-se o pólo único de atração no Brasil, das correntes imigratórias".

Para Furtado (1989), no final do século passado, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul "encontravam-se em situação particularmente favorável (...). A qualidade e a abundância de suas terras proporcionaram-lhes um suprimento mais que adequado de alimentos (...) que constituirão fatores básicos do rápido desenvolvimento da Região Sul do país em etapas subsequentes".

Enquanto no sul estavam disponíveis estas condições favoráveis, a sociedade nordestina esbarrava em sérios entraves de cunho sócio-político e econômico. Segundo Castro (1980), fazendo uma análise da herança regional no desenvolvimento brasileiro, para o Nordeste, no período Colonial e Imperial, "a reduzida vulnerabilidade da unidade rural, as vantagens derivadas da operação em ampla escala e ainda razões tais como o apego à terra numa sociedade eminentemente agrária, o poder político emanado da propriedade latifundiária etc., eram fatores que impediam ou dificultavam o

fracionamento dos engenhos. Especialmente em fases críticas aí residiam importantes elementos de defesa da estrutura econômico-social".

Segue Prado Jr.: "O grande progresso da pequena propriedade nos Estados meridionais do Brasil deve-se sobretudo ao fato de ela não ter sofrido lá a concorrência de nenhuma grande lavoura tropical" (*ibid.*). No nordeste predominava a agroexportação e no sudeste e sul a agroexportação combinada com pequenas produções mercantis, onde, concomitantemente, se desenvolviam, ao lado, as grandes fazendas. Segundo Mamigonian (1990), "À medida em que as fazendas de café paulistas se expandiam, eram forçadas a absorver, sobretudo nas frentes pioneiras, colonos imigrantes estrangeiros, que tendo em conta a escassez de força de trabalho nessas regiões, obtinham o direito de realizar cultivos intercalares de cereais (arroz, feijão, milho, etc.), como pequenos produtores independentes, além dos salários referentes aos cafezais. Estas relações de trabalho permitiram uma distribuição de rendas tal que dava margem a uma pequena acumulação por parte desses colonos e o surgimento nas cidades vizinhas de uma pequena produção mercantil destinada a atender suas necessidades, que constitui o ponto de partida de numerosas pequenas indústrias paulistas em Limeira (máquinas agrícolas), Franca (calçados) e muitas outras cidades". A presença destas pequenas iniciativas, originárias das fazendas de café e de empresários industriais imigrantes, combinadas com outros fatores, impulsionará o crescimento industrial de São Paulo nas duas primeiras décadas.

Fazendo uma análise do desenvolvimento da agricultura no Brasil, Castro (1988) afirma que "A geração de um excedente de alimentos e matérias-primas constitui, na realidade, pré-condições mínimas para a ocorrência do desenvolvimento econômico, ou seja, somente quando a população trabalhando na agricultura consegue produzir além de sua necessidade, torna-se possível uma comunidade (com seus próprios recursos) iniciar um processo de diferenciação de atividades e promover o

surgimento da vida urbana. A diferenciação das funções dá início à divisão social do trabalho, acarretando a intensificação das trocas".

A presença de pequenas propriedades com produção de excedente objetivando a troca e uma divisão social do trabalho já intensificada na Região Sul do país, sobretudo após a chegada de colonos imigrantes, serão fatores determinantes para o processo de acumulação e, posteriormente, de industrialização. A divisão social do trabalho foi favorecida pelo conhecimento e pela destreza dos imigrantes, que exerciam atividades diversas, como: serralheria, marcenaria, negócios e outras. Com isto a Região Sul do país, em especial o norte e o sul de Santa Catarina e o norte do Rio Grande do Sul, irão assistir a um crescimento econômico precoce e voltado para dentro **(CASTRO, 1971)**.

Nos dois casos (nordeste e sul), a exploração do trabalho era a mesma; entretanto, a forma de acumular e ampliar esta acumulação tiveram peculiaridades próprias. O tipo de relação social no sul gerou um *espaço diferenciado*. Desta forma, **"a natureza da resposta do capital às desigualdades espaciais é por si mesma um produto da interação entre as características existentes da diferenciação espacial e as necessidades em qualquer momento do processo dominante de produção. Tal interação é importante - a produção não somente influi geograficamente como envolve historicamente a configuração geográfica (tanto os fatos de diferenciação e espacial como sua natureza particular), influi no caminho tomado pela acumulação"** **(MASSEY, 1981)**. Portanto, algumas peculiaridades inter-regionais contribuíram para forjar uma armadura diferenciada no processo de acumulação.

Apresenta-se aqui o estudo da origem e desempenho da industrialização no sul de Santa Catarina, mostrando o processo de imigração e o surgimento das pequenas produções mercantis como um dos fatores que contribuirão para gerar condições de acumulação favoráveis.

1 - A Imigração em Santa Catarina: os Italianos no sul do Estado

O processo de ocupação de algumas regiões de Santa Catarina pelos Imigrantes de origem européia tomou maior forma no último quartel do século passado, calcada na política imigratória posta em andamento pelo Governo Imperial.

Após se instalarem em Santa Catarina, muitos imigrantes trabalharam em regime de povoamento, produzindo sua subsistência. Concomitantemente produziam excedentes com o intuito de comercializar.

Os alemães ocuparam a região do Vale do Rio Itajaí, onde algumas famílias da mesma origem já estavam desde o segundo quartel do século XIX. As iniciativas locais de pequenos proprietários que comercializavam seus excedentes serão os fatores fundamentais para o processo de industrialização do Vale nos anos seguintes.

O sul catarinense foi ocupado na sua grande maioria por imigrantes provenientes do norte da Itália. Desembarcando em Desterro (atual Florianópolis) e descendo até Laguna e Tubarão, vão fazendo picadas mata a dentro e invadindo terras indígenas (Tupi-Guaranis e Carijós, vulgarmente chamados de bugres e totalmente dizimados pelos imigrantes). Alojaram-se principalmente próximo a rios, onde fundam as primeiras vilas:

Azambuja (1877);

Urussanga (1878);

Criciúma (1880);

Cocal (1885);

Nova Veneza (1890);

Nova Belluno - Siderópolis - (1891);

Nova Treviso (1891) e outras.

Imigrantes italianos que ocuparam o sul catarinense no século XIX

Ano	Nº de imigrantes
1886	390
1888	879
1891	4.240
1892	1.348
1893	862
1894	27

Fonte: *In*: DALL'ALBA, 1983.

A partir de 1894 a entrada de novos imigrantes italianos torna-se insignificante. A presença destes na região era tão marcante que a população de Urussanga em 1900 era de 7.145 habitantes, sendo 7.000 de origem italiana.

A viagem e a instalação eram feitas por empresas que faziam contratos com o Governo Imperial, como a Companhia Metropolitana. Articulando-se com alguns imigrantes, fundavam colônias: Nova Veneza, Nova Belluno, Nova Treviso, Jordão e outras.

Muitos foram favorecidos por leis que lhes davam o direito de comprar as chamadas Terras Devolutas - Lei 601/1850 e Decreto 528/1890 - podendo ser pagas em espécie, dinheiro ou serviços prestados ao governo, como abertura de estradas, construções de pontes ou prédios públicos.

A distribuição dos lotes se dava de maneira diversa. Tanto para as colônias do Governo como para as privadas, os lotes variavam de 25 a 30 hectares. Os preços também variavam de 200 mil réis a 700 mil. Em muitos casos o Governo Imperial concedia aos imigrantes empréstimos de até 250 mil réis. **"De origem basicamente rural, dedicavam-se à agricultura, introduzindo técnicas novas, como a rizicultura e vinicultura. Também alguns contingentes alemães e poloneses ocuparam a região, na qual já se encontrava o contingente luso-açoriano, com suas conhecidas características:**

agricultura de subsistência e pesca. No caso dos imigrantes italianos, embora tenham mais tarde fornecido elementos para os quadros empresariais da extração carbonífera, mantiveram-se apegados à agricultura. A região era propícia a uma diversificada produção agrícola, em que avultavam o feijão, o milho, a cana, o trigo, a uva. Mesmo com a exploração carbonífera, a partir de 1915, a agricultura continuou. Desenvolveu-se também a pecuária, em especial a suinocultura, com a exploração da banha" (CEAG/SC, 1980).

Já no final do século passado pequenas atividades econômicas eram parte integrante do cotidiano de várias colônias. Em 1890 a colônia de Urussanga já dispunha de "50 ou 60 engenhos de cana e alambique, 16 moinhos, 6 ferrarias, uma das quais movida a água. Há ainda 25 negociantes com variado comércio. Também em Urussanga quase todo colono cultiva parreira. A produção ainda é por demais grande, mas já exporta algum vinho, especialmente às colônias vizinhas. O vinho produzido excede às necessidades do colono e substitui o uso da cerveja" (DALL'ALBA, 1983).

A quantidade de mercadorias produzidas na colônia de Urussanga no ano de 1894, com o objetivo de comercialização, foi da seguinte ordem (em quantidade de sacas):

Milho.....	sacos.....	49.000
Arroz.....	sacos.....	2.540
Feijão.....	sacos.....	1.610
Açúcar.....	sacos.....	600
Aguardente.....	barris.....	1.120

Fonte: *Ibid.*

No que diz respeito ao comércio com outras praças, Dall'Alba faz o seguinte relato de Urussanga: **"Urussanga vale-se da via de Pedras Grandes para transporte de seus produtos, relativamente boa em relação às demais estradas de Tubarão. A viagem para um carro é de um dia. Cada saco de milho custa mil e duzentos réis de transporte, e de Pedras Grande a Laguna, 300 réis.(...) Urussanga, como as demais colônias, exporta os produtos que excedem ao consumo da colônia, principalmente para Laguna, onde há negociantes que compram para expedir para o Rio de Janeiro. (...) Agora que as colônias estão produzindo mais que necessitam, e que o capital começa a formar-se, observa-se em Urussanga algum sintoma que faz prever um próximo estabelecer-se de relações comerciais com os centros brasileiros e a criação de outras com a mãe pátria diretamente para a Itália, de propósito para comprar mercadorias, especialmente tecidos, conforme os usados aqui pelos colonos Italianos".** Começam a estabelecer-se relações comerciais de cunho mais volumoso. Isso demonstra o dinamismo dos comerciantes, pois a conquista de mercado aiém-mar era extremamente complicada.

Em 1907, Urussanga possuía 85 engenhos, 56 casas de comércio, 28 fábricas de produtos suínos, 27 tafonas, 14 padarias, 11 ferrarias, nove sapatarias, sete olarias, quatro curtumes, três cervejarias, uma farmácia, uma tipografia, uma fábrica de louça de barro e uma de óleo (FIBGE, 1959).

O núcleo de Cocal foi colonizado a partir de 1885. A área no perímetro urbano foi dividida em lotes de 25 metros de frente por 60 metros de lado; já na área rural, os lotes foram de 275 metros de frente por 1.100 de fundos (DALL'ALBA, 1983). O núcleo contava com seis casas de comércio, quatro moinhos, quatro engenhos de açúcar com alambique, duas sapatarias, uma marcenaria e uma alfaiataria (*ibid.*).

Portanto, esse tipo de acumulação através da pequena produção mercantil foi um dos motivos fundamentais para o surgimento de outras atividades, tanto comerciais como industriais, na Região Sul. Uma região com base na pequena produção mercantil dará mais

condições para que vários pequenos proprietários acumulem, estabeleçam concorrência e prosperem.

Para melhor detalhar como se desencadeou o processo de colonização dos imigrantes no sul catarinense e o desempenho da pequena produção mercantil e as conseqüências para o crescimento econômico da região, tomamos o exemplo de Criciúma.

2 - O desempenho da pequena produção mercantil no sul de Santa Catarina

Criciúma, fundada em 1880, foi ocupada por aproximadamente 140 pessoas de origem italiana, e em seguida, já em 1890, por outras 30 pessoas de origem polonesa.

Todas as famílias italianas receberam seus lotes. Segundo Dall'Alba (1983), "havia lotes de 200 metros de largura, por 500 de comprimento, ao preço de 180.000 réis. Outros mediam o dobro e também custavam o dobro. Poucos pagavam seus lotes".

Na colonização de Criciúma ocorrerá o mesmo que no Vale do Rio Itajaí, onde pequenos proprietários, além da subsistência, produzirão excedentes para a comercialização: produtos agrícolas manufaturados, como a farinha de milho, arroz descascado, farinha de mandioca, açúcar, pó de café, vinagre e vinho. Na pecuária, os produtos manufaturados eram salame, banha, toucinho, torresmo, leite, nata, charque e outros. As mercadorias eram comercializadas tanto em Criciúma e localidades próximas como transportadas para o porto de Laguna, via Tubarão. "Nos primeiros tempos, ou seja, de 1910 a 1920, o transporte de mercadorias era feito com os carros de boi, daqui para Pontão, pouco depois de Jaguaruna, seguindo de lá, de canoa, para

Laguna. De Laguna a Florianópolis, de navio, o Max, da Firma Hoepcke S.A. que tinha mais dois navios maiores.(...) A firma Cooperativa Victória e a firma Glácomo Búrigo, de Mãe Luzia, e Bortoluzzi & Irmãos, de Nova Veneza, exportavam banha, carne de porco salgada, feijão e outras mercadorias para o Rio" (MILANEZ, 1990).

No último lustro do século passado, Criciúma contava com 11 engenhos de açúcar e alambique, cinco moinhos, quatro casas comerciais e uma fábrica de cerveja. E nos primeiros anos do século XX a sede do município contava com as seguintes indústrias: 12 casas de comércio, seis moinhos, cinco marcenarias, três serrarias, três ferrarias, duas olarias, e **"quase todos os colonos possuíam um parreiral e a produção média de vinho era calculada em 30 hectolitros"** (DALL'ALBA, 1983). Às vezes, a mesma pessoa possuía duas ou mais atividades econômicas em núcleos diferentes.

Muitas dessas pequenas produções, com o passar dos anos, arruinaram-se, e outras oscilavam em épocas de crise, porém garantiram uma base pulverizada em que as outras propriedades tiveram facilidades de acumular, longe das grandes propriedades. Lênin (1985) divide em três categorias os pequenos camponeses: os proletarizados, os que acumulam e os médios proprietários. Em relação à desintegração do campesinato, uma grande maioria perde seus meios de produção, **"ou seja, pressupõe o seu empobrecimento, a sua ruína"**; tomam-se operários assalariados, convertendo-se em mercadoria nas mãos dos novos capitalistas. Há os que acumulam e serão os **"campesinatos ricos, englobando os cultivados independentes (praticam a agricultura mercantil sob todas as formas), os proprietários de estabelecimentos industriais-comerciais, de empresas comerciais etc."**. Estes surgem em detrimento dos produtores médios, adquirindo as propriedades falidas dos arruinados, tomando-os proletários. A terceira categoria é o campesinato médio, que é **"o elo intermediário entre os dois tipos do 'campesinato'(...) que, sob a economia mercantil, é o grupo menos desenvolvido"** e oscila em época de crise. Enquanto alguns vendiam a força de trabalho e recebiam em espécie ou em fatores, outros acumulavam.

Lênin vai mais além, observando que a liberação ou a ruína dos produtores e a apropriação por outros contribuirão para a formação de um mercado interno. **"Os novos proprietários desses meios produzirão, sob a forma de mercadoria, os produtos que anteriormente eram consumidos pelo próprio produtor - vale dizer: amplia o mercado Interno. (...) a ampliação da produção pelos possuidores dos meios de produção coloca no mercado novas demandas de instrumentos, de matérias-primas, de meios de transporte, etc., bem como artigos de consumo (seu enriquecimento acarreta naturalmente um aumento do seu consumo)".** Assim, o capitalista terá em mãos o essencial para ampliar seu capital, ou seja, o capital constante e variável, a mais-valia e o mercado consumidor.

Com relação ao destino do artesão, Lênin assinala: **"Ele comparece ao mercado, mesmo que não leve o seu produto. É natural que, uma vez o conhecendo, ele passe a produzir pouco a pouco para o mercado, transformando-se em produtor de mercadorias. Essa transformação é gradual e, inicialmente, tem um caráter de experiência: os produtos que o artesão oferece no mercado são os que casualmente lhe restam ou que prepara no seu tempo livre. Essa gradualidade é reforçada pelo fato de os mercados serem inicialmente muito limitados.**

A acumulação e a ampliação de algumas poucas propriedades mercantis se fez presente no crescimento da economia do sul catarinense, onde pequenos agricultores tomaram-se comerciantes e industriais. São os casos de Mário Burigo, Elói Burigo e Otávio Burigo, que em 1950 iniciaram com um comércio de produtos para mineração (ferramentas e equipamento para mineiros) e uma metalurgia, adquirida em 1958, fabricando ferramentas para mineração e eletrificação - da qual surgiu a Mecril, Elmar, atualmente uma das mais equipadas de Criciúma; Maximiliano Gaidzinski, um cricumense que trabalhou em empreiteiras do Paraná e em 1936 voltou a Criciúma onde adquiriu um lavador de moinha, um armazém e o direito de explorar carvão de uma empresa carioca. Porém vendeu todos em 1946, ano em que se associou ao irmão num comércio e numa cerâmica. Em 1958,

desfez-se das sociedades e, favorecido por decisão judicial que lhe perdoou as dívidas, comprou a massa falida da Cerâmica Cocal, atual Eliane.

Em 1955, Criciúma contava com 341 varejistas, 12 atacadistas, 35 estabelecimentos industriais, sendo 16 ligados ao ramo carbonífero e quatro ao beneficiamento de banha de porco. Em 1941 funcionava a Cooperativa de Consumo dos Mineiros de Criciúma com quarenta e seis sócios, agregando os mineiros da Sociedade de Crédito Criciumense (FIBGE, 1959).

Nas décadas de 40 e 50, outros comerciantes surgiram e se fortaleceram, tornando-se pequenos industriais; por exemplo: em 1945, Alcini, Jorge e Jaime Zanatta começaram revendendo ferragens, alimentos e confecções, e em 1970 Jorge e Jaime iniciaram a Canguru Embalagens Plásticas - Grupo Zanatta; em 1945 Santo Guglielmi, comerciante em Morro da Fumaça, associou-se a Diomício Freitas, então funcionário da estrada de ferro, para explorar uma mina de carvão adquirida de empreendedores cariocas.

Há exemplos de quem se fortaleceu no próprio comércio, como Zefiro Giassi que, após uma experiência no magistério, em 1960 abriu uma loja de tecidos e ferragens em Içara, nascendo a rede de supermercado Giassi e Cia⁶; Antenor Angeloni, da rede de supermercados Angeloni, começou em 1956 com uma pequena friambreteria em Criciúma, na Rua Seis de Janeiro. Poderíamos incluir os Cechinel, com a tradição de comércio em Morro da Fumaça nas décadas de 40 a 60, os Búrigos da atual Casa Nova em Criciúma, os De Lucca em Içara desde os anos 50.

A análise do processo de industrialização considerando a formação sócio-espacial vai ao encontro da realizada por Mamigonian (1965) sobre Blumenau. Ele observa que "o tipo de colonização favoreceu numa medida importante a industrialização de Blumenau. Criou um excedente econômico que permaneceu, em parte, em Blumenau, e foi dividido entre comerciantes de exportação e importação, diferentes comerciantes e varejistas, colonos mais abastados e artesãos, e permitiu, assim, a

⁶ Zefiro Giassi também administrou por um tempo as finanças dos agricultores de Içara.

constituição de uma boa base financeira indispensável a todo início industrial" (MAMIGONIAN, 1966). Tais fatos observam-se também no sul de Santa Catarina, onde a tradição do comércio, numa região colonizada por pequenas propriedades, foi fundamental para o crescimento industrial.

Há um ponto comum entre as duas regiões: a presença da pequena produção mercantil. Segundo Mamigonian (1985), com o início da colonização estabeleceram-se vários **"pequenos agricultores independentes, artesãos, operários, pequenos comerciantes, que já praticavam uma significativa divisão social do trabalho"**. Para Lênin (1985), **"o processo fundamental de criação do mercado interno (ou seja, de desenvolvimento da produção mercantil e do capitalismo) é a divisão social do trabalho. Ela consiste em que diferentes tipos de transformação de matérias-primas (e de diferentes operações que se realizam nessa transformação) se separem"**. Indo mais além, Mamigonian ressalta o papel fundamental da pequena produção e desvenda o mito do "empresário inovador". **"Esta pequena produção mercantil, que lembra o povoamento do nordeste dos EUA no século XVII, foi fator fundamental para entender o êxito de industrialização de Novo Hamburgo, Caxias do Sul, etc., no Rio Grande do Sul, e de Blumenau, Joinville, etc. em Santa Catarina. Neste sentido, falar em modelo catarinense de desenvolvimento nos parece restritivo, pois o fator fundamental, a pequena produção mercantil transplantada da Europa no século XIX, ocorreu nas áreas de colonização do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e mesmo no Paraná, e seu êxito industrial contrasta com a fraqueza da industrialização, até recentemente, nas áreas de pecuária extensiva (Campanha Gaúcha, Campos de Lages, etc.). (...). Assim, o apelo à interpretação shumpeteriana (o papel dos empreendedores), também nos parece pobre, pois a multiplicação dos empreendedores não pode se dar numa sociedade de base latifundiária, de fraca e pequena produção mercantil"** (*ibid.*).

Conclui-se que a presença de pequenos proprietários é fundamental no processo de industrialização, proporcionando acumulação pulverizada e concorrência entre numerosos pequenos capitalistas.

II - A ECONOMIA SUL-CATARINENSE E O CONTEXTO NACIONAL

1 - Algumas considerações sobre o processo da industrialização brasileira

Vários fatores contribuíram para constituir a arquitetura econômica e social do Brasil. Nas primeiras décadas do século XX, a economia brasileira é ainda um continuísmo do modelo dos séculos passados. O Brasil era enquadrado numa economia primária-exportadora e os esforços se concentravam mais "para fora". **"O fato de que a reduzida atividade industrial, juntamente com o setor agrícola de subsistência, era insuficiente para dar à atividade interna um dinamismo próprio. Assim, o crescimento econômico ficava basicamente atrelado ao comportamento da demanda externa por produtos primários, dando o caráter eminentemente dependente e reflexo de nossas economias"** (TAVARES, 1983). Porém, com sucessivas rupturas, não somente a economia brasileira como a latino-americana voltar-se-ão mais "para dentro". A crise de 1929 rompe com este modelo, passando o Brasil a assumir um novo padrão de acumulação.

Para Ignácio Rangel (1985), que faz uma análise da economia brasileira através dos Ciclos de Kondratieff, **"a economia não se acomoda passivamente"**. Várias são as explicações sobre as alterações ocorridas na economia brasileira durante o final do século passado e início deste. **"Quando a economia mundial entra em recessão - essa longa recessão de um quartel de século, característica do Ciclo de Kondratiev, o qual dura aproximadamente meio século - a economia brasileira, com parte da periferia, tem**

que se esforçar por se ajustar ao novo estado de coisas". Segue Rangei, analisando a economia brasileira, que neste período estava inserida na fase "a" do 3º Kondratiev, de 1896 até 1921: "O coeficiente de abertura da economia voltou a crescer, aumentando o intercâmbio com o exterior, mas, nas condições da I Guerra Mundial e da subsequente fase recessiva do 3º Ciclo Longo, primeiro nas regiões mais desenvolvidas do país e, depois, na economia nacional como um todo, o esforço mercantil de substituição de importações desdobrou seus quadros primitivos, isto é, escalonadamente a substituição de importações ia assumindo feição industrial. Esse movimento tinha de comum com os anteriores o fato de constituir uma forma de substituição de importações; mas distingue-se deles pelo fato de ser industrial. Tinha começado a industrialização do Brasil". Tavares (1983) complementa: "Dentro do próprio modelo primário-exportador teve um vigoroso processo de urbanização acompanhado da implantação de uma infra-estrutura de serviços básicos e o desenvolvimento de uma série de indústrias 'tradicionais', tais como as de alimentos, bebidas, mobiliário, roupas, etc. A própria metalurgia, embora sob a forma artesanal, é bastante antiga no país".

Segundo Mamigonian (1990), "a Revolução de 30 teve relação direta com o período depressivo do 3º Kondratiev (1920 - 1948) e com o fim da hegemonia industrial britânica e da economia agroexportadora, inaugurando o período de expansão da economia nacional sob dinamismo próprio, que interessava tanto às oligarquias rurais regionais voltadas ao mercado interno, como aos industriais que puderam acelerar o processo de substituição de importações". Em 1930, a composição hegemônica do poder político e econômico brasileiro tomará outros rumos. Uma "revolução passiva" entra em cena, liderada por forças contrárias ao então *status quo* hegemônico. A chamada "Revolução de 30" desenhou um novo bloco de poder, não apenas liderado por forças agrário-exportadoras como também por urbano-industriais.

A partir desse momento a indústria brasileira ganhava novo dinamismo com enormes mudanças na composição setorial e ao mesmo tempo fortalecia a capacidade instalada. Desta forma, "a industrialização ia gerando um centro dinâmico interno, que na década de 20 já era considerável, pois a indústria, principalmente o ramo têxtil, era o setor mais importante da economia brasileira após o café. Criava-se um setor industrial, que passava a ter seu próprio dinamismo, que se manifestava nos ciclos juglarianos brasileiros. Cada ciclo médio correspondeu a um degrau na escada da substituição de importações: indústria de bens de consumo simples, indústria de materiais de construção, indústria de bens de consumo duráveis e indústria química e mecânica pesada" (MAMIGONIAN, 1990). Lentamente o parque industrial brasileiro vai se formando, e a dinâmica interna própria de um setor posteriormente fomentará o surgimento de outro.

2 - Uma Introdução à Industrialização de Santa Catarina

No período de 1880 a 1914, a economia brasileira vê o surgimento do processo de industrialização, e a economia catarinense se articulará com o centro mais dinâmico, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo Bossle (1988), analisando o desempenho da economia catarinense a partir de 1880, "entre os anos de 1880 e 1890, Santa Catarina acompanhou o crescimento brasileiro e alcançou a média de 35% relacionada ao número total de estabelecimentos instalados no Brasil; sua participação foi de 6,5%; de 1910 a 1914, a

Indústria dá um salto no seu crescimento, correspondendo, em apenas quatro anos, à mesma média de aumento dos anos 1900-1909, em torno de 50%".

Além dos motivos já analisados - a presença da pequena produção mercantil -, outros fatores contribuíram para este impulso industrial: **"Deve-se à preocupação com a criação de infra-estrutura, adotada a partir de 1903, cuja política visou ao desenvolvimento industrial do país. Os meios de transporte foram apropriados com a construção de diversos portos, ferrovias e obras de urbanização. Em Santa Catarina, foram instaladas hidroelétricas, acompanhadas da ampliação da rede ferroviária" (ibid.).** Essa infra-estrutura estava voltada ao escoamento da produção via exportação, como a erva-mate do oeste, a madeira do norte, produtos manufaturados do Vale do Itajaí e o carvão do sul.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, a economia brasileira experimentou um surto industrial (apesar da incipiente indústria de bens de consumo imediato) pela substituição de importações, e a economia catarinense entra de forma mais acentuada nesta esteira, quando **"a ampliação do mercado interno, tanto para os produtos de alimentação quanto para os manufaturados, como por exemplo os têxteis, impulsiona a produção industrial e conduz, conseqüentemente, ao total aproveitamento da capacidade de produção já instalada. Por causa das reduções nas importações de combustíveis, em especial do carvão, reativou-se a indústria de extração mineral" (ibid.).** Neste entremeio, as atividades exploradoras de carvão no sul de Santa Catarina dão os primeiros passos.

Segundo Cunha (1982), para o período que vai de 1914 a 1945 o fortalecimento da economia catarinense no contexto nacional deu-se pela **"constituição de núcleos urbanos em alguns pontos do Estado, notadamente os situados nas zonas onde a colonização européia já se encontrava consolidada: em decorrência do que, aumentou o grau de divisão do trabalho entre o meio rural e urbano, tornando mais complexas as inter-relações econômicas; a geração de maior volume de excedentes, que proporcionou a**

apropriação de parte dos mesmos por grupos de agentes - comerciantes, agricultores bem sucedidos - puderam assim transferi-lo para a cobertura de investimentos em atividades industriais de porte pequeno; e o aprimoramento do sistema de transporte, que facilitou a comercialização dos excedentes, pelo maior acesso aos portos de embarque".

A partir do momento em que a economia catarinense se engaja no mercado nacional, há um processo concomitante, em que as articulações internas serão capazes de conquistar novos mercados e se pôr, a nível nacional, nos setores que, por razões da sua constituição, terão competitividade, trazendo ao Estado uma dinâmica considerável a partir de grandes empresas.

3 - As peculiaridades do parque industrial catarinense

Estamos numa época de constantes crises e reestruturações da economia contemporânea, fazendo-a forjar novos mecanismos de integração e diversificação de suas potencialidades. A antiga divisão internacional do trabalho vem paulatinamente se rearticulando e constantemente nos deparamos com alterações de paradigmas, sejam eles de cunho social, político, econômico ou cultural, e com isso as velhas fórmulas mágicas que solucionavam entraves na sociedade estão sendo questionadas, porém as mazelas sociais andam a passos de gigante.

Neste cenário, é um tanto ou quanto complexo falar em divisão territorial do trabalho. Marx (1989), em uma breve passagem de "O capital", afirma que "o fundamento de toda divisão do trabalho desenvolvida e processada através da troca de mercadorias é a separação entre cidade e campo. Pode-se dizer que toda história econômica da

sociedade se resume na dinâmica dessa antítese". Ora, a separação entre a cidade e o campo é nitidamente uma divisão territorial (espacial) de formas diferenciadas de executar atividades do trabalho.

Para Massey⁷ (1981), **"o termo divisão espacial do trabalho refere-se à maneira como a atividade econômica responde às desigualdades geográficas nas condições da acumulação - o tipo específico de uso pelo capital, de tal desigualdade"**. Na esteira desse raciocínio, Massey observa que as "condições da acumulação" contribuíram para melhor carregar os traços de uma divisão territorial do trabalho.

O termo divisão territorial do trabalho pode ser a nível de setores, quando determinadas regiões se especializam em algumas atividades de destaque, levando em consideração as condições concretas, dadas e **"herdadas do passado"**: setores ligados à agropecuária, agroindústria, extrativismo mineral e vegetal, indústria de bens de produção e de consumo duráveis. Novamente numa breve passagem Marx (1989) assinala que **"a divisão territorial do trabalho que configura ramos particulares de produção em áreas determinadas de um país recebe novo impulso com a atividade manufatureira que explora todas as peculiaridades"**. Em torno dessa "atividade manufatureira" dominante surgiram as chamadas economias de aglomeração, as quais darão corpo à divisão territorial do trabalho no âmbito setorial.

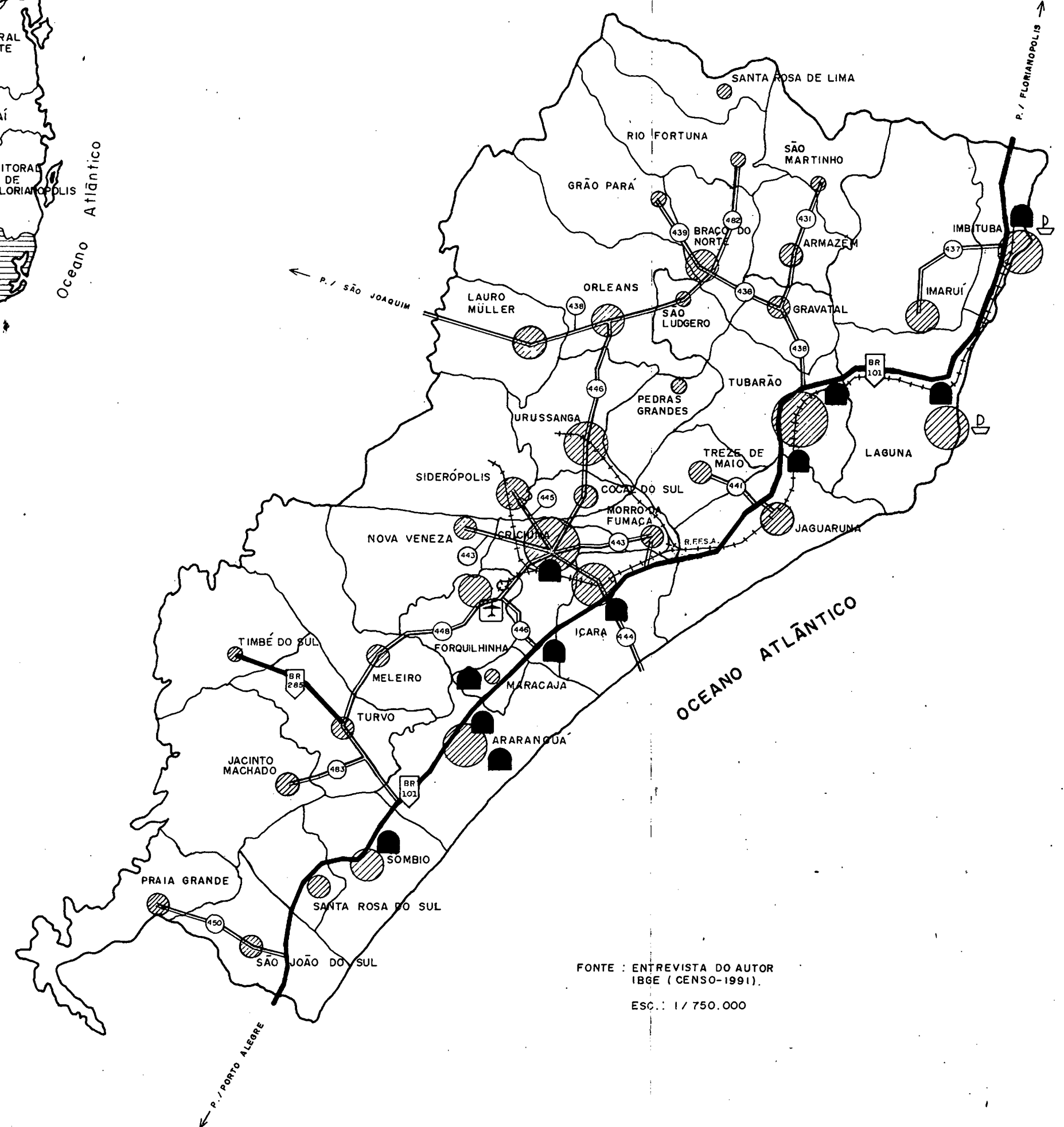
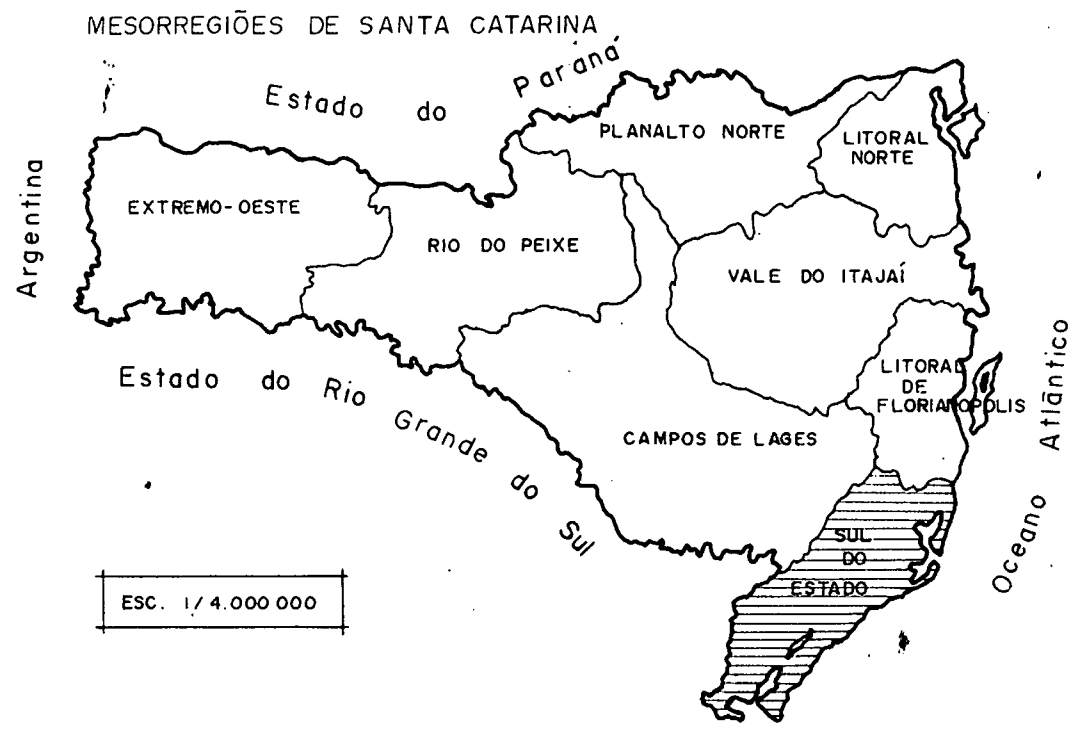
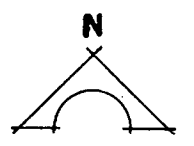
A diversificação e as condições da acumulação da economia catarinense são **X** condicionantes que caracterizam uma divisão territorial do trabalho setorial. Certas regiões de Santa Catarina sempre se destacaram na produção específica de determinadas mercadorias, seja no Vale do Rio Itajaí, no Vale do Rio do Peixe, no Planalto Serrano, no Oeste, no Litoral Norte ou no Sul do Estado.

⁷ Massey utiliza o termo divisão espacial do trabalho nos moldes de Lipietz, em que uma determinada região ou indústria, do ponto de vista do processo de trabalho, é dividida em estágios de produção distintos porém interligados. É uma tripartição das atividades. Nível I: concepção; nível II: fabricação; nível III: montagem desqualificada. As tarefas de níveis I e II ficam predominantemente no centro desenvolvido e as de níveis III são deslocadas para a periferia (LIPIETZ, 1988).

SUL DE SANTA CATARINA

DIVISÃO POLÍTICO - ADMINISTRATIVA E POPULAÇÃO

TOTAL RESIDENTE



LEGENDA

- POPULAÇÃO TOTAL RESIDENTE POR MUNICÍPIO
- Acima de 95.000 hab.
 - até 50.000 hab.
 - até 25.000 hab.
 - até 12.500 hab.
 - até 6.000 hab.
- PORTO MARITIMO (LAGUNA E IMBITUBA)
 - AEROPORTO (FORQUILHINHA)
 - BR
 - RODOVIA ESTADUAL (SC) PAVIMENTADA
 - CENTRO COMERCIAL COM POSTOS DE VENDA DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO
 - ESTRADA DE FERRO D^o TEREZA CRISTINA (R.F.F.S.A.)

FONTE : ENTREVISTA DO AUTOR
IBGE (CENSO-1991).
ESC. 1 / 750.000

Para efeitos de orientação e direcionamento dos investimentos induzidos ou autônomos, o Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria da Indústria, do Comércio e do Turismo (do Governo Casildo Maldaner - 1989/91), classificou e "ajustou" o Estado em "Eixos Industriais", cada qual com tendências a desenvolverem indústrias, comércios ou serviços ligados às atividades de destaque. São elas:

Alimentar: Oeste;

Cerâmico: Sul;

Fruticultura: Planalto Serrano e Vale do Rio do Peixe;

Madeira, papel e celulose: Planalto Serrano e Norte/Nordeste;

Metal-mecânico: Nordeste;

Mobiliário: Norte/Nordeste;

Têxtil: Vale do Rio Itajaí.

Fonte: Santa Catarina: Estado onde investir. Secretaria da Indústria, do Comércio e do Turismo.

Mamigonian (1986) faz a seguinte divisão das regiões industriais de Santa Catarina: "a) áreas alemãs, com mais da metade da produção catarinense; b) área carbonífera do Sul do Estado; c) o Oeste agroindustrial". O mesmo autor segue especificando as peculiaridades de cada região: "No Nordeste de Santa Catarina, de Joinville até Rio Negrinho, no Planalto Norte e deste até Rio do Sul, no Alto Vale do Itajaí, continuando em direção a Brusque, no Vale do Itajaí-Mirim, seguindo a Blumenau e daí até Joinville, fechando-se o perímetro da área onde se localiza a região mais industrializada, (...) totalizando mais de 50,0% do valor da produção industrial catarinense e em proporção maior a este valor da transformação industrial. (...) Os ramos industriais catarinenses concentrados geograficamente na área alemã acima referida são os do departamento I (metalurgia, mecânica, elétrico-comunicações,

material transporte e plástico) e do departamento de bens de consumo (têxtil, vestuário-artefatos têxteis, 'químico' e mobiliário)" (*ibid.*).

Para a Região Sul, Marnigonian destaca as atividades carboníferas: Criciúma na extração; Tubarão na transformação do carvão em energia; Imbituba na industrialização do rejeito do carvão (através da Indústria Carboquímica Catarinense - atualmente desativada); e Urussanga no beneficiamento, extração e na atividade ceramista.

A região do oeste agro-industrial constitui "a terceira grande região industrial de Santa Catarina, onde se processa um crescente sistema de integração e aprisionamento dos colonos aos frigoríficos (suínos, frangos, perus, etc.) Trata-se de mais um caso acabado de agro-indústria no Sul do Brasil, onde surgiram vários negócios de pequeno e médio portes que acabaram desembocando, nos últimos anos, em crescente concentração nas mãos de três grandes grupos: Sadia-Transbrasil, Perdigão Agro-Industrial e Seara, do Grupo Hering" (*ibid.*).

Sobre esta realidade observa-se uma divisão territorial do trabalho a nível setorial no Estado de Santa Catarina. "A combinação de sucessivas etapas produzirá, nas condições de produção, fatos próprios que variam no espaço e contribuem para uma nova forma de distribuição geográfica da desigualdade como uma base para a próxima fase de investimento" (MASSEY, 1981).

4 - O desempenho do setor carbonífero

a) **A descoberta do minério e o início das atividades** - Além do tipo específico de acumulação baseada na pequena produção mercantil, a descoberta do minério de carvão foi fundamental para a economia sul catarinense. Por quase um século a exploração do

carvão foi um dos carros-chefes do crescimento econômico neste espaço, conhecido como a Região Carbonífera, englobando os seguintes municípios: Criciúma, Tubarão, Imbituba, Urussanga, Lauro Müller, Siderópolis, Içara, Morro da Fumaça, Orleans, Nova Veneza, Maracajá, Araranguá, Forquilha e Cocal do Sul.

Já em 1832 o naturalista Friedrich Sellow fez as primeiras anotações sobre o carvão catarinense. Outros estudos foram feitos e em seguida abandonados, como é o exemplo do Visconde de Barbacena, que em 1861 ganhou do Governo Imperial o direito de explorar a região e começou a arquitetar a estrutura básica da exploração: mina-ferrovia-porto. Num primeiro momento, para o escoamento da produção, o Visconde de Barbacena, através de interesses próprios, influenciou o Governo Imperial a fechar contrato com capital britânico para a construção da ferrovia. E em Londres foi formada a "*Donna Thereza Christina Railway Company Limited*", que operou na construção da ferrovia de 1880 até 1884, quando foi inaugurado seu primeiro trecho. Em seguida, as atividades de exploração do minério seriam feitas através de outra companhia britânica, a "*The Tubarão (Brazilian) Coal Mining Company Limited*" (VOLPATO, 1984).

Porém o governo brasileiro encampa a ferrovia e no final da década de 80 a firma do Rio de Janeiro Lage & Irmãos, dirigida por Henrique Lage, recebe a concessão de Visconde de Barbacena para continuar as atividades carboníferas. Henrique Lage era um homem de influência na esfera do poder central e, através de pressões políticas, obteve empréstimos para a ampliação de seus investimentos, como a construção do Porto de Imbituba, de lavadores, abertura de novas minas e mercado garantido para a produção - gás, transporte marítimo e ferroviário (BOSSLE, 1981).

Com isso, somado à redução das importações, se aquece timidamente a industrialização brasileira, com o que as atividades exploradoras do carvão serão altamente beneficiadas. Formam-se as primeiras mineradoras, apoiadas pelo Governo da Primeira República.

<i>Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S.A.</i>	(1917)
<i>Companhia Carbonífera Urussanga S.A.</i>	(1918)
<i>Companhia Carbonífera Próspera S.A.</i>	(1921)
<i>Companhia Carbonífera Ítalo Brasileira Ltda.</i>	(1921)
<i>Companhia Nacional Mineração Barro Branco.</i>	(1922)

Fonte: In: Bossle (1988).

Segundo o CEAG/SC (1980), "a 1ª Guerra foi, em boa medida, o catalizador do segundo impulso de exploração carbonífera, no Sul, na medida em que se restringia o abastecimento vindo do estrangeiro, em especial da Inglaterra. O Governo Federal se interessa, então, pela substituição de importações no ramo. Assim, a exploração do carvão começou, na área, em 1916, sendo ampliada em 1918 com a descoberta das minas em Criciúma e Urussanga. Para o empresariado, contribuíram elementos locais, de origem italiana (Zanette, Martinello, Scott, Milanez, Pizette; entre outros). Provinham da agricultura e do comércio. E deve-se destacar a presença de empresários brasileiros, vindos de outros pontos do país. É o caso de Henrique Lage, José Portella e Paulo de Frontin. O negócio cresceu apesar da tecnologia rudimentar e a falta de planejamento".

Para Cunha (1982), "uma das características da tecnologia aplicada à exploração do carvão foi o baixo grau de mecanização, o que, de um lado, gerou significativa demanda por mão-de-obra e, de outro, fácil acesso à produção e aumento substancial no número de estabelecimentos". Segundo Mamigonian (1986), "os grandes armadores do Rio de Janeiro, como Henrique Lage, ficaram muito vulneráveis à queda das importações de carvão-vapor europeu necessário às caldeiras de seus navios e assim investiram maciçamente na abertura de minas". Já no primeiro Governo Vargas, o carvão nacional teve vantagem sobre o importado, sendo

obrigatório o seu consumo em 10% e mais tarde em 20%. Com a construção da Companhia Siderúrgica Nacional de Volta Redonda na década de 40, com a Política Nacional do Carvão e com a política de substituição de importações, o setor ganhou mais impulso, abrindo oportunidades para **"o aparecimento de empreiteiros locais como Santo Guglielmi e Diomício Freitas, que acabaram criando empresas poderosas" (ibid.)**. Assim, empreendedores cariocas perderão espaço para as iniciativas locais.

De acordo com Villela (1989), **"durante a década de 50 a produção permaneceu inalterada e em 1954 foi criada a Comissão Executiva do Plano de Carvão Nacional - CEPCAM - subordinada diretamente a Presidência da República com orçamento de 1,5% do PIB, cuja meta era aproveitar as potencialidades energéticas deste mineral buscando o aproveitamento de sua lavra, beneficiamento e usos, culminando com a instalação, em Tubarão, da primeira usina termoeletrica do atual Complexo Jorge Lacerda. Na década de 60, com o uso intensivo de fontes energéticas importadas, especialmente o petróleo, o carvão nacional é relegado a segundo plano e ocorre a extinção da CEPCAM"**. Assiste-se, nesta época, ao afloramento de vários municípios da Região Carbonífera baseados em grande parte na exploração do carvão.

Mas é com a crise do petróleo em 1973 que a região presenciará o último *boom* da exploração do minério, impulsionado por políticas estratégicas na substituição de fontes geradoras de energia, com programas de subsídios e a compra da produção pelo governo. Durante os governos militares, incentivou-se ainda mais a produção de carvão, um recurso mineral estratégico. Nesse momento entrou em cena o II PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), cujo objetivo era, **"de forma simultânea, concluir o ciclo de instalação da indústria pesada, acabar de internar a indústria de bens de capital e completar o parque industrial de insumo básico e de bens intermediários; e expandir os serviços de infra-estrutura econômica a cargo das empresas e autarquias estatais, sobretudo nos setores de energia, transporte e telecomunicações" (TAVARES & ASSIS, 1986)**. Após um longo período de prosperidade na economia mundial (1945-1973),

o II PND se desenrolará numa fase depressiva do ciclo. Era a economia brasileira entrando em marcha forçada. "O crescimento veloz, horizontal e tecnologicamente passivo dos anos 1968/73 teve abrupto fim em 1974. Dall por diante, em *marcha forçada*, a economia subiria a rampa das indústrias capital-intensivas e tecnológico-intensivas. A nova arremetida e em particular os Investimentos Integrantes da safra de 74 garantiram cinco anos de crescimento a uma taxa média elevada - pouco inferior, de fato, à taxa alcançada quando da implantação da indústria automobilística.(...) Tomados em conjunto estes anos, verifica-se que de 1974 a 1980 a indústria de transformação cresceu 7,1% ao ano, enquanto a indústria de bens de capital cresceu 8,5% ao ano" (CASTRO, 1985).

Em 1973, a indústria carbonífera de Criciúma representava 36% do faturamento industrial e 45% da mão-de-obra empregada no setor secundário (FUCRI, 1974).

A idéia do Ministério de Minas e Energia, em 1975, "era de substituir os 170 mil barris de petróleo/dia por cinco milhões de toneladas de carvão nacional. Os técnicos calculavam atingir a quantia de 27,5 milhões de toneladas no ano de 1985 (...). Naquela época a região produzia 0,96 milhões de toneladas ao ano de CPL⁸. O governo criou então um sistema junto aos empresários, que por sua vez só se ocupavam com os lucros, sem a mínima preocupação com o meio ambiente. O esquema funcionava assim: o governo fixava o preço e a cota que ia consumir, obrigando as siderúrgicas a comprar uma quantia x de carvão metalúrgico. Em 1980 a produção da Região Sul chegou a 3,3 milhões de ton/ano de CPL. Deste sistema, em que o governo era o único comprador⁹ e toda a estrutura de transporte e beneficiamento era sua, foi se criando um mercado integral para os mineradores. Grande parte deles ficou rica, mas não aproveitou o processo produtivo, não criou novos mercados, não se preocupou com o rejeito". (CÂMARA DOS DEPUTADOS,

⁸ CPL é o carvão beneficiado, e apenas 25% do carvão catarinense é aproveitável, o restante é rejeito.

⁹ As mineradoras não tinham departamento de vendas.

1993). E com o segundo choque do petróleo, em 1979, a produção de carvão ganhou mais reforços.

b) A crise do setor carbonífero - As atividades carboníferas chegaram ao seu auge em 1985, empregando diretamente aproximadamente 15.000 homens e produzindo 4,5 milhões de ton/ano de CPL. Em 1987, com a entrada do carvão importado e a paulatina redução dos subsídios, a produção caiu para 2,7 milhões de ton/ano e os empregos diretos para 9.129. Nesta época, o Ministério das Minas e Energia fazia as seguintes previsões de produção de CPL para a região, e a produção real foi da seguinte ordem:

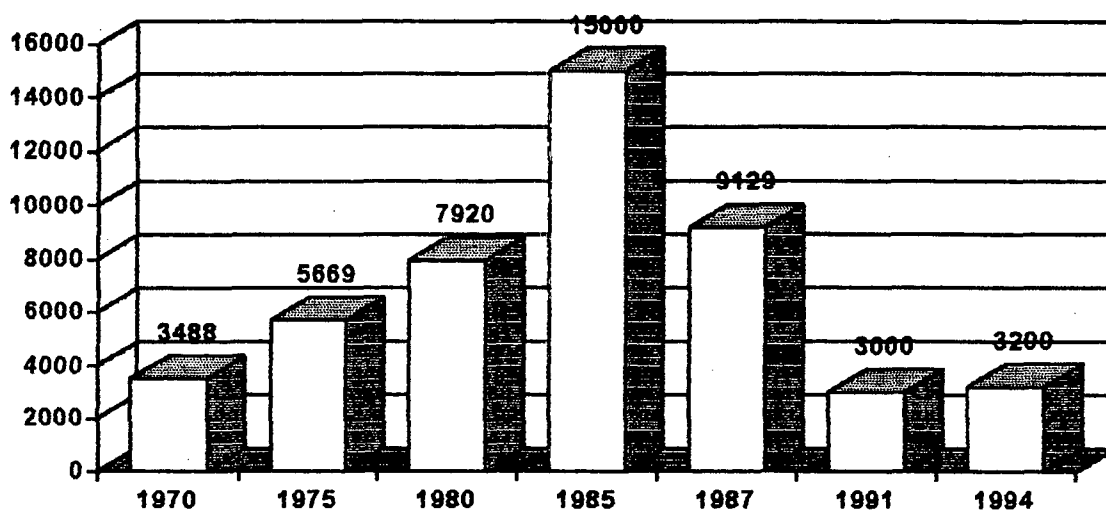
Previsão do Ministério das Minas e Energia e a produção real de carvão beneficiado no sul de Santa Catarina (em milhões de toneladas)

Previsão		Produção real	
Ano	Ton.	Ano	Ton.
1988.....	5,3	1988.....	4,1
1989.....	4,3	1989.....	2,6
1990.....	4,2	1990.....	1,1
1991.....	4,0	1991.....	2,3
1992.....	3,0	1992.....	2,3
		1993.....	1,5

Fonte: Informativo Anual da Indústria Carbonífera - 1988/Dep. Nac. de Pesquisas Minerais - DNPM
Sind. dos Trab. na Ind. de Extração do Carvão de Criciúma.

A realidade foi muito diferente. "Com a ascensão de Fernando Collor à Presidência da República em 1990, o carvão vai receber o seu golpe de misericórdia. Depois de quatro décadas de protecionismo, o governo decide romper, sem qualquer preparo ou aviso, o acordo que obrigava as empresas siderúrgicas a comprarem a produção nacional do carvão metalúrgico" (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1993). Para completar, libera o preço, acaba com os vários subsídios, desativa o Lavador de Capivari e a Indústria Carboquímica Catarinense - ICC - em Imbituba, privatiza todo o complexo siderúrgico estatal, onde se destaca a Companhia Próspera, subsidiária da CSN, controlando 27% da produção de carvão e 37% das reservas em Santa Catarina.

**Trabalhadores diretos no setor de extração mineral
na Região Carbonífera - 1970/94**



Fontes: Censo Industrial FIBGE - 1970, 1975 e 1980;

DNPM - 1987;

**Sind. dos Trab. na Ind. de Extração do Carvão de Criciúma - 1985,
1991 e 1994.**

Atualmente, as onze mineradoras, as duas beneficiadoras e as quatro coqueiras empregam 3.200 homens. Entre as onze mineradoras há uma experiência de autogestão: é na CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá S.A.), administrada pelo Sindicato dos Mineiros de Criciúma e pelos próprios trabalhadores, os quais a obtiveram após vitória histórica e muita luta com os antigos proprietários - que a levaram à falência - e com a justiça.

**Participação no número de operários por município
no setor carbonífero (em %)**

Município	Número de operários
Criciúma	63,4
Siderópolis	15,1
Forquilha	14,9
Urussanga	3,4
Lauro Müller	3,1

Fonte: Sindicato dos Mineiros de Criciúma - 1994

Enquanto a economia brasileira agonizava em sua *ilha de prosperidade* pós-73, a Região Carbonífera começava a viver sua fase áurea. Porém, a partir de 1990, Criciúma e região dialeticamente presenciarão uma crise dentro da própria crise. Cidades como Siderópolis e Lauro Müller serão altamente castigadas. O que manterá a economia nos trilhos será a diversificação no parque fabril, como a cerâmica, o vestuário, o calçado, o setor químico e o metal-mecânico.

Uma das séries de contradições geradas pelo setor carbonífero foi e continua sendo a degradação da qualidade ambiental na região. As empresas exploradoras somente se preocupavam com os lucros, não medindo conseqüências ambientais futuras.

A poluição do ar (com chuvas ácidas - ácido sulfúrico), dos mananciais hídricos (2/3 dos rios na região estão contaminados com metais pesados, mantendo o nível de ph da água muito baixo), a destruição da cobertura vegetal em áreas próximas às atividades exploradoras e a extinção de espécies de animais raros são algumas das conseqüências causadas pela exploração desenfreada da extração do minério de carvão. A presença de paisagens lunares em Siderópolis faz parte do cotidiano da cidade, onde a exploração era feita a céu aberto. Em 1980, a Região Carbonífera foi considerada pelo Decreto nº 85.206/80, como a **14ª Área Crítica para Efeitos de Controle da Poluição e Conservação da Qualidade Ambiental**.

Outro sério problema é a qualidade de vida dos mineiros, como as das comunidades próximas às minas. A pneumoconiose é a doença que mais afeta os mineiros, tornando-os inválidos para qualquer atividade que exija esforço físico. **"São 3.200 homens com pneumoconiose, ou pulmões entupidos por pó de carvão e próximos a um tubo de oxigênio. No inverno, 70% dos leitos hospitalares da cidade são ocupados por pacientes com doenças respiratórias"** (EXPRESSÃO, 1991).

As condições de higiene e segurança nos locais de trabalho dos mineiros são simplesmente inaceitáveis. É uma agressão ao mineiro. Terezinha Gascho Volpato (1984) o relata de maneira brilhante em **"A Pirita Humana"**.

5 - O setor cerâmico

a) A origem e as iniciativas locais - "Criciúma notabilizou-se nacionalmente como a Capital do Carvão, pelas exuberantes jazidas que possui, principalmente agora quando a crise do petróleo traz conseqüências graves para a economia. Mas, além do carvão, a grande impulsionadora econômica da cidade e da região, como que

trabalhando silenciosamente, é a Indústria do azulejo. Essa sua importância fará com que a cidade carvoeira, em pouco tempo, segundo as previsões, seja transformada em importante pólo de investimentos em Santa Catarina" (MANCHETE, 1975). Estas previsões confirmaram-se nos anos seguintes.

As molas propulsoras do setor cerâmico foram a existência de argila (barro-branco) de boa qualidade, adequada para refratários, e algumas iniciativas locais de pequeno porte.

Em 1919, Henrique Lage, juntamente com um técnico italiano, fundou a Indústria Cerâmica Henrique Lage, em Imbituba, que produzia porcelanas; mais tarde foi vendida a João Rinza, um empresário local. Em 1946, surgiu a Cerâmica Santa Catarina Ltda., em Criciúma, fundada por vários sócios (entre eles estavam: Maximiliano Gaidzinski, Elias Angeloni e Jorge Cechinel). Em 1952, fundou-se a Sociedade Cerâmica Cocal Ltda., também composta por uma série de sócios, porém adquirida no final da década por Maximiliano Gaidzinski. Em 1966 foi fundada a CECRISA - Cerâmica Criciúma S.A - de Diomício Freitas. A partir desse momento as cerâmicas surgirão como uma nova alternativa à reprodução ampliada de muitos empreendedores da região, os quais detinham poderes políticos indiscutíveis. Alguns proprietários de minas serão proprietários de cerâmicas, caso do Grupo Freitas.

Em 1970 o ramo de minerais não-metálicos, em Criciúma, empregava 8,2% da mão-de-obra do setor secundário e 6,6% do valor da produção industrial (FIBGE, 1970). Já em 1973 o mesmo ramo empregava 14% do setor secundário e 21% do faturamento industrial (FUCRI, 1974).

Atualmente, grandes grupos controlam a produção de revestimentos cerâmicos na região, destacando-se, sobretudo, as cerâmicas do Grupo Gaidzinski, que participam com 14% da produção nacional, com cinco unidades no sul e uma no Espírito Santo (Ornato S.A - Serra), Minas Gerais (Palmas S.A - Vargea da Palma), Pernambuco (Eliane do Nordeste S.A - Recife), Mato Grosso (Eliane Centro Oeste S.A - Rondonópolis) e Paraná (Florâmica

S.A - Londrina). O Grupo atua também no setor metalúrgico (Imecal Ltda.); e no alimentício (AgroEliane Indústria de Alimentos S.A¹⁰).

Também se destacam as cerâmicas do Grupo Cecrisa, participando com 27% da produção nacional, com cinco unidades no sul - Cecrisa, Cesaca¹¹, Portinari e Eldorado, em Criciúma, e Incocesa em Tubarão, e uma em Minas Gerais (Unidade VIII - Cenisa, em Santa Luzia) e outra no Rio de Janeiro (Unidade VII - Klace¹²).

Porém há outras cerâmicas de grande porte na região, como a De Lucca, do Grupo De Lucca, com uma unidade no Pará (Inca S.A - Ananindeua); a Vectra, em Içara, e a Moliza, em Morro da Fumaça, também são de relativa importância.

Os municípios que se destacam na produção de revestimentos cerâmicos são: Criciúma, Tubarão, Urussanga, Cocal do Sul, Içara, Imbituba e Morro da fumaça. Santa Catarina participa com 54% da produção nacional de revestimentos cerâmicos.

b) A participação efetiva do Estado, um fator determinante - A partir de 1964, a política de apoio à construção civil tomou outro rumo: "O Sistema Financeiro de Habitação, criado em 1964 em torno do Banco Nacional de Habitação, mas subsistindo embrionariamente um sólido pilar - o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - com seu formidável poder de exação de poupança das empresas - e reforçou outro, da poupança voluntária, com a simplificação e popularização da caderneta de poupança" (TAVARES & ASSIS, 1986). Estava montado juridicamente e institucionalmente todo o aparato financeiro; foi a época do *dinheiro fácil*. "A partir de 1967, à construção civil foram destinados créditos abundantes do BNH e, em 1968, o seu produto cresceu 23% em relação ao ano anterior. Este foi o início do *boom* que logo depois envolveu a indústria automobilística e outros ramos produtores de bens duráveis de consumo. Para estimular a demanda, mecanismos de créditos foram acionados e em grande

¹⁰ A AgroEliane foi vendida em abril de 1995 para a Ceval Alimentos.

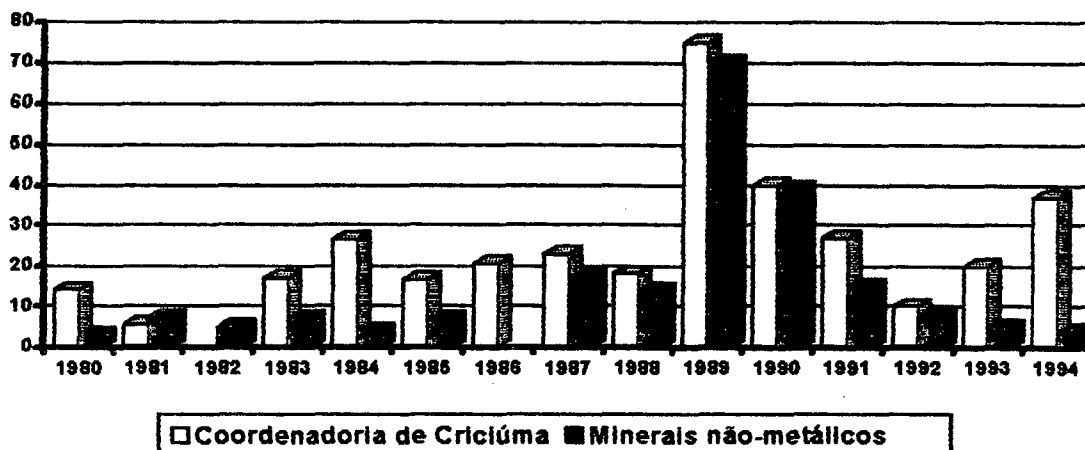
¹¹ Fechada em maio de 1995.

¹² Fechada em junho de 1995.

escala. No caso da construção civil, o BNH oferecia créditos maciços aos construtores, permitindo-lhes acelerar as obras" (SINGER, 1989). Na esteira da linha de créditos, entram as indústrias de insumos para a construção civil. O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE - foi um dos grandes articuladores na liberação de recursos para as cerâmicas; mais tarde entrou o Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina - BADESC.

No Relatório de Atividades do BADESC de 1975 é ressaltado: "Dois pressupostos básicos foram considerados na estruturação do Banco: 1) Adequação aos Modelos Básicos de Bancos de Desenvolvimento, Instituídos pela Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico; 2) Ajustamento desses modelos à realidade catarinense. O fortalecimento gradual do Sistema Nacional de Bancos de Desenvolvimento pressupõe o arraigamento da filosofia central básica de desenvolvimento econômico, preconizada pelo II PND, nos Estados, que consolidará os objetivos do Governo Federal".

Total de contratações feitas pelo BADESC ao setor de minerais não-metálicos e à Coordenadoria de Criciúma^{13*} - 1980/94 (em %).



Fonte: BADESC - Relatório de Atividades.

* Vale do Rio Tubarão, Sul de Santa Catarina e Extremo Sul de Santa Catarina.

¹³ Os dados de 1982 para a Coordenadoria de Criciúma e os de 1986 aos minerais não-metálicos não estão disponíveis.

Os recursos liberados pelo BADESC ao setor de minerais não-metálicos basicamente se destinam às cerâmicas no sul do Estado. E a região é a segunda na participação das cotas do banco, perdendo apenas para o Vale do Rio Itajaí. Os anos de 1989 e 1990 refletem bem esta realidade, quando foram destinadas ao setor de minerais não-metálicos 70% e 39% respectivamente. Em termos regionais, a Coordenaria de Criciúma, abrangendo Tubarão e Araranguá, em 1989 absorveu 75% das contratações e em 1990, 40%. Mesmo nos anos de 87, 88 e 91 tais cotas foram significativas, absorvendo 17%, 14% e 15% respectivamente.

A história do BRDE não foi muito diferente. Das contratações realizadas nos períodos de 1963/81 o gênero dos minerais não-metálicos absorveu 12% e a Microrregião Carbonífera participou com 10,7%. Nos períodos de 1984/85 e 86 (o BRDE ficou sob liquidação extrajudicial de 1989 até 1991), o setor absorveu 3,4% das contratações e a microrregião, 12%.

Atualmente, em função da queda do consumo interno de revestimentos cerâmicos, a exportação está sendo o complemento para a utilização da capacidade ociosa. Segundo o Sindicato dos Mobiliários de Criciúma, o setor abrigava diretamente, antes de 1990, até 16.000 funcionários, reduzindo-se para 12.000 em 1993. Contraditoriamente, a recuperação está sendo à base do binômio crescimento-desemprego. A CESACA, em 1990, empregava 680 homens, produzindo 6 mil m²/mês; atualmente, com qualidade superior, mantém a mesma produção com 380 homens; e a Portinari, do Grupo Freitas, com apenas 60 homens direto na produção, produz 7,8 milhões m²/ano.

A tabela abaixo mostra mais informações sobre as maiores cerâmicas de Santa Catarina:

Quadro demonstrativo das principais cerâmicas em Santa Catarina

Grupo	m ² /ano (em milhões)	Exportação (%)	Empregos	Ano de fundação	Localização
Ellane (1)	48,0	25	5.260	1959	Cocal do Sul
Cecrisa	45,0	25	4.300	1971	Criciúma
Vectra	4,8	06	321	1977	Içara
De Lucca	4,3	10	311	1989	Criciúma
Ceusa	2,6	25	189	—	Urussanga
Molisa	1,5	—	188	—	M. da Fumaça
Recel	2,2	01	186	—	Criciúma
Itagres	3,6	30	160	1975	Tubarão

Fontes: Revista Expressão - Expressão Issue, Setembro/1993;

(1) FIESC - Santa Catarina em dados, 1993.

Ao Brasil correspondem 12,4% da produção mundial de revestimentos cerâmicos, e a região sul catarinense participa com 46% da produção nacional e 45% das exportações.

Produção nacional.....140,0 milhões de m²/ano

Produção sul catarinense.....64,5 milhões de m²/ano

Exportação sul catarinense.....12,6 milhões de m²/ano

Exportação nacional.....65,5 milhões de US\$

Exportação sul catarinense.....29,7 milhões de US\$

Fonte: Sindicato da Indústria Cerâmica de Criciúma - 1991.

Os períodos mais críticos para o setor foram a recessão de 81/83 e 90\91 e a extinção do Banco Nacional de Habitação. Recentemente, o Sindicato das Indústrias Cerâmicas de Criciúma lançou uma série de sugestões para a recuperação do setor. São quinze propostas de Política Habitacional, todas envolvendo a participação direta ou indireta do Estado, do tipo: **"Criar mecanismos para aumentar a captação de poupança, destinado-a ao financiamento de imóveis novos e usados, juntamente com os recursos do FGTS, PIS, PASEP e FINSOCIAL"**, demonstrando, assim, que os empresários do setor cerâmico ainda estão extremamente ligados aos recursos provenientes do Estado.

É o setor cerâmico que fomentará ainda mais o surgimento de fortes economias de aglomeração, como indústrias metalúrgicas para a fabricação de equipamentos e peças de reposição, indústria de fritas, granilhas e esmalte cerâmico e indústrias de embalagens e materiais gráficos.

6 - A diversificação do parque industrial do sul catarinense e a formação de pequenos e médios grupos empresariais

A região sul de Santa Catarina sempre foi conhecida como produtora e beneficiária do minério de carvão e de revestimentos cerâmicos, porém não se resume nisto.

Ocupando 10% do território estadual, os 37 municípios são divididos nas seguintes microrregiões: de Laguna, do Sul Catarinense e do Extremo Sul Catarinense. O mapa um mostra, além da divisão político-administrativa, a população total residente por município, as principais rodovias pavimentadas, os portos, o aeroporto, a ferrovia e os centros comerciais

com postos de venda da indústria do vestuário. A taxa geométrica de crescimento populacional pode ser acompanhada no mapa dois.

Alguns municípios sobressaem na produção de carvão, revestimentos cerâmicos, vestuário e também de descartáveis plásticos, calçados, molduras e metalurgia; uns com mais, outros com menos destaque (mapa três).

**Atividades Industriais e os municípios do sul catarinense
que mais se destacam**

Vestuário	Revestimento cerâmico	Descartáveis plásticos	Extração de carvão	Calçados	Metal- mecânico	Molduras
Criciúma	Criciúma	Criciúma	Criciúma	Sombrio	Criciúma	Orleans
Araranguá	Cocal do Sul	Içara	Forquilha	Nova Veneza	Nova Veneza	Braço do Norte
Tubarão	Urussanga	São Ludgero	Siderópolis	Araranguá	Cocal do Sul	São Ludgero
Içara	Tubarão	Orleans	Urussanga	Criciúma	Içara	
M. da Fumaça	M. da Fumaça	Urussanga	Lauro Müller	Orleans		
Nova Veneza	Içara					
Maracajá	Imbituba					
Jaguaruna						

Fontes: Sindicatos das respectivas categorias;

Prefeituras Municipais;

FIESC (Guia das Indústria de Santa Catarina - 1993);

Entrevista do autor.

Abaixo a participação na indústria de Santa Catarina de alguns municípios do sul catarinense.

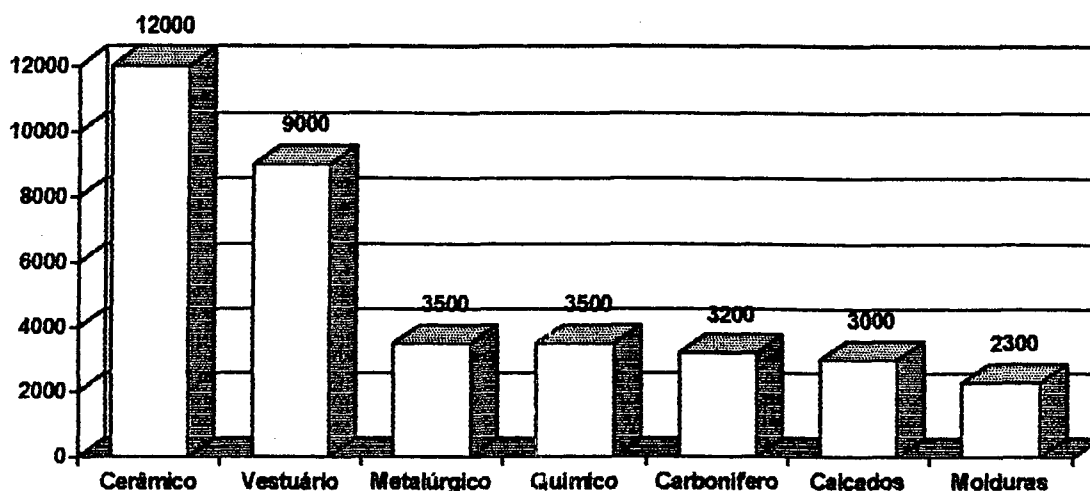
**Participação no total da Indústria de Santa Catarina
por município - 1993 (em %)**

Município	Participação (%)
Criciúma.....	4,91
Tubarão.....	1,83
Araranguá.....	1,05
Içara.....	0,88
Morro da Fumaça.....	0,84
Urussanga.....	0,86
Nova Veneza.....	0,61
Orleans.....	0,56
Sombrio.....	0,45
São Ludgero.....	0,25
Maracajá.....	0,15
Total.....	12,14

Fonte: FIESC (Guia das Indústrias de Santa Catarina - 1993)

O potencial industrial de Criciúma (4,91%) está apenas atrás de Blumenau (6,32%) e Joinville (5,73%). Já Tubarão (1,83%) e Araranguá (1,05%) ocupam, respectivamente, a 10ª e a 20ª posição. Em termos de número de operários nos setores já referidos, a ordem é a seguinte:

Número de operários na Região Carbonífera nos segmentos de maiores destaques - 1994.



Fonte: Sindicatos das respectivas categorias.

A região tem um parque industrial significativo, alimentado por inúmeras pequenas e médias empresas e grupos empresariais de pequeno e médio porte. As origens de alguns grupos foram mencionadas no capítulo anterior - Zanatta, Freitas, Angeloni, Giassi, Burigo e Gaidzinski. São procedentes do capital comercial, numa região em que a base do processo de industrialização foi acompanhada pela presença da pequena produção mercantil e atividades ligadas ao carvão e cerâmica.

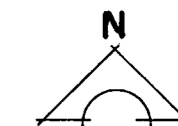
Os grupos econômicos de maior destaque geralmente estão presentes nos setores cerâmico, carbonífero, químico e comercial. Vejamos alguns:

1) Setor cerâmico:

* **Grupo Gaidzinski:** com cinco unidades de cerâmicas em Santa Catarina e outras cinco distribuídas em Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco e Mato Grosso; no metalúrgico, a Imecal; e na mineração, a Minei.

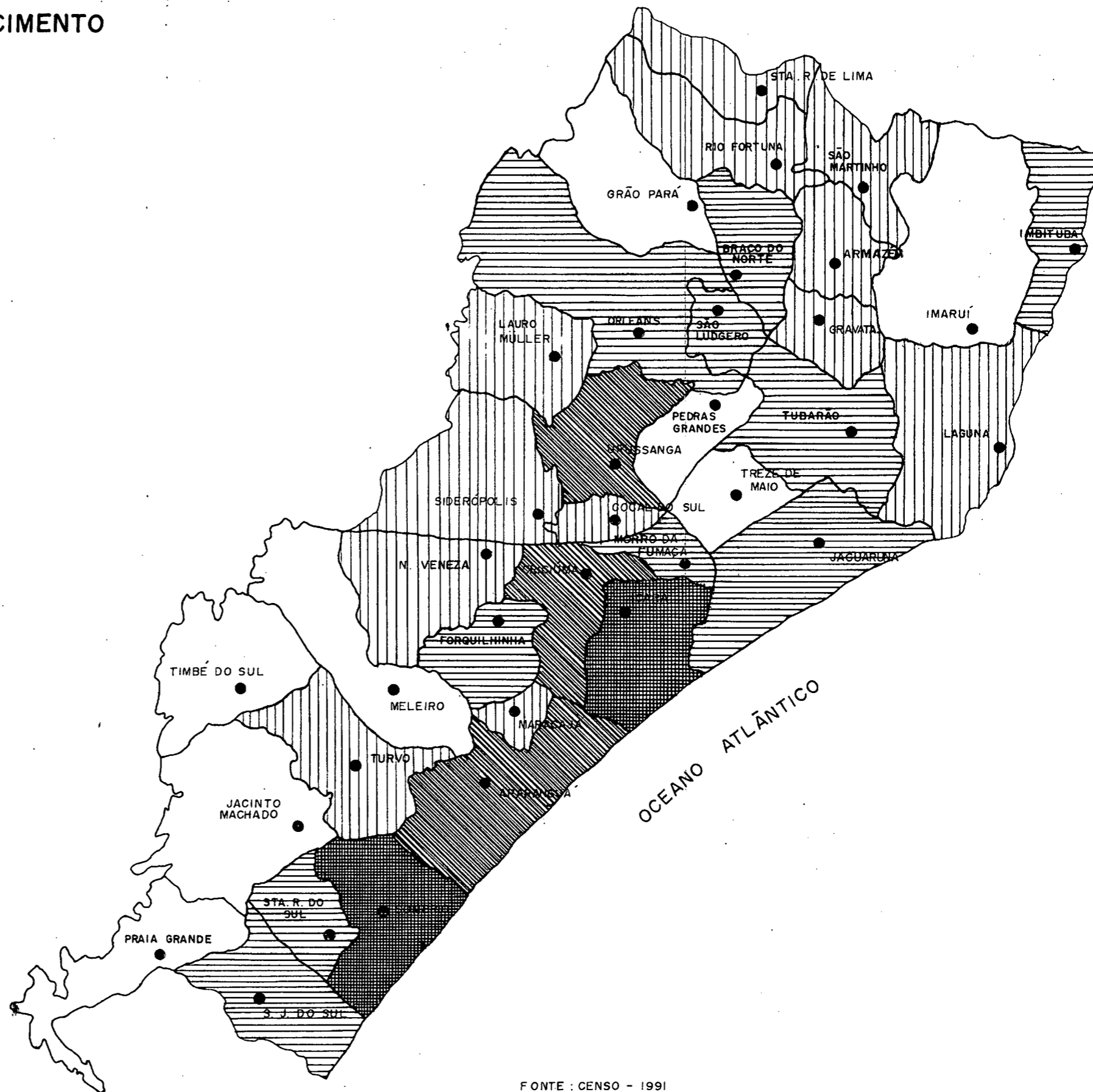
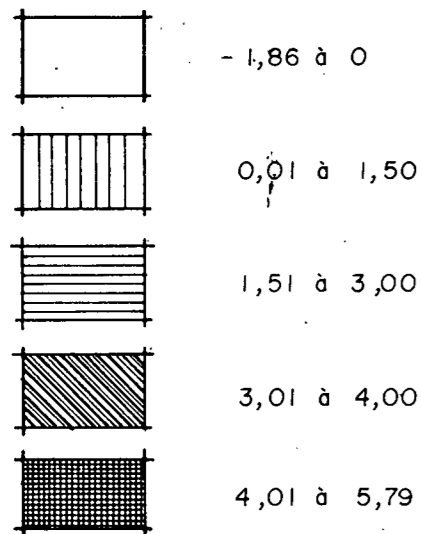
SUL DE SANTA CATARINA

TAXA GEOMÉTRICA MÉDIA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL



LEGENDA

TAXA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL (em %)
Período (1980 / 1991)



FONTE : CENSO - 1991
ESC.: 1/750.000

* **Grupo De Lucca:** além da Cerâmica De Lucca, em Criciúma, há outra unidade no Pará. Atua na revenda de veículos (Crível Veículos e Motos); no comércio de materiais de construção (Copisa); e na construção civil (Constril).

* **Grupo Cecrisa (Freitas):** com cinco unidades de cerâmica no sul catarinense e uma fábrica de fritas, outra cerâmica em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Na área de comunicações conta com sete emissoras de rádio e três de televisão (Rede de Comunicações Eldorado - RCE); na mineração (Lavrasa); Balneários Conventos; Agropecuária Conventos; e em obras rodoviárias (Corte)¹⁴.

II) Setor carbonífero e metalúrgico:

Muitos mineradores optaram por metalurgia como apoio e manutenção da mina, entrando no mercado em seguida.

* **Grupo Guglielmi:** viveu os períodos mais prósperos no auge da exploração do carvão. Além da Carbonífera Metropolitana, recentemente adquiriram a Companhia Próspera, uma subsidiária da CSN privatizada - a Nova Próspera. Também são proprietários do Hospital São João Batista e Santa Catarina, ambos em Criciúma; da Água Mineral da Guarda, em Tubarão; do Laguna Turismo Hotel; fazendas de gado em Içara, Tubarão e Foz do Iguaçu; e a Metalurgia Ingusa.

***Grupo Fidells Barata:** relativamente novo, do início dos anos 70. São proprietários da Carbonífera Catarinense, Treviso, Barro Branco, Cosul, Incol e da Sogemil - Sondagem de Minas; na metalurgia, a Sidesa (adquirida de Jorge Cichenel); no comércio, a Dicol (Distribuidor de Correias); no transporte coletivo praticamente monopoliza o transporte urbano de Criciúma e Tubarão, com 50% da Transporte Forquilha, Rio Mania, São Marcos, São Geraldo e Socibra.

¹⁴ A Industrial Conventos (que fabrica peças para cerâmicas) e a Construtora Conventos (construção civil) também são de propriedade de pessoas ligadas à família Freitas (Hilário Freitas), porém independentes do Grupo Freitas.

* **Grupo Zanette (João Zanette):** pertence ao Grupo a Companhia Carbonífera Urussanga, na exploração do carvão; a Milano Metalurgia (adquirida da Mecril, Elmar); e a Recauchutagem de Pneus Primeira Linha.

III) Setor químico:

* **Grupo Zanatta:** um dos grupos mais diversificados e dinâmicos da região. No setor químico estão com a Inza Copos Plásticos, Embalagens Canguru, Tintas Farbem, Tubos e Conexões Tubozan, Tinturaria BBTEX e a Imbralit (produzindo telhas de amianto); a Transporte Zanatta; a Comercial de Ferragens Zanatta e Motozan - Revenda de Motos Yamaha; e no metalúrgico, a Servicom, para manutenção interna.

IV) No Setor Terciário: comércio varejista:

* **Angeloni:** com uma rede de quinze lojas, distribuídas nas cidades mais importantes de Santa Catarina. O Supermercado Angeioni, segundo a Revista SuperHiper, em 1992 ficou em 24º lugar entre os supermercadistas no *ranking* de lucros brutos do país. Além disso, atualmente revende combustíveis e lubrificantes.

* **Giassi e Cia:** com uma rede de seis lojas distribuídas no sul do Estado. O Supermercado Giassi e Cia, segundo a mesma revista, em 1992 alcançou o 98º lugar no *ranking* de lucro bruto do país.

O dinamismo e a diversificação econômica são comuns nestes grupos que se distribuem em vários ramos, indo do alimentício, passando pelo cerâmico e desembocando em transporte de cargas. Após um período de acumulação, a diversificação empresarial passa por ramos afins com as atividades industriais mais destacadas na região. Várias

metalúrgicas foram montadas para atender as necessidades das minas e cerâmicas, portanto um ramo atrativo. Os grupos de pequeno porte optam por ramos que estão em franca expansão. Exemplos são as inúmeras indústrias de descartáveis plásticos. O quadro abaixo mostra o potencial de grupos econômicos da região:

**Principais grupos econômicos da Região Carbonífera, segundo a sua
diversificação e potencialidade**

Grupo	Setores	Empregos	Faturamento (anual - dólar/mil)
Gaidzinski (1)	Cerâmico, metalúrgico e mineração	9.000	US\$ 300.000
Guglielmi	Mineração, hospitalar e hoteleiro	4.800	US\$ 180.000
Freitas (2)	Cerâmica	3.600	US\$ 209.700
Zanatta	Químico, transporte, metalúrgico e comércio	3.500	US\$ 156.000
Angeloni	Comércio e revenda de combustíveis	2.500	US\$ 120.000
Barata	Mineração, metalúrgico, transporte, comércio	1.292	—
Zanette	Mineração e metalúrgico	1.200	US\$ 16.000
Giassi	Comércio	800	US\$ 10.000 (líquido)
De Lucca (3)	Cerâmica, construção civil e revenda de motos e automóveis	311 (cerâmico)	US\$ 23.000 (cerâmico)

Fontes: Entrevista do autor;

(1) Revista Expressão - Fevereiro/1990;

(2) Folha de S. Paulo 20/11/94;

(3) Revista Expressão - *Expressão Special Issue*, Setembro/1993.

Para os pequenos e médios grupos, a realidade não é diferente. Muitos se diversificam, entrando em outros setores econômicos. Não obstante, tais grupos desfilam no setor do vestuário ou dos calçados. Exemplos: os Matiola, em Morro da Fumaça,

começaram como cerealistas (Arroz Mariano e Matiola), diversificando para o cerâmico (Cerâmica Matiola) e vestuário; Ari Dal Bó, da Crisul, começou nos calçados, ampliando para a hotelaria.

É a consolidação econômica, política e ideológica no sul de Santa Catarina, pois a classe que dispõe do poder material conseqüentemente dominará o poder ideológico.

No que se refere ao carbonífero e ceramista, já analisados, fazem parte da história econômica da região. A compreensão da origem e evolução dos demais setores faz-se necessária, afinal o vestuário imbricará neste meio. Para isso, foram selecionados os setores calçadista e químico (descartáveis plásticos).

a) Químico - O surgimento, por um lado, das cerâmicas e paralelamente seus laboratórios de análise química para descobrir novos materiais de maior qualidade e resistência; e, por outro lado, o surgimento e fortalecimento das embalagens Canguru e da Incoplast, em 1970¹⁵, e da Inza Copos Plásticos, em 1973, estimularão, na Região Carbonífera, sobretudo a partir dos meados dos anos 80, o surgimento de várias indústrias químicas na linha de massa plástica, produtos de limpeza doméstica, embalagens plásticas, descartáveis plásticos e canos flexíveis e PVC.

Os municípios que mais se destacam são Criciúma, São Ludgero, Urussanga, Içara e Orleans, os quais participam respectivamente com 40,0%, 28,1%, 15,0%, 9,6% e 7,3% do número de trabalhadores no referido setor (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Criciúma).

Quem entrará neste setor serão empresários que, às vezes, nada têm a ver com o segmento químico. É o caso da Plazom em Orleans, cujo proprietário é o mesmo da rede de lojas Zomer; dos Copos Crocetta, atuando no beneficiamento de madeira (Crocetta Indústria e Comércio de Madeira); dos Copos De Villa (650 ton/mês), em Urussanga, ligado

¹⁵ Em março de 1970 foi fundada a Incoplast Ind. de Plásticos Ltda. em São Ludgero. Atualmente a Incoplast tem uma produção mensal de 500 toneladas.

à Minaplast Máquinas Industriais; dos Scremin, em Criciúma, que começando com torrefação de café (Café Scremin), em 1979 entram para a confecção (To Play e a Replay) e em 1989 o proprietário da Replay entra na produção de descartáveis plásticos (Coposul). Percebe-se que a diversificação é freqüente. Acumula-se em determinado setor, expandindo-se em seguida onde as expectativas são vantajosas.

**Número de estabelecimentos e de operários do setor químico¹⁶
no sul de Santa Catarina - 1975/94**

Anos	Empregos	Nº de empresas
1975	221	5
1980	893	9
1985	1.400	15
1987	1.800	20
1989	2.000	25
1992	2.500	35
1994	3.200	43

Fontes: Censo Industrial FIBGE - 1975 e 1980;

**Sind. dos Trab. nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de
Criciúma - 1985/94.**

Em 1985 havia apenas 15 fábricas, gerando 1.400 empregos. A Canguru e a Inza eram responsáveis por 1.010. Atualmente, a região é responsável por aproximadamente 50% da produção nacional de copos descartáveis, sendo 70% destinados aos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro.

¹⁶ Incluindo os descartáveis plásticos.

**Quadro demonstrativo das principais Indústrias do setor químico
(descartáveis plásticos) no sul catarinense - 1994**

Empresas	Empregos	Part. merc. nacional %*	Produtos	Localização	Ano de fundação	Outros ramos** que atua o grupo
Canguru (1)	450	5,0	Embalagens	Criciúma	1970	Com., met., transp. e quim.
Incoplast (2)	358	--	Embalagens	São Ludgero	1970	Grupo Incoplast
Inza (1)	330	18,8	Copos	Criciúma	1973	Com., met., transp. e quim.
Copobras (3)	260	4,7	Copos	São Ludgero	1991	Grupo Incoplast
Minoplast (1)	220	10,4	Copos	Urussanga	1977	Metalurgia
Piazom	140	--	Emb. e mang.	Orleans	1967	Comércio
Copaza	110	4,7	Copos	Içara	Início 90	Comércio e hotelaria
Coposul	100	7,1	Copos	Içara	1987	Vestuário e alimentos
Joplaste	80	2,3	Copos	Urussanga	--	--
Guará	40	--	Embalagens	Criciúma	1985	--
Grafulin	40	--	Embalagens	Criciúma	1991	--
Embrap	30	--	Garrafas	Urussanga	Final 80	Metalurgia
Crocetta	20	--	Copos	Orleans	1993	Madeira
CEL	20	--	Embalagens	Criciúma	1994	Construtora

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de Criciúma;

(1) Entrevista do autor;

(2) Diário Catarinense 12/03/95;

(3) Diário Catarinense 01/05/95;

*** BADESC - Relatório de Atividades, 1994;**

**** Comércio (Com.); Metalurgia (met.); Transporte de cargas (transp.); Química (quim.).**

Somente o Grupo Zanatta controla 18,8% do mercado nacional de descartáveis plásticos (Inza - 5.400 ton/ano) e 5% do mercado de embalagens plásticas (Canguru - 15 mil

ton/ano). Na produção de telhas de amianto (Imbralit - 168 mil ton/ano), 10% do mercado. Atua também na revenda de motos e equipamentos agrícolas, na fabricação de tintas (Farben - capacidade de produção de 12 milhões litro/ano), tubos PVC (Tubozan - 600 ton/ano) e em tinturaria¹⁷ (BBTEX Tinturaria). São 3.500 empregos diretos e um faturamento anual de 156 milhões de dólares.

A Industrial Conventos, especializada em equipamentos para cerâmica, até o final de 1995 irá montar em Içara uma das maiores indústrias de copos plásticos da região (500 empregos). Segundo a empresa, são dois os objetivos desse investimento: diversificar o capital, aproveitando as expectativas vantajosas no setor e fazer da fábrica um laboratório de máquinas para a indústria plástica, copiando os modelos dos equipamentos.

b) Calçados - Começou nos anos 60 paulatinamente com o vestuário. Ressalte-se que é um setor instável, dependendo basicamente do mercado externo e de firmas exportadoras de Novo Hamburgo - RS. Essa instabilidade faz a produção oscilar e a sua recuperação é lenta.

Os municípios de maior destaque são: Sombrio, Nova Veneza, Araranguá, Criciúma e Orleans, que participam respectivamente (excluindo Orleans) com 47,0%, 22,6%, 19,1% e 11,3% da mão-de-obra (FIESC, 1993). Em termos de produção, estão ao lado do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, de Franca, em São Paulo, e de São João Batista, em Santa Catarina.

A produção está voltada basicamente para o mercado externo, apenas 32% das fábricas atendendo o mercado interno. **"São 40 empresas especializadas em pedidos especiais para os mercados dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França e Finlândia. 'Tivemos que nos adaptar a modelagem e formas desses países. O produto daqui não é o que queremos vender, mas o que eles querem comprar', explica Ari Dal**

¹⁷ A primeira na região. Anteriormente para tingir a malha era necessário deslocar-se até Brusque ou Blumenau. Ou seja, já que investir no vestuário é vantajoso, na diversificação investe-se na parte química.

Bó, dono da Crisul Calçados" (EXPRESSÃO, 1991). Isso se explica pelo fato de os países do centro expurgarem de seus parques as indústrias produtoras de mercadorias com um alto valor agregado e uma baixa composição orgânica de capital. Países como Coréia do Sul e China estão adaptados a um taylorismo do tipo primitivo, sendo especialistas nesta área. A concorrência com o Oriente por mão-de-obra mais barata *prejudicou* e ainda *prejudica* a produção de calçados do tipo exportação no sul catarinense. E com a atual política cambial desfavorável houve uma redução nas exportações, elevando para aproximadamente 4.000 o número de desempregados no setor.

Segundo o SENAI de Criciúma, a classe empresarial do setor calçadista nunca investiu na formação de mão-de-obra especializada. A oferta de emprego varia de acordo com a demanda das exportações. Aumentando a demanda, contratam-se novos operários, mesmo sem qualificação, o que repercute na qualidade. A baixa qualidade dos calçados de Criciúma foi um dos motivos da perda de mercado para outras regiões. O mesmo se dá para o SEBRAE. Segundo a Coordenaria Regional de Criciúma, a procura por serviços oferecidos é insignificante.

Nos municípios de Criciúma, Araranguá e Nova Veneza, segundo o Sindicato dos Trabalhadores de Calçados, em 1985 o setor gerava 7.000 empregos diretos; reduzindo para 2.500 em 1988; 4.000 em 1990; e 3.000 em 1994. Segundo a Prefeitura Municipal de Sombrio, em 1993 o setor calçadista gerava 2.070 empregos diretos, distribuídos em 27 empresas - 13 com até 20 empregados, nove até cem e cinco com mais de cem.

Também é notável a formação de pequenos e médios grupos empresariais no setor calçadista. A exemplo de Calçados Crisul Ltda., com unidades instaladas em Criciúma, Siderópolis, Orleans e Jaguaruna e um faturamento de 3,5 milhões de dólares em 1993, cujo proprietário, Ari Dal Bó, atua em hotelaria (Crisul Hotel), a Calçados Terre¹⁸, em Sombrio, com 800 funcionários e um faturamento de um milhão de dólares em 1993, em

¹⁸ Sessenta por cento da produção dos Calçados Terre são destinados às Alpargatas: tênis com as marcas Topper, Rainha e Nike. Além destes, produzem a sua própria marca, exportando 15% para o Mercosul e os Estados Unidos.

1991 entrou no ramo alimentício com a Sorvetes Geloko, com 200 funcionários, abrangendo a Região Sul, Sudeste, sul do Centro-Oeste e Nordeste.

Produção e número de operários do setor calçadista no sul catarinense.

Empresa	Produção mensal (em mil)	Nº operários
Terre (1)	100,0	800
Crisul (2)	700,0	498
Inarca	24,0	250
Cincal	28,0	230
Beluno	22,0	180
Smooth	21,0	150
S.I.	20,0	95
Lessini	10,0	65
Iprocal (Aces.)	15,6	25

Fontes: Entrevistas do autor;

(1) Diário Catarinense 23/01/94;

(2) Diário Catarinense 22/11/93.

Segundo a FIESC (1993), 46,8% das indústrias de calçados do sul catarinense estão concentradas em Criciúma; 31,3% em Sombrio; 17,2% em Araranguá; e 4,7% em Nova Veneza, sendo que, em relação ao porte, 67,2% são micro e pequenas empresas.

De que forma os setores referidos se interligam com o vestuário? Uma das características marcantes de certos empresários da região é o dinamismo na diversificação e na conquista de novos mercados. Quando um empresário de porte médio se consolida, imediatamente procura outros setores para investir logicamente naqueles que oferecem mais rentabilidade. Como o vestuário está em franca expansão, a diversificação passa por

ele. Uma ligação mais próxima entre o carbonífero e cerâmico com o vestuário é a liberação da mão-de-obra, deixando disponível um farto exército de mão-de-obra feminina. Já com o calçadista, a proximidade é o ritmo taylorista do trabalho que é praticamente o mesmo no vestuário, com isso facilitando a aprendizagem. Quem trabalha numa fábrica de calçados ao ser demitido facilmente se adaptará ao ritmo numa confecção ou facção. O fator dinamismo e mão-de-obra disponível são duas faces da mesma moeda.

c) As conseqüências dessa hegemonia - Para Michels (1993), não dá para falar da formação e consolidação de grupos econômicos privados na Região Carbonífera sem destacar a presença marcante do Estado como impulsionador no processo de acumulação: "A formação dos grupos privados da região sul de Santa Catarina é pautada na subtração ao patrimônio público. O agente estatal, juntamente com a superexploração do trabalho, é o principal responsável pelo enriquecimento das famílias Freitas e Guglielmi. Tais famílias constituem grupos que iniciam suas atividades diretamente vinculados ao Estado. Inicialmente, como empreiteiros, posteriormente como vendedores do carvão às empresas estatais e, posteriormente, como beneficiários dos subsídios públicos. Nas duas primeiras fases, o superfaturamento (das encomendas estatais, especialmente a ampliação e manutenção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e da Usina Jorge Lacerda) é a regra. No período de venda do carvão ao Estado, que se estende até hoje, novamente identifica-se o superfaturamento".

Dentro de uma perspectiva gramsciana, esta classe empresarial tomará de assalto a estrutura do Estado em prol de si. A burguesia, enquanto classe fundamental, conquista a hegemonia na Sociedade Política e Civil, seja através da coerção ou do consenso. Para Costa Neto (1988) a Sociedade Civil cria lealdade ao Estado, porém "reciprocamente o Estado garante a continuidade funcional da Sociedade Civil através do permanente

potencial do uso de força contra aqueles que tentem interferir no funcionamento da Sociedade Civil". Segundo Marx & Engels (1984) "o Estado é a forma na qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns e na qual se resume toda sociedade civil de uma época, segue-se que todas as instituições comuns são medidas pelo Estado e adquirem através dele uma forma política. Daí a ilusão de que a lei se baseia na vontade e, mais ainda, na vontade destacada de sua base real - na vontade livre ". Os grandes grupos econômicos de Criciúma e região sempre souberam cooptar e conquistar, de uma forma categórica, seu espaço na estrutura do Estado. Para isto tiveram que forjar seus intelectuais orgânicos, pois são eles que "criam a Ideologia, eles administram o Estado e a Sociedade Civil, eles organizam o sistema partidário, sistema religioso, sistema educacional e outras instâncias do sistema social. Mais importante, eles criam e organizam a Ideologia da classe dominante" (COSTA NETO, 1988). E a classe dominante sempre foi representada no parlamento. "O deputado Ruberval Piloto representa o Grupo Cecrisa; Jarvis Galdzinski, o Grupo Ellane; o ex-deputado e atual prefeito de Criciúma, Eduardo Pinho Moreira, defende os interesses do Grupo Guglielmi" (MICHEL, 1993).

Atualmente, muitas das famílias e grupos econômicos citados têm considerável influência política e econômica, não só em Criciúma mas em toda a região. Parte do controle das minas, cerâmicas, metalurgias, indústrias químicas e telecomunicações se concentram nas mãos de alguns grupos empresariais familiares. "Como empresas familiares, abrigam os operários num envolvimento paternalista e os situam numa posição filial de confiança, bem de acordo com a índole educacional de imigrantes. Por outro lado, estes grupos familiares, que reúnem 10, 15, 20... ou mais empresas sob uma mesma custódia, bloqueiam alternativas de escolha ao operário, que despedido de uma, pode ser aliado de 10 ou (ao se manter o acordo entre os poucos cavalheiros) de algumas dezenas de empresas, ao mesmo tempo" (VOLPATO, 1984).

Com isto, tomam-se complicadas as tentativas de mudança na hegemonia política dessas cidades.

A forma como foi colonizado Santa Catarina, via pequena produção mercantil, não se concentrando as correntes migratórias em apenas uma região, e sim em pontos diferenciados, como o Vale do Rio Itajaí, o norte, o sul e pequenas manchas no oeste catarinense, favoreceu o processo do crescimento industrial bem distribuído espacialmente. Ao longo dos anos, esse processo vai se concretizando e se diversificando cada vez mais. O oeste especializado na agroindústria; o planalto em madeira; o norte, a região mais industrializada, com o setor metal-mecânico e elétrico; o Vale do Itajaí com o têxtil e o sul com as indústrias carbonífera, cerâmica, vestuarista e química.

Historicamente a economia catarinense sempre se articulou com os grandes centros industriais - Rio e São Paulo. Dessas trocas, grandes conglomerados foram se *fortalecendo, dinamizando e diversificando*. Este tripé foi e é característico da economia catarinense.

Especificamente, o sul catarinense também está inserido neste contexto histórico de colonização, o qual foi fundamental para ativar sua economia. Porém não se pode deixar de citar a importância que tiveram as atividades carboníferas. É fundamental, para desvendar o processo de industrialização do sul catarinense, compreender o desempenho do setor carbonífero, que durante mais de um século alimentou e vem alimentando a economia sulina.

A exploração do carvão primeiramente começou a ser feita por empreiteiras cariocas e depois, já em meados dos anos 50, vão surgindo os primeiros empresários locais ou que compram as empresas cariocas ou que recebem a concessão para a abertura de

novas minas. O carvão tem uma história peculiar. Em função de aquecer a indústria nacional durante o período de substituição de importações, forjar-se-ão políticas favoráveis que obrigam a compra, por parte das siderurgias, do carvão nacional. A partir de 1973, em vista da crise petrolífera, e novamente com políticas energéticas favoráveis, a região será altamente beneficiada com o aceleração da produção e do consumo, tanto por parte do carvão energético como metalúrgico. Nos meados dos anos 80 chega-se ao auge desta produção, com a geração de mais de 15.000 empregos diretos. Porém, com sucessivas políticas de corte de subsídios, privatização do parque siderúrgico nacional, abertura da importação ao carvão, o setor sofrerá um golpe, gerando mais de 12.000 desempregos diretos. Por um lado o setor carbonífero propiciou o enriquecimento de poucos, gerou uma massa de "pirlas humanas" e irresponsavelmente degradou a qualidade ambiental da região. Por outro lado fomentou o surgimento de casas comerciais (sobretudo atacados) e metalurgias e impulsionou o crescimento demográfico e econômico.

Outro setor muito importante no sul de Santa Catarina é o cerâmico. Três fatores contribuíram para o seu surgimento e fortalecimento: a disponibilidade de argila de qualidade, as pequenas iniciativas locais e o apoio financeiro de instituições estatais. As primeiras e pequenas cerâmicas de iniciativa local surgirão nos anos 50 e 60. Entretanto, com liberação de financiamento para a construção civil a partir da segunda metade dos anos 60 e toda a década de 70, grandes cerâmicas surgirão, como Cecrisa e Cesaca. Nos anos 80 despontaram as modernas cerâmicas - a Portinari é o exemplo mais cabal, com modernos equipamentos de automação. Atualmente, a região é responsável por 46% da produção nacional de revestimentos cerâmicos e 45% das exportações.

Estes dois setores - carbonífero e cerâmico - foram de suma importância para fomentar o afloramento de outras atividades industriais. Por exemplo, as metalurgias na fabricação de máquinas, equipamento e peças de reposição. Além do metalúrgico, outras atividades apontaram ao lado destes setores, desencadeando uma economia de

aglomeração (fábricas de fritas, esmaltes, casa de ferragem, embalagens de papelão para os pisos e azulejos, laboratórios de análise química e outros).

Uma região que na sua origem já era pulverizada por pequenos capitais teve facilidade nos anos 70 para diversificação do parque industrial, não apenas atrelado ao carbonífero e cerâmico. A indústria calçadista, química (sobretudo os descartáveis plásticos), molduras e em especial, no nosso caso, o vestuário. Vários municípios na região apresentam um cunho industrial forte.

Dessa diversificação surgiram os pequenos e médios grupos empresariais, que começam se destacando em um setor específico e passam a outros setores, sobretudo nos que têm uma expectativa favorável de investimento, os que estão crescendo - o químico, calçados e vestuário.

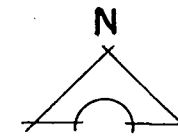
Sob uma ótica dialética, serão as múltiplas determinações que se combinarão de formas diferentes e gerando suas contradições. O carvão com o surto de industrialização dos anos 30 e 50 - com a forte presença de empresários do Rio de Janeiro - somado à política de substituição de derivados energéticos nos anos 70, irá fortalecer vários empresários do sul que paulatinamente conquistam o setor carbonífero, porém com vários agravantes ambientais e políticos. O mesmo se repete no cerâmico, em que a presença de argila de boa qualidade estimulou o surgimento de pequenas cerâmicas, fortalecendo-se com o apoio das políticas habitacionais. Esses empresários acumularam poderes político-econômicos incontestáveis.

A formação de empresas de porte médio também ocorrerá no setor do vestuário, em que uma mesma etiqueta possui várias unidades produtivas ou representativas em diferentes cidades de Santa Catarina e outros Estados. Este será o tema dos capítulos a seguir. Para analisar a postura atual dos vestuaristas¹⁹, serão estudadas suas diferentes origens, formas de consolidação e organização espacial.

¹⁹ Nesse pesquisa, *vestuaristas* serão tratados como os proprietários das confecções ou facções.

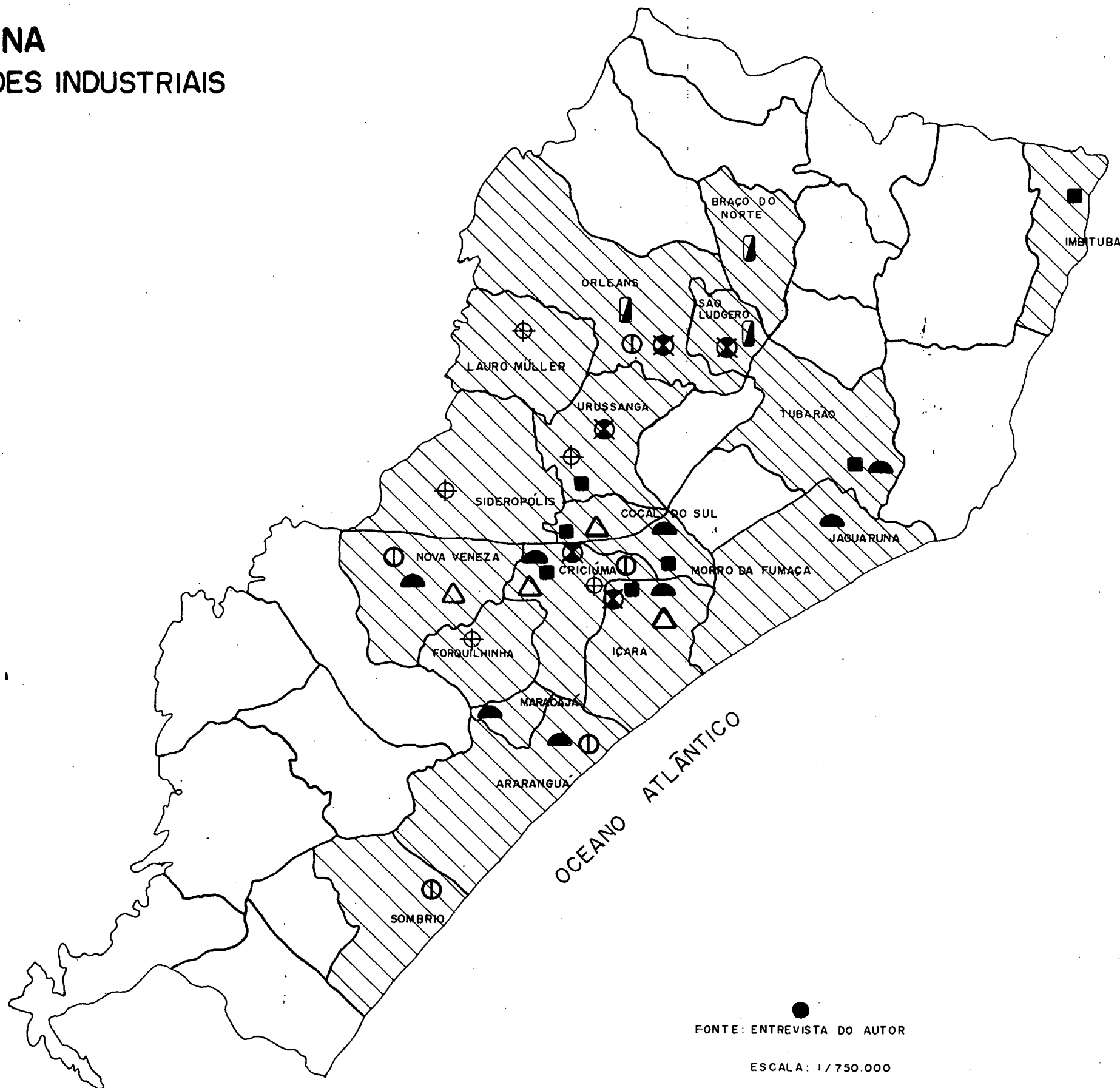
SUL DE SANTA CATARINA

LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES INDUSTRIAIS



LEGENDA

- △ — METAL MECÂNICO
- ▮ — ESQUADRIAS E MOLDURAS
- — REVESTIMENTO CERÂMICO
- ◐ — VESTUÁRIO
- ⊕ — EXTRAÇÃO DO CARVÃO
- ⊙ — CALÇADOS
- ⊗ — DESCARTÁVEIS PLÁSTICOS



FONTE: ENTREVISTA DO AUTOR

ESCALA: 1 / 750.000

III - O SETOR DO VESTUÁRIO: O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO

Para compreendermos o surgimento e o dinamismo da indústria do vestuário no sul de Santa Catarina, primeiramente se faz necessário dissertar sobre a sua origem no modo de produção capitalista e do Brasil.

1 - O vestuário no contexto histórico

Em "O Capital", Marx (1989) faz uma análise do início da indústria do vestuário e sua inserção no processo da Revolução Industrial. "A produção de vestuário é realizada: por manufaturas que reproduzem em oficinas a divisão do trabalho cujos elementos dispersos já se encontravam prontos e acabados; por mestres artesãos, que não trabalham, como antigamente, para consumidores individuais, mas para manufaturas e estabelecimentos comerciais, sendo muitas vezes tão numerosos que cidades e zonas inteiras se dedicam a este ou aquele ramo do artesanato, como sapataria, etc.; finalmente e com maior amplitude, pelos trabalhadores a domicílio, que constituem a seção externa das manufaturas, dos estabelecimentos comerciais e das pequenas oficinas dos mestres artesãos. A grande indústria mecanizada fornece a massa de material e trabalho, as matérias-primas, os produtos semi-acabados etc., e a massa de material humano barato, à mercê da exploração mais implacável e constituída por

aqueles que perderam seus empregos na indústria e agricultura mecanizadas. As manufaturas do ramo de vestuário devem sua origem principalmente à necessidade do capitalista de ter à mão um exército de trabalhadores, pronto a atender a qualquer flutuação da procura.(...) A revolução do modo social de exploração, produto necessário da transformação dos meios de produção, realiza-se através de uma desordem multifária de formas transitórias. Elas variam com a proporção em que a máquina de costura se apoderou deste ou daquele ramo de atividade, com o tempo durante o qual neles tem operado, com a situação anterior dos trabalhadores, com a preponderância da manufatura, do artesanato ou do trabalho a domicílio, com o aluguel do local de trabalho".

Abreu (1986) faz o seguinte comentário sobre a situação: **"A indústria de confecção parece ser um dos ramos da economia onde essas formas 'transitórias' persistiram, transformando-se, muitas vezes, em características estruturais e coexistindo com a produção fabril propriamente dita".**

No final do século XIX, na Europa, a produção industrial de roupas e calçados já era uma realidade, apesar da máquina de costura ter sido inventada em 1851 pelo norte-americano Issac Singer, e a utilização industrial **"logo incentivou uma série de outras invenções em atividades correlatas, como naquelas relacionadas com o corte do tecido e nas operações de riscagem dos moldes nos panos enfiados" (ibid.).** Desta forma, a **"introdução de novas máquinas particularmente adaptadas ao uso industrial contribuiu também para a redução dos custos dos produtos industriais, que passaram a competir favoravelmente com os produzidos domesticamente" (ibid.).**

No Brasil, o crescimento da indústria do vestuário pode ser observado pela tabela abaixo:

**Participação da Indústria do vestuário, calçados e artefatos de tecidos
na Indústria de transformação - 1920/80 (em %)**

Ano	1920	1940	1950	1960	1970	1980
Nº de estabelecimentos	14,9	6,5	5,5	6,9	5,2	7,2
Nº de empregos	10,7	5,1	5,0	5,4	6,1	9,2
Valor da Produção Industrial	8,2	4,2	3,9	3,4	3,3	3,8

Fonte: *In*: ABREU, 1986.

No início do século, a participação da indústria do vestuário e calçadista no Brasil era de 14,9% do total de estabelecimentos industriais. Isto se dava pela reduzida presença de indústrias mais dinâmicas. Os vestuaristas geralmente se concentravam em pequenas oficinas. Nas décadas seguintes, esta participação vai paulatinamente caindo, pelo fator inverso do primeiro, ou seja, o surgimento de indústrias dinâmicas. Com a aceleração do consumo e a disseminação de pequenas confecções e o surgimento das facções, na década de 70, o vestuário (e calçados) tem um aumento relativo na participação do número de emprego de 6,1% para 9,2% e no número de estabelecimentos de 5,2% para 7,2%. Tais expectativas de crescimento aceleraram nas décadas seguintes.

Segundo Abreu (1986), as características gerais da indústria de confecção que facilitam sua difusão são as seguintes: **"A primeira delas é o reduzido impacto das inovações técnicas no setor como um todo"**. (Se tomarmos como exemplo algumas confecções ou facções da Região Carbonífera, deparamos com máquinas²⁰ do início dos anos 70). A segunda **"é a existência de uma estrutura industrial altamente heterogênea, grandemente influenciada pelo tipo de produto fabricado"**, ou seja, é altamente flexível, em que facilmente se adapta todo o processo produtivo de acordo com a moda; exemplo, numa calça de *jeans* às vezes muda apenas a etiqueta ou outro detalhe. Terceira, **"a alta**

²⁰ É o caso de máquinas como a "duas agulhas" ou a "reta", que praticamente em nada mudaram.

divisibilidade do processo de produção, tanto do ponto de vista global como referente à organização do trabalho propriamente dito. Assim, todas as tarefas de criação e preparação, incluindo aí corte e modelagem, podem facilmente ser separadas do processo de costura propriamente dito, e têm uma influência superior na qualidade final do produto. Por outro lado, o próprio processo de costura é altamente divisível em uma multiplicidade de pequenas tarefas". Para a confecção de uma calça *jeans* são necessárias aproximadamente 23 funções; já para a confecção de uma camisa são executadas 14 funções diferentes. O tempo de aprendizagem em certas funções é questão de horas e as pessoas são facilmente substituídas; por exemplo, para passar o bolso, normalmente se leva meio dia para aprender esta função; uma pessoa há dois anos passando bolso tem a mesma habilidade que outra trabalhando há um dia, porque esta aprendizagem acontece em meio dia e não exige maiores aperfeiçoamentos. Portanto, ficar um dia ou dois anos significa a mesma coisa para a aprendizagem; ganha-se apenas mais agilidade (GOULARTI, 1991). A tabela abaixo mostra funções exercidas por costureiras que trabalham em fábricas de calça *jeans* e o respectivo tempo de aprendizagem:

**Algumas funções e tempo de aprendizagem para confecção
de uma calça *jeans***

Função que exerce	Tempo de aprendizagem
Pregar o cóis	três dias
Pregar etiqueta	um dia
Pespontar o zíper	um dia
Fazer a casa	quatro horas
Passar o bolso	quatro horas
Chulear	três horas
Unir o zíper na calça	duas horas

Fonte: *In*: GOULARTI, 1991.

A última característica "é a importância fundamental da comercialização, ou *marketing*, para o sucesso de um empreendimento no setor, especialmente nas áreas onde a influência da moda diminui a vida comercial do produto". Segue Abreu: "Essas características fazem com que na indústria do vestuário persista a possibilidade de existir um sistema de subcontratação, envolvendo unidades de dimensões variadas, chegando mesmo até o trabalhador industrial a domicílio".

Na Região Carbonífera essas características serão relevantes, seja na questão tecnológica com poucas mudanças, seja na comercialização com a difusão de centros e postos de venda direta da fábrica ou na flexibilidade da organização do trabalho.

A indústria do vestuário é uma atividade caracterizada pelo emprego intensivo de mão-de-obra, baixo nível de concentração industrial e uso de tecnologias de produção relativamente simples e tradicionais. A difusão e a facilidade na montagem de uma confecção estão relacionadas à baixa composição orgânica do capital. Na indústria do vestuário, a quantidade de trabalho vivo é maior que o trabalho morto. Na montagem de uma facção são necessários aproximadamente onze tipos diferentes de máquinas: duas agulhas, cós, passante, interlok, overlak, travete, ponto corrente, caseadeira, prega botão, costura reta e fechadeira, além de ferro a vapor e pregadeiras de pressão, que são manuais. Com aproximadamente quinze costureiras se monta uma pequena facção ou confecção²¹.

2 - A origem das confecções na Região Carbonífera

Querer enquadrar o setor do vestuário como uma nova divisão territorial do trabalho a nível setorial, comparando-o com o carbonífero e o cerâmico, não é uma ousadia. Na

²¹ Citemos o exemplo da Facções Pavei em Içara, que dispõe de 24 máquinas e 23 funcionários, com uma produção mensal de 11 mil peças. É aproximadamente um homem para uma máquina.

produção de peças de vestuário com base em tecidos planos (principalmente o *jeans* e a sarja - brim de cor), a região está ao lado do sul de Minas Gerais e norte do Paraná.

Atualmente, os municípios de Criciúma, Içara, Araranguá, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Maracajá são responsáveis pela geração de 9.000 empregos diretos, com uma produção de 3,8 milhões peças/mês. Desse total, 60% são destinados ao mercado do Rio Grande do Sul, através de representantes e da venda por atacado (os postos de venda). Pelo fato destes municípios do sul de Santa Catarina concentrarem o maior número de indústrias do setor do vestuário, serão eles a base territorial desta pesquisa.

O setor do vestuário na Região Carbonífera (Criciúma, Araranguá, Içara, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Maracajá) se divide em dois grupos: os confeccionistas e os faccionistas. Os confeccionistas são os que possuem etiqueta própria, "definem" a moda, procuram o mercado consumidor, buscam inovação tecnológica, ou seja, são a parte dinâmica do setor com possibilidades de ampliação e diversificação nos investimentos. Concentram-se 90% em Criciúma e Araranguá. Os faccionistas são os prestadores de serviços, ou seja, o terceiro de alguém. A sua função é montar as peças do vestuário, já cortadas pelos confeccionistas. Anteriormente os faccionistas locais atendiam quase com exclusividade etiquetas de Blumenau, Porto Alegre e São Paulo; porém, com o crescimento do setor, etiquetas locais começaram a utilizar o serviço de facção. Atualmente 60% da produção é produzida nas facções e apenas 10% são serviços prestados para São Paulo. É a terceirização reduzindo brutalmente os custos de produção.

a) Do terciário para o secundário - A origem de alguns vestuaristas não é muito diferente da de outros empreendimentos já consolidados e analisados - Zanatta, Gaidzinski, Burigo, Giassi e outros. Várias etiquetas de Criciúma, de grande e médio porte (em termos regionais), tiveram a mesma origem: pequenos comerciantes.

As primeiras confecções originaram-se de pequenos alfaiates que montaram suas próprias confecções. Os pioneiros foram a Camisaria Aguiar, dos alfaiates José Aguiar e Esperandino Damiani, em atividade de 1949 até 1979; a Confecções Vidal, de Diomício Vidal, fundada em 1960; e a De Lucca Confecções.

Porém, o que marca a origem de muitos confeccionistas da região é a proveniência do comércio. Já no final dos anos 60 vários atacadistas, que revendiam sobretudo equipamentos para as mineradoras (botas, gasômetros, querosene e outros) além de gêneros alimentícios e confecções, começaram a produzir etiquetas próprias, num processo de substituição das mercadorias antes adquiridas em São Paulo, passando, desta forma, de revendedores de confecções para produtores. O mercado gaúcho era bem explorado por vários atacadistas de Criciúma. A Manique e Cia. (atual Calças Calcutá) - que revendia tecidos para alfaiates - e a Casa Twist - que revendia confecções e ferragens -, no final dos anos 50 e no primeiro lustro da década seguinte, já exploravam o mercado gaúcho. Ambas concorriam com atacados de Porto Alegre e São Paulo. Há exemplos de outros comerciantes que também revendiam para o Rio Grande do Sul, como o Cerealista Althoff e o Frigorífico Santa Catarina. Mais tarde, o mercado de carne ficou sob a hegemonia do Frigorífico Frisulca.

Vejamos os exemplos de alguns dos maiores confeccionistas da Região Carbonífera com origem no comércio (atacados): a Rosatex de Valdir Rosso e Adenir Zanette, começou em 1969 com atacado de confecções, comprando em São Paulo e revendendo para todo o sul catarinense e Rio Grande do Sul. Em 1976, aproveitando as oportunidades disponíveis na região, resolveu fabricar suas mercadorias, numa confecção com três máquinas; a Casa Twist, de Osvaldo Guidi, começou em 1964 com atacado, revendendo equipamentos para as minas e tecidos e confecções adquiridos em São Paulo, e com o aumento das vendas nos meados dos anos 70 passaram a confeccionar as próprias mercadorias; o mesmo exemplo seguiu a Crimalhas, que iniciou com atacado de "secos e molhados" no início dos anos 60 e já em 1966 começou a confeccionar e tecer as roupas de malhas, revendendo-as

para todo o sul do país; em 1958, Gaudino Cavaller, da Cedro Rio, se estabelece com atacado de "secos e molhados" e após passar por uma sociedade numa cerâmica, adquiriu em 1972 uma malharia desativada, passando a confeccionar também com base no *jeans*; em 1961, Santo Longaretti, da Calças Calcutá, tinha um atacado onde revendia tecidos (para alfaiates) adquiridos de São Paulo, e aproveitando o mercado já formado em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, em 1972 começou uma confecção de roupas sociais; Salete Milanez, da Confeções Mafferson, iniciou com atacado de "secos e molhados" nos meados dos anos 60 e montou uma malharia em 1971, confeccionando *jeans* a partir de 1984; Neri Guidi, da Negge's, era sócio de Osvaldo Guidi (Twist) mas em 1981 começou a produzir etiqueta própria; a Di Angelis, de Álvaro Manique Barreto, começou em 1964 com atacado de equipamentos para mina; revende tecidos a partir de 1973 e confecciona desde 1984.

Percebe-se que a necessidade de substituir os produtos antes adquiridos em São Paulo, para começar a produzir na própria região, foi se acentuando cada vez mais. Assim, o setor do vestuário, que tinha a seu favor um mercado consumidor garantido - o Rio Grande do Sul e Santa Catarina - e um exército de mão-de-obra feminina disponível paulatinamente começou a ocupar espaço importante na economia da Região Carbonífera.

b) Do "fundo de quintal" - As pequenas confecções de origem familiar - as chamadas de "fundo de quintal" - foram uma característica comum nas origens das confecções, tanto em Criciúma como em Araranguá, Içara, Nova Veneza, Maracajá e Morro da Fumaça.

Em Criciúma, a Malharia Thayse, de Valdir Darós, em 1970 adquiriu uma máquina de tecer retilínea; porém com o aumento das vendas, adquiriram novas máquinas. A Confeções Hertha, de Hertha Schmidt, cuja atividade iniciou em 1976, começou comprando malha e confeccionava com três costureiras. A Confeções Replay, dos Irmãos

Scremin - que trabalhavam na lavoura de café - iniciou com uma pequena fábrica de bonés em 1979, passando para *jeans* e linha esportiva.

Em Nova Veneza a Damyller, de Damiani e Cavaller - que trabalhavam no cultivo de arroz - também se originou de uma pequena confecção em 1979.

Em Araranguá o retrato não será diferente: Jacinto Natal Pavei, da Confecções Malibu, era viajante e em 1973 montou uma pequena loja, produzindo as próprias mercadorias; Carlos Da Boit, da Luck Berg, era pedreiro e após receber uma herança começou, em 1978, uma pequena confecção juntamente com suas cunhadas, que tinham conhecimentos de costura.

Em Morro da Fumaça tem o caso da Bertan, que começou em 1978 a produzir e revender suas mercadorias.

Esses pequenos confeccionistas provenientes do "fundo de quintal", após alcançarem estabilidade, conquistam novos mercados e ampliam sua capacidade instalada.

c) Como complemento da renda familiar - Muitas das confecções originaram-se da necessidade de complementação da renda familiar, sobretudo pela esposa que tinha algum conhecimento em costura ou vendas, às vezes como ex-balconista. Porém, em função do bom desempenho obtido com as vendas, o marido abandona o emprego, dedicando-se exclusivamente à iniciante confecção. Este tipo de gênese distribui-se pelos seis municípios aqui estudados.

Em Criciúma temos os casos da Confecções Porão, em que a mulher era balconista e a partir de 1976 montou no porão da casa uma pequena confecção, revendendo no sistema de "sacoleira". Com o bom desempenho das vendas, o esposo abandona o serviço e dedica-se à fábrica.

A proprietária da Confecções Rosel, que iniciou suas atividades em 1977, era uma balconista e seu esposo representante de outra empresa. Em decorrência do aumento da demanda, o esposo assumirá o departamento de vendas.

Em Araranguá há exemplos como a Confecções Dayone, em que ele era representante e ela costureira domiciliar; a partir de 1990 iniciam com etiqueta própria. A Confecções Brisa, cuja proprietária era costureira domiciliar e em 1988 montou sua própria fábrica. A Confecção Fashion New's, cujo proprietário era representante de calçados e a partir de 1990 começou com a confecção. A Confecções Rinez: ela costureira domiciliar e ele contabilista, em 1988 iniciam uma pequena confecção.

d) As compradas e desmembradas - São as confecções desativadas e compradas por novos proprietários, que, muitas vezes, nunca estiveram no ramo; porém, como o setor está em franca expansão e existe uma expectativa vantajosa, vale a pena investir.

A La Donna, em Criciúma, foi comprada em atividade em 1984; os novos proprietários estavam no ramo de supermercados. A Berna Confecções, em Araranguá, apesar de existir havia doze anos, foi adquirida em 1993 por novo proprietário, que era representante. A Juliandrei, de Içara, foi comprada em 1989 por um apicultor.

Há casos de desmembramento, ou seja, desfaz-se a sociedade, surgindo uma nova etiqueta. Da Replay desmembrou-se a To Play; da Damyller desmembrou-se a Callver; e da La Greast, a Cower.

e) Os ex-funcionários - Neste grupo destacam-se os vestuaristas que antes de montar sua confecção trabalhavam em outras etiquetas. Muitos deixaram de ser empregados para montar uma facção²², atendendo principalmente a etiqueta para a qual trabalhavam.

²² É mais comum com os faccionistas.

Um dos maiores faccionistas da região é o Breno C. Silva, de Criciúma, funcionário da D. Vidal Modas, que em 1982 montou sua facção. O mesmo ocorreu com o atual proprietário da H. Dal-Pont Confecção, funcionário da Rosatex até 1985.

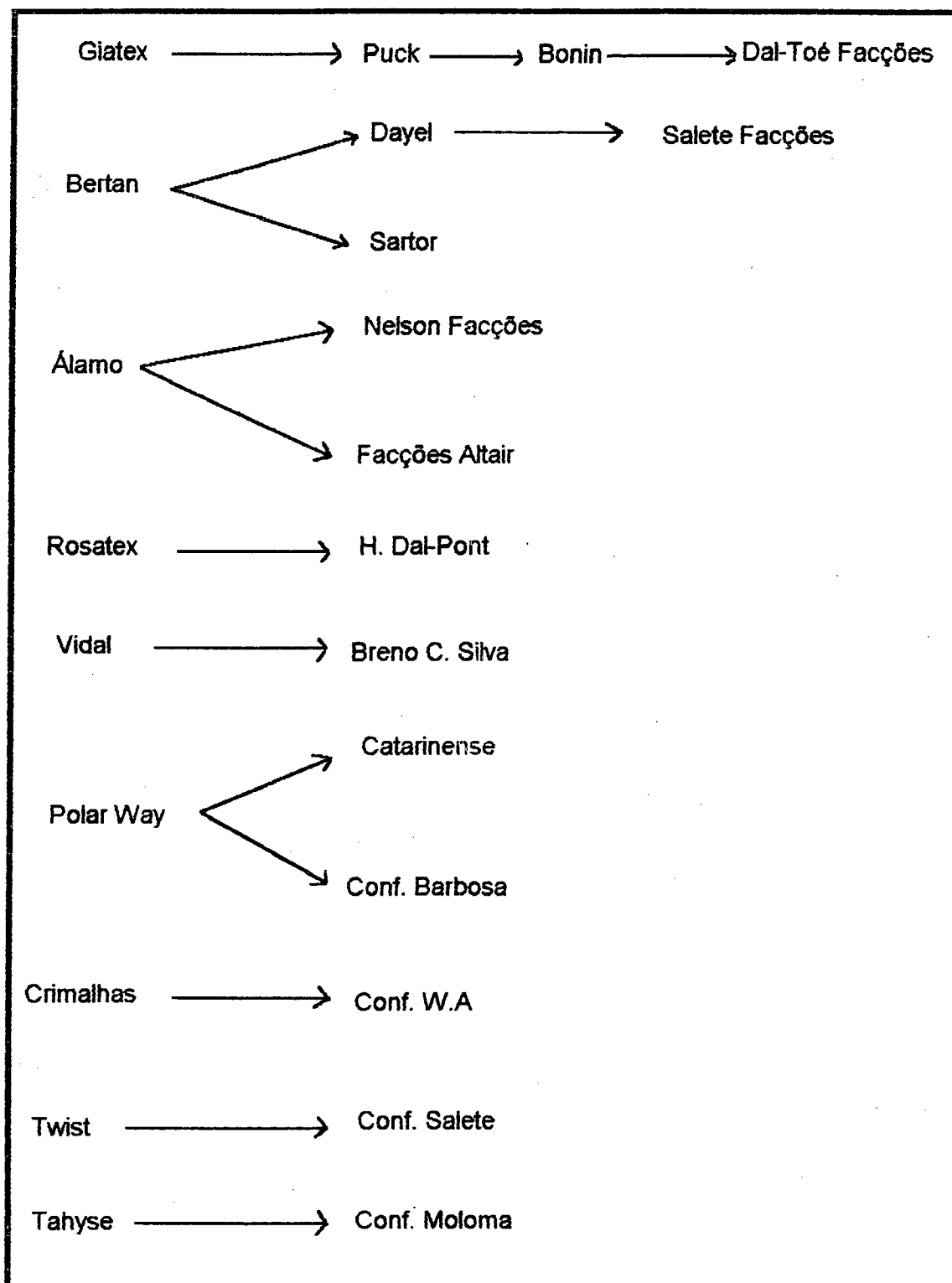
No município de Morro da Fumaça, o proprietário da Dayel foi empregado da Confecções Bertan e em 1981 colocou facção própria; da Bertan também originou-se a Confecções Sartor e da Dayel originou-se a Facções Salete, em 1992. Ainda em Morro da Fumaça temos a Facções Néelson, cujo dono trabalhou na Álamo Confecções e em outras até 1987, quando montou a sua; o dono da Facções Altair foi funcionário da Álamo até 1992.

Em Içara, o proprietário da Puck Facções²³ trabalhava na Giatex. Da Puck originou-se a Facções Bonin em Jaguaruna, daí originando-se a Dal-Toé Facções em Içara.

O quadro abaixo ilustra de uma forma esquematizada os exemplos acima citados, e outros:

²³ A Facções Puck ficou em Içara até 1989 e, em função da mão-de-obra mais barata, transferiu-se para o município de Armazém.

Esquema de origem de confecções e facções oriundas de outros vestuaristas



Fonte: Entrevista do autor.

Entre tantos empresários do vestuário que conseguiram se destacar há os que se arruinaram, seja pelas constantes crises econômicas do país, pela impossibilidade de saldar débitos bancários ou pela inadimplência por parte dos consumidores. O índice de fábricas que fecham é altíssimo.

3 - A mão-de-obra disponível

Além das peculiaridades da origem da indústria do vestuário na Região Carbonífera, outro fator que contribuiu de forma categórica para o surgimento e fortalecimento do setor do vestuário foi a liberação de um grande exército de mão-de-obra feminina, em função, sobretudo, do setor carbonífero que emprega, diretamente na produção, apenas mão-de-obra masculina. E nas cerâmicas, que começaram a deslanchar no início dos anos 70, estavam disponíveis poucas funções para as mulheres; na produção trabalhavam aproximadamente 10%, na seção de escolha de azulejos.

Destaca-se também a liberação de mão-de-obra pela agricultura, calçados e metalurgia. Além disto, a atual conjuntura econômica do Brasil praticamente obriga à busca de um complemento à renda familiar e muitas vezes é a mulher que mantém toda a família.

a) A submissão feminina numa sociedade de classes - Para Abreu (1986), "nas condições de mercado atual que prevalece altamente em sociedades de desenvolvimento tardio, como o Brasil, a oferta relativamente abundante de trabalho e a baixa capacidade de absorção de mão-de-obra por parte dos setores mais

dinâmicos e modernos da economia levam a uma estrutura de emprego altamente heterogênea na qual persistem, tanto para homens como para mulheres, elevadas taxas de subemprego, desemprego e baixos salários. Dentro desse quadro geral, no entanto, a posição específica da mulher, retratada por numerosos trabalhos, apresenta ainda, em relação à população masculina, uma posição comparativa de inferioridade e discriminação no mercado de trabalho. Por um lado, sua baixa participação em empregos assalariados no setor capitalista de produção é sempre enfatizada, bem como a concentração desta mão-de-obra feminina em setores e ocupações específicas, geralmente de menor qualificação e mais baixa renda. Por outro lado, tem sido também crescentemente assinalado que a persistência de outras formas de organização da produção subordinadas ao sistema capitalista dominante apresenta uma alternativa importante de emprego para mulheres das classes populares, especialmente em virtude do fato de permitirem combinar atividades domésticas e atividades produtivas". É a dupla jornada de trabalho das mulheres: a casa e a fábrica. E nas condições da atual sociedade machista e capitalista, as mulheres sempre foram presa fácil para os agentes do capital.

Anita Moser, na tese em que analisa a submissão da mulher, principalmente da zona rural, no processo produtivo, traz a seguinte passagem: **"A mulher remunerada, a nova trabalhadora produtiva, tem sua condição social historicamente determinada por um passado de constante submissão no âmbito familiar. A partir do momento em que ao seu papel familiar se soma um trabalho realizado na rede das relações capitalistas de produção, em que o controle sobre o trabalho é ponto fundamental, a estrutura de dominação anterior e sua condição de trabalhadora doméstica, torna a mulher força de trabalho, mão-de-obra altamente explorável e sem direito a maiores reivindicações" (MOSER, 1985).** Essa submissão está encravada na estrutura arcaica da sociedade, em que a divisão do trabalho também passa pelo sexo. Com isto, o nível salarial das mulheres é menor em relação ao dos homens.

b) Um farto exército pronto a ser absorvido pelo capital - De acordo com pesquisas realizadas nos municípios de Criciúma, Araranguá, Içara, Morro de Fumaça e Maracajá²⁴, a liberação da mão-de-obra teve origens diversas. Vejamos o resultado:

Em Maracajá, 60% das mulheres trabalhavam anteriormente na agricultura e outras 20% em casa. Os dados chocam com a profissão dos pais, pois 80% trabalham na agricultura também. Quanto às casadas, 40% dos maridos trabalham em cerâmica e outros 20% em minas.

Em Morro da Fumaça, 35,3% das mulheres trabalhavam na agricultura e outras 23,5% em cerâmicas - especialmente em olarias. Já os pais, 29,4% deles trabalham na agricultura, 17,6% nas olarias e 17,6% em minas. Dentre as casadas, 33,3% dos maridos trabalham em cerâmicas de refratários.

No município de Içara, 60,6% das mulheres trabalhavam na agricultura e outras 27,3% em casa. A profissão atual dos pais é de 39,4% de agricultores e 33,3% mineiros, e dos maridos ^{30,7%} 28,6% são ceramistas e ^{21,4%} 21,4% são pedreiros (Pedr.) ou marceneiros (Marc.) e apenas 7,1% são agricultores.

Em Araranguá, por ser um centro um pouco maior, apenas 26,1% das costureiras trabalhavam com agricultura, outras 34,8% com calçados e 30,4% em casa. Dos pais, 39,1% são agricultores, 21,7% pedreiros e 13,0% mineiros. Dos maridos, ^{23,2%} 23,1% são pedreiros, ^{15,3%} 15,3% ceramistas e 15,3% calçadistas. Em Araranguá, há várias fábricas de calçados, absorvendo em torno de 50% de mão-de-obra feminina; o restante é liberada.

Criciúma, por ser o maior centro urbano da região, apresenta alguns dados mais claros. Vejamos: 42,2% das mulheres anteriormente trabalhavam em casa, outras 10,9% eram domésticas e apenas 10,9% vêm da agricultura. Em relação aos pais, ^{53,1%} 53,1% são ou

²⁴ Foi ouvida uma amostra de 147 costureiras - durante os meses de janeiro e fevereiro de 1994 - distribuídas respectivamente nos cinco municípios na seguinte proporção: 64, 23, 33, 17 e 10. As empresas pesquisadas foram escolhidas aleatoriamente, dando-se preferência àquelas que se situavam no centro de cada cidade (excluindo Maracajá, que foi no interior). Abordaram-se as seguintes questões: a profissão anterior da costureira, a profissão atual do pai, do marido; a renda familiar; o relacionamento com o sindicato; os meios de locomoção utilizados; o local de residência e o estado civil.

eram mineiros²⁵ e apenas 12,5% são agricultores. Dos maridos, 23,3% são mineiros, 26,7% ceramistas, 16,7% pedreiros, marceneiros ou carpinteiros (Carp.) e apenas 3,3% agricultores. A explicação, em Criciúma, está clara, pois as minas e as cerâmicas liberaram um grande contingente de mão-de-obra feminina. Isto ficou claro quando Criciúma passou por momentos críticos com a queda brutal da exploração do carvão²⁶.

Trabalho anteriormente exercido pelas trabalhadoras no setor do vestuário na Região Carbonífera (em %)

Município	Trabalho anterior exercido pelas costureiras							
	Casa	Agricultura	Calçados	Cerâmica	Doméstica	Comércio	Hospital	Outros
Criciúma	42,2	10,9	6,3	6,3	10,9	4,7	6,3	12,4
Araranguá	30,4	26,1	34,8	4,3	—	4,3	—	—
Içara	27,3	60,6	—	—	—	9,1	—	3,0
M. da Fumaça	11,8	35,3	—	23,5	17,6	—	—	11,8
Maracajá	20,0	60,0	—	10,0	—	—	—	10,0
Total	32,0	30,6	8,2	6,8	6,8	4,8	2,6	8,2

Fonte: Entrevista do autor.

Profissão do pai e do marido das costureiras²⁷ (em %)

Cidade	Profissão											
	Mineiro		Agricultor		Ceramista		Pedr/Carp/Mar		Calçadista		Outros	
	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido
Criciúma	53,1	23,3	12,5	3,3	—	26,7	7,8	16,7	—	3,3	26,6	26,7
Araranguá	13,0	—	39,1	7,7	—	15,3	21,7	23,1	—	15,3	26,1	38,5
Içara	33,3	7,1	39,4	7,1	3,0	28,6	9,1	21,4	—	—	15,2	35,8
M. Fumaça	17,6	—	29,4	16,7	17,6	33,3	—	16,7	—	—	35,5	33,3
Maracajá	—	20,0	80,0	—	—	40,0	—	10,0	—	—	20,0	30,0

Fonte: *Ibid.*

²⁵ Há um grande índice de mineiros aposentados, que obtêm outras fontes de renda através de "bicos", principalmente vigias noturno.

²⁶ No auge da crise do carvão na Região Carbonífera foram mais de 12.000 demissões num curto prazo de quatro anos. Isto somente nas atividades ligadas diretamente com a exploração do carvão.

²⁷ Inclui os maridos das separadas.

No município de Nova Veneza foi pesquisada apenas a profissão do pai e do marido. Fez-se uma amostra de vinte e duas costureiras na localidade de Caravágio, onde se concentra o maior número de facções. O destaque em Caravágio é a indústria metalúrgica, moveleira e calçadista; as duas primeiras empregam apenas mão-de-obra masculina. Com isto, 40,9% das costureiras casadas têm maridos metalúrgicos. Portanto, o grande filão de Caravágio, para os faccionistas, foi a mão-de-obra feminina disponível.

Como se observa, basicamente a origem da mão-de-obra foi a liberação da agricultura (no total: ^{5,9%} 5,7% dos maridos e 29,3% dos pais) nos municípios menores, e a liberação das minas (no total: ^{33,7%} 36,7% dos pais e 25,7% dos maridos) e cerâmicas (no total: ^{15,7%} 25,7% dos maridos e 2,7% dos pais) nos municípios maiores. Ou seja, 51,4% dos maridos são ceramistas ou mineiros. Além disso, muitas mulheres buscam o emprego com o intuito de complementar a renda familiar. Com a atual conjuntura econômica do país, é praticamente impossível sobreviver com um salário de mineiro ou de ceramista.

4 - O mercado consumidor na origem

Um fator também importante para a concretização da indústria do vestuário foi a difusão do uso do *jeans* e das camisetas de malha a partir dos anos 60 e 70, uniforme da juventude rebelde dos "anos que não terminaram". As tradicionais calças de tergal vão perdendo o espaço, em virtude principalmente da propaganda e dos enlatados oriundos dos Estados Unidos, onde o *jeans* se originou. O uso do *jeans* terá uma aceitação fantástica, pela facilidade do seu uso, conforto e praticidade na lavação.

Como foi ressaltado, a origem de vários confeccionistas foi em atacados. Nesses atacados muitos revendiam equipamentos para minas, alguns vendiam tecidos e confecções e tinham como consumidor o mercado gaúcho, pequenos comerciantes no Vale dos Sinos e da Grande Porto Alegre. Compensava mais comprar em Criciúma do que em São Paulo. Os atacadistas de Criciúma compravam suas mercadorias em São Paulo, no tradicional comércio da Rua 25 de Março e na José Paulino. É o caso do então atacadista Calças Calcutá, que nos anos 50 e 60 comprava em São Paulo e revendia através de nove representantes, 20% das mercadorias para Santa Catarina, 20% para Paraná e 60% para o Rio Grande do Sul; ou a Casa Twist, cujo mercado consumidor, enquanto atacado, sempre foi o Rio Grande do Sul.

Quando muitos se estabeleceram como confeccionistas, mantiveram seu mercado e conquistaram outros. A concorrência praticamente não existia, pois cada um tinha sua freguesia cativa.

5 - Para entender as facções: origem e função

A origem do trabalho industrial doméstico foi entre os séculos XVI e XVII. Para Abreu (1986), foi justamente nessa época ele emergiu no seio da família, quando o trabalho e as relações familiares eram extremamente ligados: **"Marido, mulher e filhos, em geral, trabalhavam juntos na própria casa, usando algum tipo de maquinaria rudimentar para fabricar tecidos de algodão ou lã, rendas, calçados, cordas, pregos e correntes**

de ferro, e um sem-número de outros artigos que eram parte comercializados e parte utilizados para o próprio consumo doméstico. (...) É provável que nesta época já houvesse exemplos de subordinação de parte dessa indústria domiciliar ao capital mercantil, sob a forma de artesãos-comerciantes mais ricos que, com maior possibilidade de comprar a matéria-prima necessária, utilizassem os serviços dos artesãos mais pobres para a transformação dessa matéria-prima, mantendo, contudo, em suas mãos, a distribuição e a comercialização dos produtos finais". Com o advento da Revolução Industrial este tipo de relação será cada vez mais de submissão dos trabalhadores domiciliares a seus fornecedores.

Segundo Ruas (1993), "no denominado trabalho a domicílio distribuído, as relações de subcontratações aparecem essencialmente sob a forma de encomendas de empresas, que são distribuídas por seus representantes em várias residências mais ou menos próximas do espaço fabril. As tarefas encomendadas são quase sempre realizadas de forma manual, por um ou mais elementos da família, que podem ser crianças, idosos e, muito especialmente, mulheres, e que no seu conjunto constituem uma categoria da força de trabalho que está provisória ou definitivamente fora do mercado de trabalho formal. (...) o recurso ao trabalho a domicílio permite às empresas que atuam nesses segmentos uma redução ainda maior do custo do trabalho direto - que já é geralmente baixo -, pois ficam liberadas, por esse processo de encargos sociais, dos custos de retrabalho, despesas de admissão, treinamento e demissão de trabalhadores excluídos em virtude das flutuações de demanda etc."

Para Abreu (1986), "a feminização crescente das ocupações organizadas fora do setor capitalista na indústria do vestuário em geral, das quais o trabalho industrial a domicílio é um exemplo, aponta para a necessidade de compreender a especificidade da participação da força do trabalho feminina. Esta especificidade só pode ser aprendida considerando a posição da mulher no contexto familiar, onde uma nítida diferenciação de papéis sexuais, reflexo da manutenção de uma ideologia

patriarcal, traz uma dupla conseqüência para a participação da mulher em atividades remuneradas. Por um lado, faz com que sobre a mulher recaiam as responsabilidades relacionadas às tarefas domésticas essenciais para reprodução do grupo doméstico e aos cuidados com os filhos. A participação da mulher em atividades remuneradas organizadas de forma não-capitalista é favorecida pela extrema flexibilidade que atividades deste tipo permitem na distribuição do tempo de trabalho. A possibilidade de distribuir as horas dedicadas ao trabalho remunerado em torno às atividades domésticas mais importantes é, no caso das costureiras externas, um dos fatores condicionantes da oferta de trabalho para este tipo de relação produtiva".

a) **A função das facções** - A função das facções é a prestação de serviços para outra etiqueta. Os faccionistas recebem todos os aviamentos e os tecidos cortados na justa medida e são responsáveis pela montagem da peça do vestuário: calça, jaqueta, camisa, camiseta em malha, etc. Ao lado das etiquetas já consolidadas surgirão as prestadoras de serviços executando apenas uma fase do processo da produção. **"O termo faccionista no setor de confecção é geralmente utilizado para referir-se a proprietários de oficinas especializadas em apenas algumas fases da produção, empregando para isto trabalho assalariado, mas que na maior parte das vezes está envolvido pessoalmente no processo produtivo" (ABREU, 1986).**

É a "velha" terceirização conquistando mais espaços dentro dos novos paradigmas industriais e administrativos que despontam neste final de século, levando as empresas a uma reestruturação do processo produtivo e das formas de gestão. **"Uma das alternativas de flexibilidade empresarial que emergiu neste contexto foi a terceirização" (LEIRIA, 1992).** Sob esta ótica, terceirizar "significa participar mais e, em troca, ganhar uma

empresa mais ágil, mais enxuta, mais especializada em sua atividade-fim" (LEIRIA, et alii, 1993).

Segundo Pinheiro (1993), "nos sistemas de especialização flexível, a produção é organizada em torno das interações que ligam uma rede de pequenas firmas, especializadas na produção sob encomenda ou por pequenos lotes de diversas categorias de produtos. O sistema de produção, em seu conjunto, é 'flexível' porque cada projeto produtivo pode ser organizado com uma composição (mix) variável de empresas especializadas no fornecimento dos insumos: tais empresas são subcontratadas em um sistema de produção que é verticalmente desintegrado". Segue Pinheiro: "A empresa-mãe (ou contratante, líder, ou doadora das ordens) não mais procura fabricar seus componentes, mas sim transfere estas tarefas para empresas menores, concentrando-se apenas na produção do artigo final, objetivo específico da sua atividade produtiva". A relação, através de subcontratações, é denominada de *linkages*. Os exemplos na indústria do vestuário são: bordado, lavação, serigrafia e a montagem das peças - facção.

A subcontratação na pequena e média empresa, segundo Pagnani (1989), "pode ser compreendida dada a existência de relações de interdependência industrial, uma vez que essas relações podem modificar a própria estrutura da economia industrial. A estrutura industrial na economia moderna apresenta uma estrutura em redes, isto é, no setor industrial as interligações entre as unidades produtivas são desenvolvidas por meio de relações de trocas de bens e serviços entre indústrias, nos seus ramos, sub-ramos e gêneros de atividades fabris". São relações de relativa dependência e "podemos explicitar que a função da pequena e média empresa industrial no subcontrato é de dependência da grande empresa, e que as relações entre os tamanhos diferenciados de empresa dizem respeito à estrutura industrial, cujas características determinam o grau de complementaridade das pequenas e médias empresas industriais" (*ib/d.*). As subcontratadas assumem riscos financeiros e técnicos,

ou seja, a empresa cedente é responsável por quaisquer eventualidades. O cedente exige exclusividade, no entanto está sujeito a crises, redução nas vendas ou à própria falência, deixando seus subcontratados em sérias dificuldades ou até arrastando-os consigo no processo de falência.

Para Ramalho (1993), "por um lado, na maioria dos casos - a terceirização - tem sido oportunidade para reduzir o emprego, 'precarizar' as relações de trabalho e escapar das leis trabalhistas. Por outro lado, terceirização, da forma como está sendo implantada, coloca problemas e desafios para a ação sindical, pela desmobilização que ocasiona entre trabalhadores e pela necessidade que impõe de negociar com o empresário formas de defesa do emprego e de participação nas decisões relativas ao processo produtivo". Se a terceirização realmente faz parte dos novos paradigmas industriais, Ramalho segue afirmando que "na verdade, o que vem sendo chamado de terceirização é, muitas vezes, a prática empresarial da subcontratação de trabalhadores, reduzindo custos graças à vulnerabilidade das relações de trabalho". É mais uma forma arquitetada pelo capitalismo para explorar mais ainda a força de trabalho que está fora do alcance dos sindicatos trabalhistas. São novas velhas formas de exploração do trabalho.

A tabela abaixo mostra os serviços de terceirização utilizados por algumas confecções na Região Carbonífera:

**Serviços de terceirização utilizados pelas confecções
na Região Carbonífera**

Empresa	Facção (%)	Outros serviços
Twist	35	bordado, serigrafia, estamparia e lavanderia
Damyller	15	bordado, serigrafia e estamparia
Mafferson	40	—
Negue's	25	estamparia
H. Dal-Pont	—	lavanderia
Replay	75	—
Callver	40	lavanderia
Porão	40	bordado
Di Angelis	—	lavanderia
Luck Berg	30	serigrafia
Brisa	40	serigrafia
Juliandrei	—	bordado e lavanderia
Sartor	40	bordado e lavanderia
Rosatex	70	—

Fonte: Entrevista do autor.

O sistema de subcontratação "pode também ser usado pelas empresas para fugir à pressão exercida pelos sindicatos no sentido de diminuir, ou pelo menos não deixar aumentar, o controle dos empresários sobre o processo de trabalho. Normalmente, é mais fácil para os sindicatos organizar a resistência operária em grandes fábricas do que em pequenas; assim, a descentralização e subcontratação de trabalho em fábricas menores ou em áreas com organização sindical menos ativa pode ser usada para minar a base de poder dos sindicatos e para restaurar o controle empresarial sobre o processo de trabalho" (PAGANANI, 1989). Na verdade o que

ocorre é uma transferência de custos (encargos sociais) dos confeccionistas aos faccionistas, ou seja, é uma terceirização espúria. Confeccionistas de pequeno porte pagam facção a famílias que dispõem de uma ou duas máquinas em casa. Na região, são aproximadamente 2.000 pessoas sob esta condição, sem direito a férias, FGTS, décimo terceiro salário e outros benefícios, levando cada vez mais à deterioração nas condições de trabalho. É questionável se realmente elas - as costureiras domiciliares - ganham mais do que se estivessem na fábrica. **"Do ponto de vista da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT -, o trabalhador Industrial a domicílio está na mesma situação de qualquer assalariado. O artigo 6º é claro sobre isso: "Não se distingue entre trabalho realizado no estabelecimento do empregador e o executado no domicílio do empregado, desde que seja caracterizada a relação de emprego". Não existe, no entanto, como em outros países, uma regulamentação específica para esse tipo de trabalho" (ABREU, 1993). Em outro trabalho, Abreu & Sorj (1993) completam: "O movimento sindical tem mostrado grande dificuldade em reconhecer esses trabalhadores como alvos legítimos de sua ação. Em primeiro lugar, porque prevalece a percepção de que o trabalho a domicílio é uma forma de organização da produção incompatível com as exigências do desenvolvimento capitalista, cuja tendência, portanto, é o desaparecimento. Em segundo lugar, porque considera o trabalho a domicílio - dadas as suas características de atividades não-reguladas - como um competidor desleal com os assalariados no mercado de trabalho. Em terceiro, porque o movimento sindical construiu a sua prática privilegiando trabalhadores assalariados de grandes empresas e de contextos urbano e industriais desenvolvidos, que por compartilharem situações de trabalho bastante homogêneas facilitam o desenvolvimento de ações coletivas". O aumento do trabalho a domicílio não desapareceu e sim revitalizou as atividades de certos capitais.**

A facção familiar é comum na Região Carbonífera. Em Araranguá e Maracajá não há indústria faccionista, somente a de domicílio, atendendo as etiquetas locais.

Em Araranguá, 30% da produção da Luck Berg são de responsabilidade de quatro famílias - utilizando máquinas da própria fábrica. A Malharia Nita tem apenas duas costureiras na fábrica e 30 costureiras domiciliares produzindo mensalmente 20 mil peças. Da produção total da Brisa, 40% são faccionados por três famílias. Na Dayone, que conta com 14 costureiras internas, 20% da produção é domiciliar - duas mil peças/mês. A Fashion New's, com seis funcionários, produz 50% (mil peças/mês) da produção, o restante está a cargo de uma família. A Angorá dispõe de quatro costureiras internas e outras quatro a domicílio, que produzem ao todo mil peças/mês.

Em Maracajá, a Confecções Ramage produz 35 mil peças/mês com 61 funcionários e outras 45 costureiras domiciliares, sendo 25 máquinas de propriedade da Ramage. A Confecções Cower produz mensalmente 15 mil peças com 25 funcionários e outras 15 costureiras domiciliares.

No município de Morro da Fumaça, podemos observar a Confecções Bertan, com 75% da produção de responsabilidade de vinte costureiras domiciliares, dez trabalhando com máquinas da Bertan. Na Sartor Confecções Infantil, 50% da produção (2,5 mil peças/mês) é domiciliar.

Toda a produção da Tuff Gong, em Içara, (4 mil peças/mês) é faccionada por 20 costureiras domiciliares.

Estes serviços também são utilizados por lojistas - De Lucca e Casa Nova - que criam etiquetas para enfrentar a concorrência com os postos de venda.

Há exemplos de facções que repassam serviços a outras. Um exemplo em Criciúma é a Rosatex, cujos 70% da produção é prestação de serviços a redes de lojas de São Paulo, tipo C & A, Mappin, Dumond, Pakalolo e Pernambucanas, e toda a produção²⁸ é feita por faccionistas ligados à Rosatex²⁹. Esta também facciona para etiquetas dos Estados Unidos, Alemanha e Dinamarca. A Twist recentemente começou a faccionar as etiquetas da Pierre Cardin.

²⁸ Do total faccionado 40% são calças e 60% camisas.

²⁹ Num total de doze faccionistas.

Em muitos casos, a terceirização não se torna uma parceria salutar e sim uma dependência de um fornecedor. Muitas vezes, por imposição do próprio fornecedor, os terceiros ficam extremamente vulneráveis. No caso de qualquer alteração, como diminuição no ritmo da produção ou falência do fornecedor, na outra ponta o prestador de serviço sofrerá as conseqüências.

Terceirizar não significa a pulverização no capitalismo, pois para terceirizar deve-se previamente acumular, e as relações de subcontratação aparecem apenas como uma das configurações da divisão social do trabalho.

b) Os primeiros faccionistas - As pioneiras na facção do *jeans* foram a Gledson e a Ellus (SP), as quais, no limiar dos anos 70, possuíam alguns faccionistas no bairro Itaim-Bibi (SP). Disseminaram-se em seguida para outras regiões do país. Atualmente, os principais pólos na facção do *jeans* são: o norte do Paraná, sobretudo no município de Cianorte, o sul de Minas Gerais e o sul de Santa Catarina.

Em Criciúma, o primeiro faccionista foi a Camisaria Aguiar em 1977. Ficou em operação apenas um ano. Quem efetivamente começou foi Higino Giassi, em Içara, em 1978. Giassi, um comerciante que encontrava dificuldade em adquirir mercadorias de pronta entrega, recebeu uma proposta da Gledson para faccionar as mercadorias por ele revendidas. No começo, devido à inexperiência no ramo, sobretudo na organização da produção e na contratação de mão-de-obra especializada, a produção alcança níveis baixos.

Em seguida, surgiram outros, como Dayel em Morro da Fumaça, em 1981; Breno Cunha em Criciúma, 1982; Santo Silveira, 1981 e a Facções Puck, 1982, em Içara. Estes atendiam exclusivamente etiquetas de São Paulo, como a Gledson, Staroup e a Ellus, e a Lee de Porto Alegre. O quadro se reverteu. Atualmente, vários confeccionistas de Criciúma

terceirizam boa parte da sua produção. Os primeiros confeccionistas que utilizaram os serviços de facção foram a Manique e a Twist, em 1981, e a Replay em 1983.

A origem da indústria do vestuário na Região Carbonífera também está ligada à história da indústria do vestuário na Europa - uma pequena produção familiar. Os vários alfaiates que havia em Criciúma nos anos 40 e 50 podem ser dados como o primeiro indício da indústria doméstica do vestuário. Mas será nos anos 60 que vários atacadistas de confecções e miudezas (também de ferragens) que atendiam clientelas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, num processo de substituir produtos anteriormente adquiridos de São Paulo, passam a produzir as próprias etiquetas. Daí surgem as maiores confecções da região.

Além dessa origem, temos as pequenas confecções oriundas dos "fundos do quintal" com três ou quatro máquinas, que passam a ampliar-se em função da demanda. Outras são o chamado complemento da renda familiar, em que a mulher é costureira e começa a atender um mercado maior, envolvendo num segundo passo toda a família. Destacam-se, também, os ex-funcionários de confecção que tornam-se faccionistas, prestando serviços aos seus antigos patrões. Assim, novamente, o dinamismo empresarial se faz presente, também no setor do vestuário, pois há uma busca de autonomia na produção e comercialização.

Outro fator primordial para a concretização do setor do vestuário foi a disponibilidade de mão-de-obra feminina liberada pelas minas e cerâmicas, dois setores que tradicionalmente empregam homens. Esta mão-de-obra liberada será alocada no vestuário.

É já na segunda metade dos anos 70 surgem as facções, fortalecendo as confecções já existentes. Paralelo a isto surge o SENAI treinando mão-de-obra. Em municípios menores (Morro da Fumaça, Maracajá e também em Içara) a agricultura foi responsável pela liberação de um grande exército de mão-de-obra. É a busca de "salários melhores" na cidade. Além desses fatores, na atual situação econômica é fundamental que a filha ou a esposa contribua com a renda familiar.

O surgimento de outros faccionistas no decorrer dos anos 80 e início de 90 fortalecerá o parque fabril do vestuário, que no início atendia somente o mercado paulista. Serão centenas, distribuídos em vários municípios do sul catarinense, desde Tubarão até Sombrio. As facções funcionam como prestadoras de serviços às confecções, porém assumem a função de reduzir os custos, leia-se encargos sociais, e fugir das "atribuladas" relação com os sindicatos trabalhistas.

A baixa composição orgânica do capital e a mão-de-obra disponível facilitaram e facilitam a montagem de uma pequena facção, que pode ser instalada num pequeno galpão ou mesmo no "fundo de quintal".

A aquisição de máquinas foi facilitada pelo surgimento de revendedores de máquinas usadas, e conseguir fornecedores não se tornou difícil, pois há inúmeros confeccionistas que faccionam. Portanto, as facções acompanham de igual a igual em crescimento as confecções.

IV - A ESTRUTURA ATUAL E A CONSOLIDAÇÃO DO SETOR VESTUARISTA

Analisar os fatores que contribuíram para a origem do setor vestuarista da Região Carbonífera é perceber a necessidade de fazer um balanço da sua estrutura, estudando o surgimento de novas confecções e facções em diferentes municípios; a organização industrial; o mercado consumidor; a questão tecnológica; o comportamento da mão-de-obra; e a conjuntura econômica.

1 - A pulverização das etiquetas e o crescimento do setor

Durante a década de 80, uma avalanche de pequenas confecções são implantadas em toda a região. A partir de 1973, com o primeiro choque do petróleo, a economia mundial entra em colapso. Vivia-se um ponto de inflexão dos ciclos longos do desenvolvimento capitalista e novas articulações tecnológicas despontavam no cenário mundial. A economia brasileira entra no II PND, quando investimentos vultosos são implementados, ficando a cargo do agente estatal orientar tais investimentos. Durante a década de 70, os gastos governamentais mantiveram os empregos e o crescimento do Produto Interno. Entretanto, no início dos anos 80, com o segundo choque do petróleo, a economia mundial sofre outro golpe e as economias latino-americanas entram num período recessivo. Estávamos em plena fase descendente do Ciclo de Kondratiev. E, logicamente, como o capitalismo é ativo,

cria e recria seus mecanismos de recuperação, ou seja, tem um potencial dialético de autodestruição inovadora.

Segundo Schumpeter (1988), todo período de depressão é seguido por um *boom*. Num período repressivo, a recuperação é dada pelas **"novas combinações de meios de produção"**. Uma das circunstâncias para o aparecimento de novas combinações e empreendimentos é que **"a grande maioria das combinações novas não brotará das empresas antigas nem tomará imediatamente o seu lugar, mas aparecerá a seu lado e competirá com elas"**. Novas e pequenas empresas partilharão o mercado, se possível, com as consolidadas. Para Schumpeter, os empresários não aparecem de forma voluntária ou individual, **"porque o aparecimento de um ou de poucos empresários facilita o aparecimento de outros, e estes provocam o aparecimento de mais outros, em número sempre crescente"**. Desta forma, criam expectativas vantajosas, fazendo os investimentos de maior atratividade prosperarem.

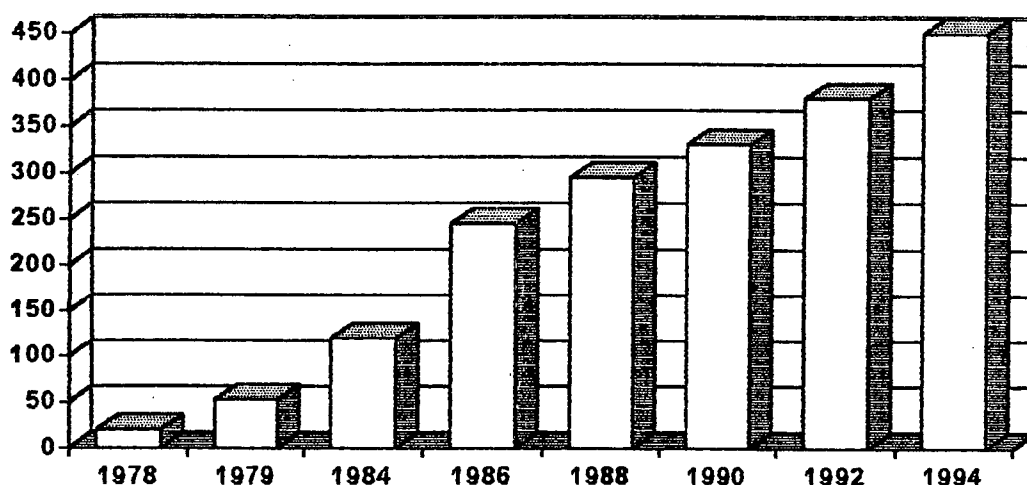
Uma avalanche de pequenas confecções e facções surgem na Região Carbonífera no início dos anos 80. Neste período, algumas etiquetas já estavam consolidadas ou em fase de consolidação. É o exemplo da Vidal, Twist, Rosatex, Crijalhas, Cedro Rio, Malibu e Thayse. Começava a prosperar a indústria do vestuário, abrindo novas oportunidades a outros pequenos empreendimentos. A gênese das maiores etiquetas veio confirmar a tendência de outros empreendimentos e de grandes grupos empresariais: o comércio (atacadista e varejista).

Por ser um ramo relativamente novo na região, tivemos dificuldade em obter informações. Foram pesquisados sindicatos, repartições públicas e demais entidades afins. A maior fonte de informação foram as entrevistas feitas diretamente com as empresas³⁰ e as costureiras.

³⁰ Foram entrevistadas - durante os meses de janeiro e fevereiro e julho a setembro de 1993 e março de 1994 - diretamente 61 empresas (entre confecções e facções), distribuídas da seguinte forma: 20 em Criciúma, 11 em Araranguá, 14 em Içara, oito em Morro da Fumaça, cinco em Maracajá e três em Nova Veneza. Obtivemos quase as mesmas informações de outras 12 empresas através de entrevistas indiretas, distribuídas desta forma: duas em Criciúma, duas em Içara, duas em Morro da Fumaça, duas em Maracajá e quatro em Nova Veneza. E de outros municípios fora da área de estudo (sobretudo a base de Tubarão) obtivemos a informação de outras 13 empresas. Para uma população de aproximadamente 450 empresas, com uma amostra de 73 obter-se-á um

a) **O crescimento dos estabelecimentos e da produção** - No final dos anos 70 começou efetivamente o surto de vestuaristas. Primeiramente em Criciúma, depois em Içara, Araranguá, Morro da Fumaça, Maracajá e por último em Nova Veneza. O gráfico mostra o crescimento do setor em relação ao número de empresas desde 1978.

**Número de estabelecimentos do vestuário na
Região Carbonífera - 1978/94**



Fonte: Sindicato da Indústria do Vestuário de Criciúma.

No período de um ano, de 1978 a 1979, o número de empresas quase quadruplicou, passando de 16 a 52. Durante o ano de 1986, em decorrência do Plano Cruzado, o crescimento também apresentou bons resultados, ou seja, dobrou o número de estabelecimentos de 1984 a 1986. Com o fim do Plano, há uma crise econômica, atingindo as indústrias de consumo popular. A partir de 1988, o crescimento vem se estabilizando, o

resultado confiável. Nestas entrevistas era perguntado sobre o processo de industrialização, a estrutura atual da empresa, a questão da terceirização, o relacionamento com os sindicatos, a movimentação espacial, as formas de enfrentar as crises econômicas e a força de trabalho.

que se deu pelo surgimento de várias confecções em Araranguá, Nova Veneza e Içara. Em Araranguá, são os casos das confecções Brisa (1988), Rinez (1988), Dayone (1990), Fashion New's (1990) e Angorá (1991); com isto Araranguá conquista novos mercados e gera novos empregos. Em Nova Veneza, na localidade de Caravágio, das cinco facções, duas começaram em 1990, uma em 1989 e as outras em 1986 e 1984. Em Içara, dos dezessete vestuaristas, doze iniciaram a partir de 1989.

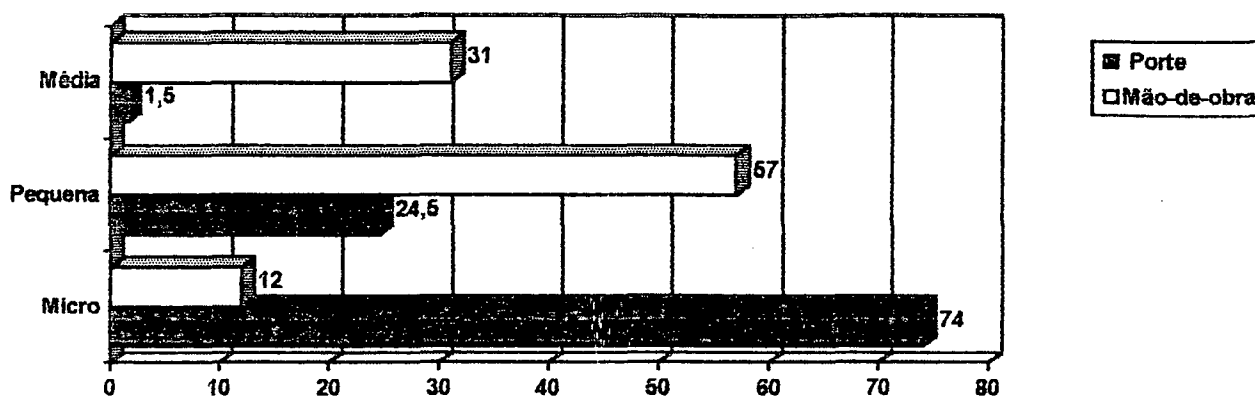
Portanto, a partir de meados dos anos 80 já havia expectativas vantajosas para qualquer investimento no setor do vestuário. Seja em confecção, facção, lavanderia, bordado, serigrafia, estamperia, revenda de máquinas de costura (novas ou usadas³¹) e equipamentos e distribuição de tecidos e aviamentos. Os revendedores e os distribuidores concentram-se em Criciúma e Araranguá, cidades que englobam o maior número de confeccionistas.

O porte das confecções e facções varia: a maioria são pequenas e microempresas. No ano de 1993 havia somente 12 vestuaristas com mais de 100 funcionários: em Criciúma, a Rosatex (1.100), Twist (455), Damyiler (250), Crimalhas (200), Cedro Rio (170), Thayse (150), Negge's (120) Breno (115) e a Maferson (100); em Morro da Fumaça, a Matiola (160) e a Dayel (140); e em Araranguá, apenas a Malibu (180). Segundo a Federação das indústrias de Santa Catarina, a composição do parque fabril vestuarista da Região Carbonífera (Criciúma, Araranguá, Içara, Maracajá, Nova Veneza e Morro da Fumaça), em relação ao porte³², é da seguinte proporção:

³¹ Máquinas de costura usadas, adquiridas de fábricas desativadas. É comum os novos e pequenos faccionistas comprarem máquinas usadas.

³² A classificação segundo a Fiesc é a seguinte: microempresa até 10 funcionários; pequena de 11 a 100 funcionários; média de 101 a 500 funcionários; grande mais de 500 funcionários.

**Participação da Indústria do vestuário segundo o porte*
e a mão-de-obra (em %)**

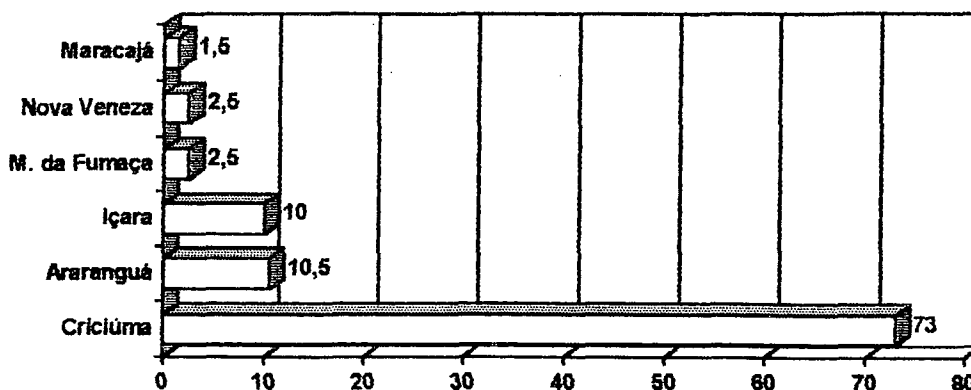


Fonte: FIESC (Guia da Indústria de Santa Catarina - 1993)

Observa-se que a presença de microempresas é de 74%, empregando apenas 12% da mão-de-obra; porém as pequenas, que giram em torno de 11 a 100 funcionários, empregam 57%³³. Este fenômeno ocorre porque a indústria do vestuário exige uma baixa composição orgânica do capital, podendo-se montar uma pequena facção com apenas sete ou menos máquinas de costura e dez empregados. Além disso, as expectativas e uma densa reserva industrial feminina com experiência e habilidade estimulam as pessoas que acumulam uma pequena renda a abrirem seu próprio negócio. Desta maneira, o surgimento em massa de facções em "fundo de quintal" foge do controle dos sindicatos, tanto patronal como dos trabalhadores.

³³ De acordo com pesquisas, as 12 médias empresas em 1993 correspondiam a 0,3% das indústrias do vestuário e a 29% da mão-de-obra empregada no mesmo setor.

Participação das indústrias do vestuário por município - (em %)



Fonte: *Ibid.*

Em termos de faturamento, pontuaremos somente algumas etiquetas, pois há dificuldade na obtenção destes dados.

Faturamento de algumas etiquetas de Criciúma e o ranking em número de operários (em milhões de dólares anuais)

Empresa	Faturamento	Ranking em nº de operários
Rosatex (1)	15,0	1º
Twist (1)	14,5	2º
Thayse	12,6	6º
Negge's	4,6	7º
Cedro Rio	3,1	5º
Calcutá	1,8	14º
Mafferson	1,5	9º

Fontes: Entrevista do autor;

(1) Revista Exame, abril/93.

A produção de vestuário de maior destaque é a seguinte:

Com base em tecido plano: calça, bermuda, jaqueta, saia, camisa e colete;

Com base em malha: camiseta, abrigo, calção, blusa, saia, moda feminina e cueca;

Com base em moleton: calção, abrigo e camiseta de inverno;

Com base em cotton: saia, camiseta e calção;

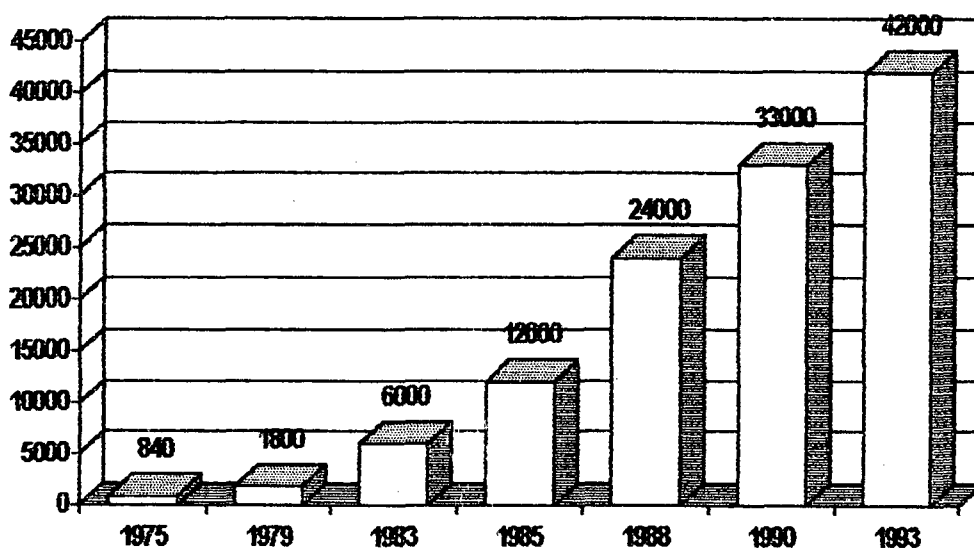
Com base em plush: roupa infantil.

Para melhor distinguir os tecidos, vamos dividi-los em dois grandes grupos: 1) os tecidos planos, incluindo o *jeans* e a sarja (brim de cor); 2) a malha, incluindo os demais, como moleton, cotton e plush, com pequena participação no total da produção.

Com base nesta divisão, das 43 confecções visitadas, 23 trabalhavam com tecidos plano e 20 com malhas (ou com os demais). Porém, em termos de produção, a proporção é outra, pelo fato de os tecidos planos terem maior participação e serem utilizados pelas maiores etiquetas (Rosatex, Twist, Cedro Rio, Damyler, Dayel, Malibu e Mefferson). Os tecidos planos são responsáveis por 65% da produção da Região Carbonífera. O restante, 35%, são malhas (as maiores são a Thayse, Crimalhas e também a Twist). "Com o crescimento do pólo de confecção em Criciúma, vários empresários estão mudando para o ramo, a fim de aproveitar os espaços existentes no mercado de *jeans*. É o caso da Comércio de Confecções Maferson. Durante vinte anos, essa empresa familiar trabalhava apenas com malharia, fabricando blusas de lã. No final dos anos 80, a família chegou à conclusão de que esse não era o negócio da região. 'Estava começando o *boom* dos *jeans* e não podíamos ficar de fora', afirma Jefferson Zapeline (...), diretor comercial da empresa. 'Não há grande cadeia de lojas que não compre *jeans* em Criciúma.' (...) Segundo Zapeline, foi preciso mudar a maquinaria e reformular a fábrica" (EXAME, 1993).

Atualmente, 15% da produção dos faccionistas é destinada para São Paulo, 20% para Blumenau (sobretudo a Hering - Wrangler e a Dudalina) e Brusque (Colcci); 60% são para etiquetas da Região Carbonífera, e o restante, 5%, é distribuído para outras cidades, como Florianópolis e Curitiba. Do total da produção terceirizada, 65% são com base em tecidos planos e 35% com base em malhas, cotton, moleton e outros.

**Produção de peças do vestuário da Região Carbonífera -
1975/93 (em mil)**



Fonte: Sindicato da Indústria do Vestuário de Criciúma.

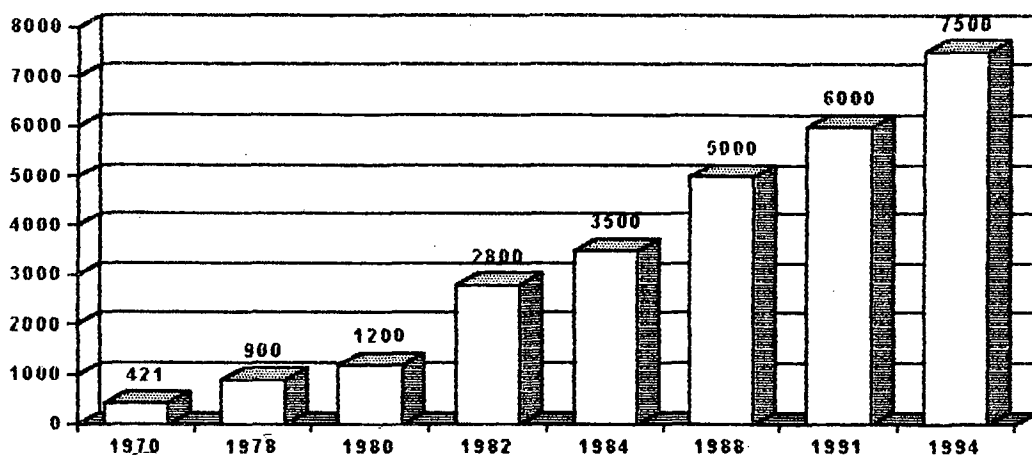
A evolução da produção acompanha o crescimento em equipamentos de capital. Observam-se alguns saltos, principalmente no início dos anos 80, em função da proliferação das facções e do advento do Plano Cruzado, quando há um crescimento significativo na economia brasileira. O crescimento do setor está em torno de 12,5% ao ano e a partir do final de 1993, segundo alguns confeccionistas, o setor retomou um crescimento mais significativo.

b) A evolução na oferta de emprego - Hoje, o vestuário é a segunda fonte geradora de empregos no setor secundário da Região Carbonífera, perdendo somente para o cerâmico (12.000). Esta posição foi assumida após a crise do carvão, que em 1985 gerava 15.000 empregos diretos. A lacuna deixada pelo carvão foi gradativamente preenchida pelo vestuário, amenizando a crise.

Siderópolis é um exemplo claro. Cidade voltada à extração do carvão, foi sensivelmente castigada pela reversão das políticas energéticas. A partir de 1989 os investimentos na cidade foram redirecionados e o vestuário foi beneficiado e estimulado, em decorrência, inclusive, da mão-de-obra disponível. Algumas facções se instalaram, como a Critex, com 55 empregos, uma unidade da Twist, com 140 empregos, e outras três confecções.

A evolução no número de operários 1978 a 1994 foi da seguinte ordem:

**Número de operários na Indústria do vestuário
na Região Carbonífera - 1978/94**



**Fontes: Sind. dos Trab. nas Indústrias do Vestuário e Calçados de Criciúma;
Sindicato da Indústria do Vestuário de Criciúma;
Censo Industrial FIBGE - 1970.**

Nos dados acima não se incluem as costureiras domiciliares, que giram em torno de 2.000. O índice de costureiras não fichadas é alto, principalmente nas micro e pequenas confecções e sobretudo nas facções³⁴. Tomemos como exemplo três facções em Içara: com 16, 12, e 10 empregados, o número de empregados fichados era respectivamente seis, um e um. Isso demonstra que os dados sobre mão-de-obra são dispersos, dificultando as atividades sindicais.

O número de rescisões feitas no Sindicato do Trabalhadores também é significativo. As reduções no quadro de funcionários acompanham as crises do país. No setor há o chamado "período entressafra", de agosto a setembro, quando sempre há uma pequena queda no número de emprego, que é facilmente recuperado no período posterior.

Ano	Número de rescisões
1986	1.337
1987	1.142
1988	1.272
1989	1.219
1990	1.494
1991	1.356
1992	870
1993	610 (de janeiro a agosto)

Fonte: Sind. dos Trab. da Ind. do Vestuário e Calçados de Criciúma.

³⁴ O alto número de costureiras não fichadas concentra-se mais nas pequenas facções.

2 - A relação capital x trabalho e a atuação dos sindicatos

Criciúma sempre teve tradição nas lutas operárias. É uma tradição que vem de longe, ou seja, dos mineiros. Já em outubro de 1934 os ferroviários de Santa Catarina entraram em greve e terminaram o movimento com vitórias (BRASIL DIA-A-DIA, 1988). "No começo dos anos 40, os mineiros faziam reuniões clandestinas, escondidos dos patrões, para discutir seus problemas, tentando uma organização. Até então todas as manifestações de descontentamento eram desmobilizadas pelos patrões através da polícia, que persegua os mineiros". (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 1992).

Em 1945 é fundado o primeiro sindicato dos mineiros de Criciúma, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão de Criciúma. Segundo Fernandes (1992), "tal sindicato nasceu a partir de um projeto a nível nacional de organizar a classe operária de modo que esta ficasse intimamente ligada ao Estado.(...). A história do Sindicato dos mineiros esteve (...), ligada à história do movimento sindical brasileiro tanto no que diz respeito às fases mais organizadas, 'combativas' e de grandes mobilizações, quanto nas fases de 'peleguismo', atrelamento e cooptações que o movimento sindical do Brasil como um todo presenciou".

Os mineiros conseguiram disseminar em outras categorias suas formas de luta e resistência, tomando Criciúma a cidade em que mais afloram os conflitos de classe em toda a região sul do Brasil.

O Sindicato do Trabalhadores na Indústria do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região foi fundado em 1979 e teve como presidente Ana Borges dos Reis, que comandou a primeira greve da categoria em 1982. Ana Borges ficou até 1985, atuando com certa desconfiança. Porém, em 1986, ocorre a vitória no Sindicato dos Mineiros de Criciúma de uma chapa mais autêntica ligada aos movimentos populares. Tal fato proporcionará

mudanças na composição hegemônico-ideológica de vários sindicatos de Criciúma: dos vestuaristas e calçadistas, em 1985, e dos bancários em 1987. Ficou apenas o sindicato dos ceramistas, entre os grandes, ligado a uma posição "conservadora". Segundo Arlindo Rocha, secretário do Sindicato dos Mobiliários de Criciúma, **"a história do trabalhador não interessa em nada. As condições atrás não adianta"**(ENTREVISTA, 1993). Itaci de Sá assumiu a presidência deste sindicato em 1981 e permanece até hoje.

Em dezembro de 1985 foi eleito Valdeci José da Silva como novo presidente do sindicato do vestuário, que filia a entidade à Central Única dos Trabalhadores (CUT). No início de 1988, é desencadeada uma grande greve e em setembro do mesmo ano o sindicato apóia o movimento do mineiros da CBCA. Em dezembro de 1988, assume a presidência Izio Roberto Ignácio, levando adiante a postura de "guerra de movimento" incorporada pelo sindicato.

Após a greve de julho de 1990, na Facções Fernanbel, em Içara³⁵, a constante ameaça dos faccionistas de saírem da Região Carbonífera e a nova direção do sindicato patronal³⁶ provocou uma alteração nas táticas de ação do sindicato dos trabalhadores, que optou por "guerra de posição". Porém a greve mostrou que eles formavam uma classe forte e combativa. Segundo Valdeci José da Silva, **"a nossa ideologia, nossos princípios continuam intactos, é o outro lado que mudou.(...) Com a nova direção no sindicato patronal, eles também se qualificaram mais. (...) Houve mudanças na maneira de agir, no enfrentamento por parte nossa e por parte deles. Eles mudaram, deixaram de ser radicais. E éramos nós quem pagava o pato. (...). Não dá mais para fazer greve com plquetes. (...) O movimento sindical tem que se modernizar e reciclar"** (ENTREVISTA, 1993).

³⁵ Em julho de 1990 ocorreu um violento conflito na Facções Fernanbel, em Içara, entre os trabalhadores, polícia militar e seguranças contratados por faccionistas da cidade, os quais temiam a repetição do fato em suas fábricas. O resultado foi calamitoso para os operários, com um saldo de quatro operários feridos e um detido.

³⁶ A nova direção do sindicato patronal abriu possibilidades de diálogo. Adílio Ferreira assume no lugar de Diomício Vidal, presidente desde 1978. Em 1994, Vidal voltou à presidência do sindicato.

Tal postura perdurou até a greve de maio de 1994, que era esperada em função das perdas salariais acumuladas de dois anos, quando novamente, com a mudança no sindicato patronal e o rompimento de qualquer diálogo, volta o sindicato a assumir a opção por "guerra de movimento". O movimento teve como saldo três operários feridos a bala por um segurança da Confecção Rosatex, em Criciúma. Após a greve, muda a direção do sindicato dos trabalhadores.

Esta forma combativa do sindicato de Criciúma garante à região um piso salarial mais alto, comparado com o de outras bases territoriais. O piso de uma costureira na Região Carbonífera está em torno de dois salários mínimos; já na base territorial de Tubarão, administrada por um sindicato mais flexível, ligado à Força Sindical, o piso é de um salário mínimo. No sul de Minas Gerais, sobretudo na base territorial de Pouso Alegre, onde o sindicato dos trabalhadores na indústria do vestuário esteve nas mãos da Força Sindical, o piso de uma costureira é de apenas 5% acima de um salário. Em Cianorte, no Paraná, é de um salário.

A partir dessas diferenças de custos, etiquetas de São Paulo passam a utilizar serviços de facção de Minas Gerais e do Paraná, tornando-se os fiéis concorrentes dos faccionistas da Região Carbonífera. Para os confeccionistas de São Paulo, não importa onde são faccionadas suas etiquetas mas importam os menores custos.

Diante desse fato, a partir de 1989 alguns faccionistas, que atendiam exclusivamente São Paulo, na busca de baixos salários deslocam seus equipamentos para cidades fora da base territorial do sindicato de Criciúma; optam pela base de Tubarão. Em cidades como Armazém, Grão-Pará, Gravatal, Rio Fortuna e Jaguaruna, onde há uma mão-de-obra disponível liberada pela agricultura (de baixa qualidade), as mulheres, principalmente as mais novas, preferem trabalhar na fábrica, com um salário "estável", a trabalhar na "roça" ou de doméstica; e um sindicato mais flexível. São estes os novos espaços pretendidos pelos empresários.

Vale a pena ressaltar que somente os terceiros de São Paulo mudam de base territorial, pois estes não exigem a mínima qualidade e sim quantidade. São calças populares vendidas ao Nordeste. A produção mensal das facções que atendem São Paulo é maior do que a das etiquetas locais. Em Içara, a Facção Juncoski, com 45 funcionários, de 1991 até 1993 trabalhou com São Paulo produzindo 16 mil peças/mês. A partir de 1994 começou a terceirizar para a Rosatex; a produção caiu para 8 mil peças/mês. Porém o preço por peça é mais atraente.

Atualmente o sindicato tem duas subseções, em Araranguá e em Sombrio. A tabela abaixo mostra a evolução no número de filiados (somente do vestuário) de 1990 a 1994.

**Número de filiados ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria
do Vestuário de Criciúma - 1990/94**

Ano	Número de filiados
1990	1.260
1991	1.620
1992	880
1993	1.350
1994	1.575

Fonte: Sind. dos Trab. da Ind. do Vestuário de Criciúma.

A queda de 1.620 filiados em 1991 para 880 em 1992 é explicada pela recessão. Com uma campanha maciça de sindicalização e a própria dinâmica do setor, há uma ligeira recuperação, de 1.350 filiados em 1993 para 1.575 em 1994.

A atuação do sindicato é mais expressiva nos centros urbanos maiores - Criciúma e Araranguá. Conseqüentemente, nestas cidades, há uma melhor conscientização política das

costureiras. Cai o sindicato no grave erro de não realizar campanhas ou quaisquer outros movimentos em municípios menores, como Maracajá, que fica no caminho de Criciúma a Araranguá (BR -101), tratando as demais cidades como periferia.

A tabela abaixo mostra a participação dos trabalhadores em atividades promovidas pelo sindicato, sejam elas assembléias, greves, panfletagens ou reuniões.

**Participação dos trabalhadores em atividades promovidas
pelo Sindicato (em %)**

Município	Participação em atividades do sindicato	
	Sim	Não
Criciúma	43,8	56,2
Araranguá	21,7	78,3
Içara	30,3	69,7
Morro da Fumaça	17,6	82,3
Maracajá	—	100,0
Total	31,3	68,7

Fonte: Entrevista do autor.

Nas cidades menores, a abrangência do sindicato é insignificante. Em Maracajá, 100% das entrevistadas nunca participaram de quaisquer atividades. Em termos globais, a mobilização ainda é regular, com apenas 31,3% de participação.

Entretanto, mesmo sem participarem do sindicato, muitas costureiras reconhecem suas vantagens. Vejamos a tabela abaixo:

**Vantagens oferecidas pelo Sindicato, segundo os
trabalhadores do vestuário (em %)**

Vantagens e opiniões sobre o sindicato	Municípios				
	Criciúma	Araranguá	Içara	M. Fumaça	Maracajá
Luta por direitos	54,7	82,6	42,4	23,5	—
Razoável	18,8	17,4	12,1	---	---
Já foi melhor	15,6	—	—	—	—
Atuação ruim	7,8	—	—	—	—
Assistência jurídica	3,1	—	6,1	5,9	—
Dá valor à classe	—	---	6,1	11,8	---
Sem opinião	—	—	33,3	58,8	100,0

Fonte: *Ibid.*

No total, 41,5% das entrevistadas acham que o sindicato luta por direitos da categoria; 10,9% acham razoável a atuação da entidade; para 6,8% já foi melhor, ou seja, deveria o sindicato voltar a agir com mais agressividade nas negociações; 3,4% reprovam; 2% já utilizaram serviços dos advogados; e 35,4% não opinaram. Novamente Criciúma e Araranguá irão mostrar resultados mais favoráveis.

A ausência do sindicato repercutirá na conscientização da classe. Há um certo conformismo em relação ao nível salarial. Vejamos:

**Comparação do nível salarial com outras categorias segundo
os trabalhadores do vestuário (em %)**

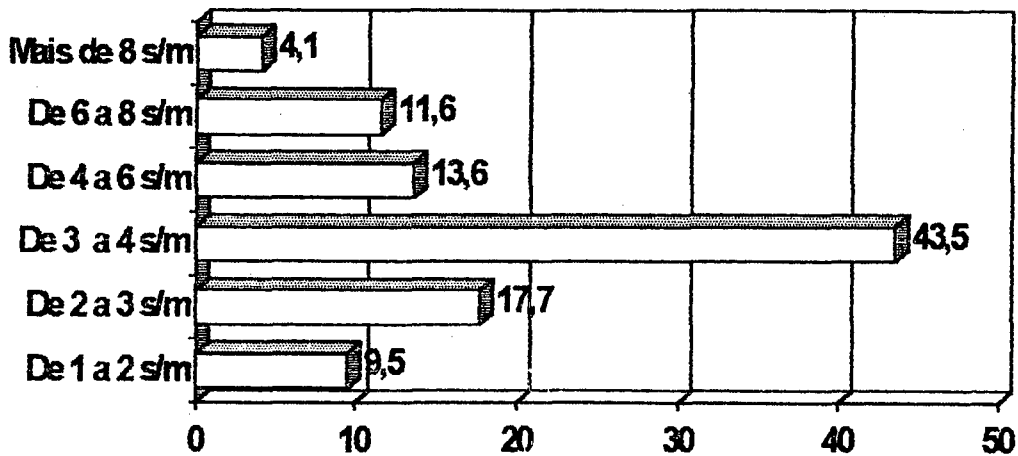
Nível salarial comparado com outra categoria	Municípios				
	Criciúma	Araranguá	Içara	M. Fumaça	Maracajá
Igual	61,0	17,4	42,4	5,9	30,0
Melhor	6,2	82,6	24,2	88,2	70,0
Pior	32,8	—	33,3	5,9	—

Fonte: *Ibid.*

Novamente, nos municípios onde o sindicato tem pouca atuação, os trabalhadores serão os mais apáticos em relação ao nível salarial, ficando passivos em relação aos baixos salários. Além disso, em Morro da Fumaça, as mulheres preferem costurar e ganhar menos a trabalhar nas olarias, em péssimas condições ambientais, ganhando mais. O mesmo vale para Araranguá, onde o trabalho em fábrica de calçados está submetido ao cheiro desagradável da cola.

a) **A renda familiar** - A crise do setor carbonífero resultou em mais de 10 mil demissões em menos de cinco anos, transferindo a responsabilidade da renda familiar à esposa ou à filha. Os dados abaixo mostram a renda familiar das costureiras para os cinco municípios:

**Renda familiar dos trabalhadores do vestuário -
s/m: salário mínimo (em %)**



Fonte: *ibid.*

A maioria dos trabalhadores do vestuário, 43,5%, tem uma renda familiar girando em torno de três a quatro salários mínimos; porém 9,5% sobrevivem com apenas dois salários, ou seja, a única fonte de renda é proveniente da esposa ou da filha. E apenas 4,1% têm uma renda satisfatória, ganhando acima de oito salários.

Na Região Carbonífera, 36% das costureiras são casadas e, desse total, 17,1% são esposas de mineiros. Em Criciúma 36,0% são casadas com mineiros, representando 23,3% do total. Ou seja, estão constantemente numa situação de incerteza, pois a cada momento há mudanças na política do carvão (em junho de 1994 a Eletrosul quis reduzir 40% da cota catarinense de carvão energético). Atualmente, muitos mineiros aposentados são "biscateiros" ou vigias noturnos.

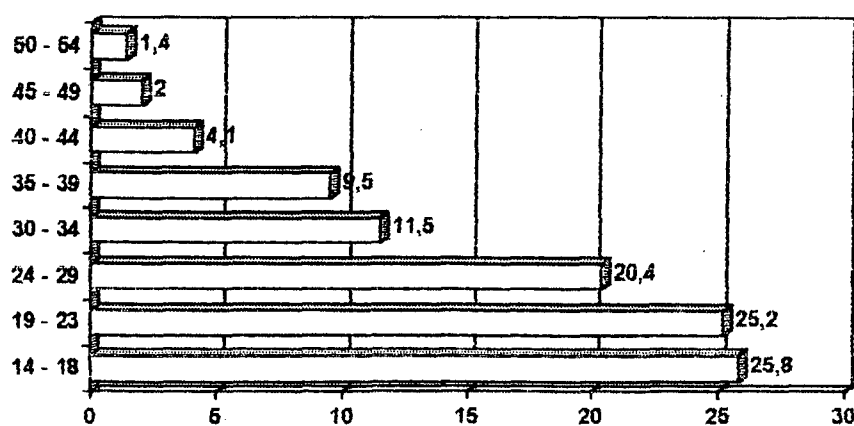
Estado civil das trabalhadoras do vestuário (em %)

Municípios	Estado civil			
	Soiteira	Casada	Separada	Viúva
Criciúma	53,1	36,0	4,7	6,2
Araranguá	43,5	43,5	—	13,0
Içara	57,6	36,4	6,0	—
M. Fumaça	64,7	17,6	11,8	5,9
Maracajá	30,0	50,0	20,0	—
Total	52,4	36,1	6,1	5,4

Fonte: *Ibid.*

Com relação à idade das costureiras, há uma forte concentração entra a faixa dos 14 aos 29 anos: 71,4%. Dos 14 até os 17 anos são respectivamente as seguintes proporções: 4,0%, 7,9%, 7,9% e 2,7%. Ou seja, 22,5% são menores de idade, impossibilitadas de continuar os estudos e concluir o segundo grau.

Pirâmide de idade das costureiras (em %)



Fonte: *Ibid.*

b) As condições de trabalho - Um fato comum no ambiente das fábricas são as constantes denúncias feitas por costureiras ao sindicato, denúncias que vão desde o não cumprimento de acordos salariais até assédio sexual por parte de encarregados ou a proibição do uso do banheiro fora do horário estipulado, as quais são publicadas no jornal do sindicato "O Carretel". Das 31 denúncias pesquisadas em 13 jornais (o jornal circula desde dezembro de 1985), 11 eram referentes à infração de leis trabalhistas, 11 a más condições de trabalho, quatro a perseguição a funcionários sindicalizados e cinco denúncias diversas. Vejamos algumas delas:

* "Na Calças Calcutá estão acontecendo dois problemas que as trabalhadoras denunciam. O primeiro é a falta de higiene no refectório, que além de ser pequeno é mal instalado, chove dentro, cheira mal e, se não bastasse isso, ainda existe um constante desfile de ratos. O outro problema é que agora está sendo 'controlado'. Para ir no banheiro tem que pedir a chave" (O CARRETEL, dez/87).

* "A Confecção Krás está demitindo o pessoal que é filiado no Sindicato" (*Ibid.* set/90).

* "A Confecção Rosatex III não deixa os empregados menores de idade baterem cartão ponto quando fazem horas extras" (*Ibid.*).

* "A Confecção Saleh não faz o pagamento das horas extras em folha de pagamento, paga por fora" (*Ibid.*).

* "Rosatex II: Lá, tem uma encarregada querendo controlar o uso do papel higiênico. Um rolo tem que dar para 15 dias" (*Ibid.* nov/90).

* "Thayse, a moda em goteiras: Seria engraçado se não fosse trágico. Mas em dias de chuva os trabalhadores se vêem obrigados a tomar sopa. Isso porque o maldito 'pinga-pinga' está localizado exatamente no refeitório" (*Ibid.* mar/91).

* "Rosatex, parece mentira, mas não é: Mesmo sendo uma necessidade essencial do ser humano, tomar um copo d'água na Rosatex é quase impossível. Com cerca de 300 trabalhadores, existe à disposição apenas um copo para cada 100 deles. Como se não bastasse, é proibido fazer fila" (*ibid.*).

A busca da Qualidade Total, do *Just-in-time*, da conquista do ISO - 9000 e de outros passaportes para a competitividade são os talismãs mais almejados pelas empresas neste final de século e início de um ciclo expansivo permeado pelos novos paradigmas industriais. Entretanto, as formas desumanas com que são enfrentados os antagonismos de classe e o respeito aos detentores da força de trabalho continuam nos moldes da Revolução Industrial. São brutalidades que passam pelo cotidiano no ambiente fabril.

c) Os benefícios e os prêmios por produtividade - A concessão de benefícios ou prêmios por produtividade não é comum na região. Em termos de benefícios, podemos observá-los apenas nas seguintes confecções: a Damyller promove excursões com suas funcionárias e oferece transporte coletivo próprio; a Twist dispõe de uma Associação Esportiva, freqüentada mais pelos homens; e a Negue's oferece lanches nos períodos matutino e vespertino.

Os prêmios por produtividade foram cortados em função da crise (1990/91). As que oferecem individualmente são a Cedro Rio, Damyller, Callver e a La Donna. Apenas a Facções Íris Costa, em Içara, que oferece prêmio no conjunto da produção.

3 - Os mercados consumidores, os fornecedores e as formas de comercialização

Como foi observado anteriormente, na sua origem os atacadistas tinham como mercado consumidor a própria Região Carbonífera e alguns clientes no Rio Grande do Sul. Com a iniciante conquista do mercado gaúcho, muitos atacadistas que se tornaram grandes confeccionistas investiram mais neste mercado, principalmente através de representantes. Atualmente o Rio Grande do Sul é responsável pelo consumo de 65% das confecções da região.

Quanto maior o porte da confecção, maior mercado ela procura. Por exemplo, a Twist abrange toda a Região Sul do Brasil; na Maferson, metade da produção é escoada para São Paulo e o restante bem distribuído no Sul; a Thayse distribui de uma forma equiparada entre os três Estados sulinos. Já as etiquetas de médio e pequeno porte se concentram mais no mercado gaúcho, como é o caso da La Donna (80%), da Di Angelis (80%) e da Rosei (65%). Em Araranguá, 70% das confecções destinam 90% da produção ao Rio Grande do Sul. Em Içara, 75%; em Morro da Fumaça, 55%. No total, o Rio Grande do Sul, principalmente a Grande Porto Alegre e o Vale do Rio dos Sinos, são responsáveis por 60% desse consumo. O restante está dividido entre Santa Catarina 20%, Paraná 10% e outros Estados 10%.

A única a trabalhar com o mercado externo é a Rosatex, a qual começou a exportar em 1991. Ela é facionista de etiquetas da Alemanha, Dinamarca e Estados Unidos (Lojas Un'Tailor) para onde são exportados 30% de sua produção, através de *tradings* de São Paulo. A mercadoria mais exportada são as calças *jeans*. **"O jeans Rosatex também está entrando nos mercados da França e Holanda. Mas sempre com a marca do importador, que também define os modelos e tamanhos. O grosso das vendas**

acontece entre janeiro e março, quando os clientes externos fazem seus estoques para o inverno e chegam a responder por até 70% do faturamento". (EXPRESSION, MAI/94).

As formas de comercialização se dividem em duas: os postos de venda, que somam 50%, e os representantes.

a) Os postos de venda - Os postos de venda são lojas cujas vendas se dão pelo varejo e/ou atacado, com preço direto de fábrica.

A necessidade de vender através de postos de venda veio da inadimplência do consumidor. Muitos confeccionistas trabalhavam com representantes e encontravam dificuldades de receber em contas, inúmeras sendo perdidas. Optaram por postos de venda, pois, neste caso, trabalham somente com vendas à vista. Os primeiros confeccionistas a instalar postos de venda foram a Crimalhas, 1983, e a Confecções Porão, 1984. Esta tradição de vendas ao atacado veio dos antigos comerciantes.

Geralmente os postos se concentram em centros de compra especiais para este fim, que nos últimos quatro anos se multiplicaram. O Pórtico Comercial, em Criciúma, foi o pioneiro, iniciando sua atividade em 1989 com 12 lojas; atualmente está com 85 e será ampliado com mais 50 lojas. Além do Pórtico Comercial, há o Mercado da Moda (18 lojas) e o Casario (com 12 lojas), a Galeria das Fábricas, inaugurada em 1995 (26 lojas) e brevemente será inaugurado o Shopping Lúcio Cavaller (250 lojas). Em Içara tem o Portal da Moda, inaugurado em 1992 (10 lojas). Em Araranguá, o Center Fábricas, inaugurado em 1991 (75 lojas), o Centro da Moda, inaugurado em 1994 (32 lojas) e o BR Shopping Araranguá, inaugurado em 1995 (74 lojas). Em Maracajá, o Shopping das Fábricas Maracajá, inaugurado em 1995 (32 lojas). Os postos não se concentram apenas nos centros de compras: na rua Henrique Lage e Anita Garibaldi em Criciúma há outras 47 lojas. Nos cinco municípios são aproximadamente 600 os postos de venda.

Além dos municípios-base, em Tubarão tem a Love Story e a Exposul (ambos com 94 lojas). Em Sombrio, o Super Center Japonês (trinta e duas lojas). Todos inaugurados em 1993. Brevemente serão inaugurados outros centros em Laguna e Imbituba. Em todo o sul catarinense, principalmente ao longo da BR - 101, existem aproximadamente 750 postos de venda-(ver mapa-um).

O constante surgimento de novos centros comerciais demonstra o potencial que a região engendra no setor do vestuário, dinamizando e garantindo o escoamento da produção dos pequenos confeccionistas. Somente no primeiro trimestre de 1995 foram inaugurados três novos centros: em Criciúma, Araranguá e Maracajá, num total de 138 postos de venda.

O que há em comum entre estes centros, funcionando em forma de condomínio, é a venda com preço direto de fábrica e os espaços reservados aos pequenos e microconfeccionistas.

Os maiores freqüentadores desses centros são as chamadas "sacoleiras" e lojistas, especialmente do Rio Grande do Sul. Criciúma recebe em média, por dia, oito ônibus de excursão (50% "sacoleiras" e 50% de pequenos e médios lojistas) e nos finais de semana chega a quinze. Segundo a Associação de Postos de Venda de Criciúma e a Associação dos Lojistas do Pórtico, 95% dos consumidores são provenientes do Rio Grande do Sul e foram criados aproximadamente 2.500 novos empregos diretos e indiretos.

Este tipo de venda veio concorrer com o comércio local. Vários lojistas, com tradição no ramo, adotaram novas estratégias para garantir as vendas da classe média para baixo. Lojas como a Casa Nova, em Criciúma, ou a De Lucca, em Içara, pagam costureiras domiciliares para confeccionar suas etiquetas, às vezes não conhecidas, mas que garantem as vendas de roupas populares.

Muitos desses confeccionistas não comercializam somente na Região Carbonífera, porém exploram todo o litoral catarinense, planalto e outras cidades na Região Sul do país. Vejamos:

Escoamento da produção em diferentes cidades através dos postos de venda

Empresa	Cidades em que se localizam postos de venda
Criminalhas	Criciúma, Fpolis, Joinville, Curitiba, P. Alegre e Pelotas
Cedro Rio	Criciúma, Fpolis, Joinville e Camburiú
Thayse	Criciúma, Araranguá, Tubarão, Lages, Chapecó, Blumenau, Itajaí, Balneário Camburiú, Joinville, S. José, Fpolis, Londrina, Maringá, Cascavel, Curitiba, Porto Alegre, Torres, Capão da Canoa, N. Hamburg e S. Paulo.
Damyler	Criciúma, Araranguá, Tubarão, Lages, Blumenau, Joinville e Fpolis
Calver	Criciúma, Brusque e Fpolis
Rosel	Criciúma, Blumenau e Fpolis
Hertha	Criciúma e Curitiba

Fonte: Entrevista do autor.

A busca de novos mercados é uma constante. No Camboriú Industrial Center, em Balneário Camboriú, um novo espaço de comercialização a ser inaugurado tem 32% de confeccionistas de Criciúma e 2,5% de Araranguá.

b) Os representantes - A outra forma de comercialização é a representação. Representantes são os viajantes que percorrem as cidades: todo o Rio Grande do Sul; o sul e o nordeste do Paraná; toda Santa Catarina; e cidades de São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Esta forma de venda é feita tanto por grandes como por pequenas etiquetas. A Twist trabalha com 28 representantes, distribuídos em todo o território nacional; a Negge's, com 16; a Mafferson, com 15; e a Dayel, com 11. Entre as médias: a To Play e a Replay, respectivamente, com 42 e 37 representantes, distribuídos em todo o país; a Luck Berg;

com oito. E entre as pequenas: a Guglielmi e a Juliandrei, ambas com quatro; e a Sartor, com 11 representantes.

c) A concorrência - Em termos de concorrência nacional, grandes etiquetas sentiram o peso das pequenas e médias confecções. Para a Alpargatas, no ramo desde 1907, a década de 80 foi extremamente competitiva, fazendo-a reduzir de 34 mil empregos para 18 mil. Segundo Diego Bush, presidente do Conselho Administrativo da Alpargatas, numa entrevista ao jornal Folha de S. Paulo em 13 de junho de 1993, **"na área têxtil, o índigo é o nosso principal produto. Esse produto sofreu muito nos últimos dois anos. As margens eram irrisórias, tínhamos superoferta. (...) A confecção é um dos nossos principais problemas. É um mercado em que a informalidade é muito eficaz porque qualquer um coloca uma máquina de costura na garagem e compete. Essa disputa é ingrata. É difícil ganhar por não haver eficiência que contorne o fato de termos que pagar impostos. Éramos os maiores produtores de jeans no passado. US Top e Jeeneration são hoje as nossas principais marcas. Eliminamos muitas pequenas. Houve uma mudança de enfoque das marcas, que estavam todas competindo na mesma faixa de preço. (...) Tentamos sair da linha em que competíamos só com preços para tentarmos nichos em que o mercado percebia um valor. Só na área de confecção fechamos quatro fábricas. Hoje são três"** (FOLHA DE S. PAULO, 13/06/93). O dinamismo de algumas etiquetas em conquistarem novos mercados abalou a estrutura das grandes marcas, até então consolidadas no mercado.

A concorrência entre os faccionistas se dá de forma inter-regional: o sul catarinense, o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná. Essas regiões têm em comum a especialidade de faccionar o jeans para etiquetas de São Paulo, a maciça presença de pequenas e médias empresas, a forma de comercialização, os postos de venda e as diferenças nas políticas dos sindicatos dos trabalhadores.

Minas Gerais: Os municípios que se destacam na indústria do vestuário no sul de Minas Gerais são: Pouso Alegre, Monte Sião, Varginha, Três Corações, Cambuí, Congonhal, Ouro Fino, Jacutinga, Itajubá, Borda da Mata, Paraguaçu, Paraisópolis, Poços de Caldas, Machado, Itaimdu e Santa Rita de Sapucaí. Segundo a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico -1991 - de Minas Gerais do FIBGE, "a Messorregião Sul/Sudeste de Minas apresenta um perfil produtivo que transcende as demais áreas do Estado, exceto a Região Metropolitana de Belo Horizonte, e é resultante de vários condicionamentos conjunturais do País e particulares à messorregião. A concentração de indústrias na messorregião reproduz o modelo de crescimento industrial do país, que assistiu ao seu desenvolvimento na década de 70, sobretudo na Região Sudeste. A expansão capitalista do norte de São Paulo e a rede viária bem estruturada no Sudeste facilitaram a imigração e instalação de empresas na messorregião. Por outro lado, fatores intrínsecos à messorregião, como sua posição geográfica em relação às metrópoles do Sudeste, a oferta de mão-de-obra relativamente qualificada, a existência da rede urbana bem estruturada e a facilidade de obtenção de energia elétrica e matéria-prima inseriram a Messorregião Sul/Sudeste de Minas Gerais numa das alternativas do processo de interiorização dos investimentos industriais do Estado, através de mecanismos de políticas fiscais para captar novos investimentos e promover a autorização do seu parque fabril" (FIBGE, 1993). Poços de Caldas, Itajubá, Lavras, Três Corações, Pouso Alegre e Varginha também se destacam na indústria de metal-elétrico. Um grande filão é a mão-de-obra qualificada e treinada por escolas profissionalizantes (EXAME, 13/04/94).

O surgimento da indústria do vestuário no sul de Minas Gerais aconteceu com a instalação em Pouso Alegre de uma unidade da Alpargatas Calçados em 1980, da Ancora Calçados em 1981 e, mais tarde, da Penalty. As duas primeiras geravam aproximadamente 4.200 empregos, treinando uma mão-de-obra no ritmo taylorista, especializada. Ao longo da década de 80, vários ex-funcionários dessas empresas - principalmente após o fechamento

da Alpargatas em 1990 - ou costureiras domiciliares passaram a confeccionar por conta própria. Este processo *demissão-prestação* também foi comum em Nova Friburgo (Rio de Janeiro), onde, em 1984, a maior indústria da cidade, a Triumph Internacional, fabricante de lingerie, decidiu demitir 500 dos seus 4.000 funcionários. Muitos dos ex-funcionários abriram uma confecção de lingerie (**EXAME, 13/04/94**). Atualmente, a Alpargata Jeans reabriu a unidade em Pouso Alegre, empregando 250 funcionários, com uma produção de 300 mil peças/mês³⁷.

Essa região sempre foi a grande concorrente do faccionista do sul de Santa Catarina, em função dos baixos níveis salariais pagos às costureiras mineiras, as quais ganham apenas 5% acima do salário mínimo, sendo que nas empresas com mais de 35 funcionários é acrescido 8% ao salário³⁸. Com estas "vantagens" o custo por peça produzida é sensivelmente reduzido.

Segundo o Sindicato Intermunicipal da Indústria do Vestuário do Sul de Minas Gerais, a região tem aproximadamente 300 facções³⁹, gerando em torno de 4.500 empregos diretos. Basicamente toda a produção é destinada a São Paulo.

Paraná: O município de Cianorte é o carro-chefe da indústria do vestuário no Paraná e, em menor proporção, o de Maringá. Segundo a Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - 1991- do Paraná do FIBGE, a Messorregião do Nordeste Paranaense "**representa o espaço de estruturação cafeeira do sul do país, mais recentemente interligado ao processo produtivo, o que valeu a denominação de 'Norte Novíssimo'**". O povoamento da área foi incentivado pela ação governamental e de particulares, com destaque da

³⁷ Outros municípios também se destacam em confecções como Monte Sião, Jacotinga e Ouro Fino, porém com uma peculiaridade em comum: as malharias, em especial o tricô retillneo. São municípios com estâncias hidrominerais que, aproveitando a estadia de turistas na cidade, exploram a venda de roupas. Jacotinga tem 28 mil habitantes, 700 malharias, empregando 7.500 funcionários. Monte Sião tem 25 mil habitantes, 800 malharias, empregando 12.000 funcionários, e Ouro Fino conta com 60 malharias.

³⁸ Os sindicatos dos trabalhadores de Três Corações, Paraguaçu e Pouso Alegre são filiados à Força Sindical, uma central sindical extremamente flexível nas negociações

³⁹ 78% com até 50 funcionários, 17% de 51 a 100, e 5% com mais de 101 funcionários.

Companhia de Melhoramentos do Paraná, responsável pela implantação das cidades de Umuarama e Cianorte. As correntes povoadoras tiveram duas linhas: uma ligada à marcha do café, composta de paulistas, mineiros e nordestinos, provavelmente do leste; e outra, de gaúchos e catarinenses, que avançou pela porção sul da região. Esta corrente, bem menos expressiva que a primeira, é responsável pela reprodução de propriedades do tipo familiar, embora sejam de médios e grandes estabelecimentos que caracterizaram a estrutura fundiária da messorregião" (FIBGE, 1993).

Com a queda da produção do café na década de 60 e 70, o município de Cianorte, a partir de 1980, opta por outras atividades econômicas. A Prefeitura Municipal - o prefeito, da família Nabauh, na época era proprietário da Cheina Facção e Confeção - e a Associação Comercial incentivaram a implantação de indústrias e comércio ligados ao vestuário. Hoje a cidade se destaca em confecção e facção de tecidos planos e malhas. Os faccionistas atendem São Paulo e são concorrentes dos faccionistas do sul catarinense pelo mesmo motivo que o sul de Minas, ou seja, o preço por peça faccionada é menor em função dos baixos salários - as costureiras ganham apenas um salário mínimo.

Em Cianorte, a indústria do vestuário gera 5.000 empregos diretos com uma produção de 5,4 milhões de peças anuais, distribuídas nas 250 fábricas (45% de três a 20 funcionários; 55% de 21 a 100; e 5% com mais de 101). O destaque maior fica para Cheina Facções e Confeções (1.500 empregos, 840 mil peças/mês e filiais em Paranavaí, Nova Olímpia e Tapajara).

A produção de Cianorte é distribuída da seguinte forma: 20% para o Paraná, 20% para o Rio Grande do Sul e o restante entre Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

As vendas são feitas através de postos de venda. Em Cianorte e arredores há nove centros comerciais com postos de venda direta da fábrica, no total de 600 lojas, e até o final

de 1995 serão 17 centros. Isto demonstra que o vestuário em Cianorte tem um poder de fogo tal como a Região Carbonífera.

d) Os fornecedores de insumos e os prestadores de serviços: a formação de uma economia de aglomeração - A aquisição de matéria-prima e insumos das grandes e médias etiquetas é basicamente feita de outros centros. Na confecção em tecidos planos, as matérias-primas são adquiridas de São Paulo: Vicunha, Ferreira Guimarães, Fantex (Jundiaí) e Lanificio (Garulhos); Santa Catarina: Lojas Renaux (Brusque), Schlösser Tecidos (Brusque); Rio de Janeiro: Nova América Tecidos (Duque de Caxias); Minas Gerais: Tecidos Santa Nense (Belo Horizonte) e Tecidos Santa Elizabete (Contagem). Os aviamentos são da Eberle (Caxias do Sul - RS) e as linhas, da Corrente (SP).

Porém em Criciúma e Araranguá, pelo fato de concentrarem o maior número de confeccionistas, há comércio especializado na revenda de tecidos e aviamentos, ou seja, vai-se formando uma economia de aglomeração, facilitando a abertura de pequenas confecções. A seguir, alguns fornecedores de insumos em Criciúma:

Tecidos, malhas e outros: *Tecidos Beckhausen (em Tubarão e Criciúma), Tinturaria e Tecido BBTEX, Tecimalhas, Aradef Malhas, Comércio de Tecidos Santa Bárbara, Display, Nivaldo Malhas, Malhas Twist e Vimalhas.*

Aviamentos: *Dedal de Ouro, Sul Pérolas, Cricifios, Pavei Aviamentos, OC Aviamentos, TJ Aviamentos, Aviamentos Colonette, AFS Osmar, Jubian Aviamentos e RST Com. de Aviamentos.*

Há também a facilidade de aquisição de máquinas para costura industrial, sejam elas novas ou usadas. Vejamos os revendedores de máquinas usadas em Criciúma:

Criciúma: Adi Comércio de Máquinas de Costura Ltda.; Mail Comércio de Máquinas de Costura Ltda.; Medeiros & Zilli Ltda.; Max Máquinas Comércio de Máquinas Industriais e Domésticas Ltda.; Léo Máquinas de Costura Ltda.; Elmatec Comércio de Assistência de Máquinas Ltda.; Mimimak Comércio de Máquinas de Costura Ltda.; Aramaq Comércio de Máquinas de Costura Ltda..

O surgimento de inúmeros prestadores de serviços, tais como: bordado, serigrafia, estamparia, lavanderia e a própria facção, foi facilitado pela consolidação da indústria do vestuário. A procura por terceiros é crescente, o que, além de diminuir consideravelmente os custos com mão-de-obra, agiliza a produção e dispensa a manutenção de determinados setores na fábrica.

As lavanderias são especializadas na lavagem do *jeans* com pedra (*stone washed*) para evitar o encolhimento e desbotamento. Das confecções com lavanderia própria existem apenas a Damyller, Rosatex, Mafferson, Dayel, Santo Antônio e a Rose! E dos faccionistas a Breno Cunha da Silva, Giatex, Fernabel e a Ires Costa. Os demais confeccionistas utilizam as lavanderias. Os faccionistas que atendem São Paulo (exceto Breno e Fernanbel) e Blumenau entregam a mercadoria sem lavar. Abaixo algumas lavanderias.

Criciúma: *Acqua Lavanderia Ltda.; Espuma Azul Lavanderia Ltda.; Jeanslave Lavanderia Ltda.; Lavanderia Alva Ltda.; Climatex Lavanderia Ltda.*

Içara: *Giatex Lavanderia Ltda.; Pop Lavanderia Ltda.; BBTEX Tinturaria e Lavanderia.*

Morro da Fumaça: *Faenza Confecções e Tinturaria.*

Nova Veneza: *Gude Lavanderia Industrial Ltda.*

Outros serviços como serigrafia, estamperia e bordados são geralmente feitos por pequenas empresas que têm de um a cinco funcionários. Segundo o Relatório da Prefeitura Municipal de Criciúma, em 1993 eram 17 microempresas prestando tais serviços.

Portanto, a região tem uma economia de aglomeração favorável à difusão de novos empreendimentos ligados ao vestuário.

4 - O fator tecnologia

A indústria do vestuário é pouco atingida pelos efeitos da obsolescência devido à baixa composição orgânica do capital e à impossibilidade de montagem de uma peça por máquinas sem a total inserção do homem no processo produtivo. Em certos estágios, as inovações se desencadeiam de uma forma mais lenta. **"Na indústria do vestuário, as inovações tecnológicas tenderam a concentrar-se nas fases iniciais do processo produtivo, não tendo sido possível automatizar várias etapas da produção em que é elevada a participação do trabalho (por exemplo, montagem e costura). (...) A**

tentativa de automação da produção foi melhor sucedida no caso da indústria têxtil do que na de vestuário, embora nesta última também tenham ocorrido importantes modificações a partir da introdução de novos equipamentos. (...). Na indústria do vestuário, a introdução da modelagem e corte automáticos representou a automação completa da primeira etapa do processo produtivo dessa indústria (etapa de concepção e preparação). Nas fases seguintes, montagem e acabamento, existem avanços, mas não ainda uma solução técnica dominante e definitiva quanto a sua automação" (CAMPOS & SCHERER, 1993). Em várias confecções de Criciúma e arredores ainda se opera com máquinas dos anos 70. Nas fábricas são praticamente inexistentes as inovações; é uma maquinaria que resiste até quinze anos. Exemplo: a costura reta, duas agulhas, ponto corrente e a overlok.

Contudo, há mudança na concepção e na preparação das peças. A Rosatex é um exemplo; usa a computação gráfica para criar novos estilos. São "máquinas automatizadas importadas da Alemanha, Japão e Estados Unidos. Elas fazem todo o processo de design, encaixe de moldagem no tecido e corte por computador. Mais: aumentando a produtividade em 20%. Antes, eram necessários 750 funcionários para produzir as 140 mil peças mensais. Agora, apenas 600 fazem o mesmo trabalho" (EXPRESSÃO maio/94).

Nas malharias, as inovações se dão na fase inicial, a tecelagem da malha. A Malharia Thayse adquiriu, em 1981, a primeira retilínea eletrônica; em 1983, veio a retilínea com fitas. Recentemente, 1991, comprou uma retilínea de fabricação alemã e uma circular espanhola, reunindo máquina fotográfica, câmara de vídeo e combinador de cores em condições de elaborar as amostras, reduzindo de 60 para sete o número de tecelões. O mesmo equipamento foi adquirido pela Crimalhas, reduzindo em 90% os tecelões. O mesmo não acontece com Replay e To Play, que continuam operando com retilíneas do início dos anos 80.

5 - A participação do Estado e do SENAI/SEBRAE

Como pudemos observar, nos setores carbonífero e cerâmico a participação direta ou indireta do Estado foi fundamental para o crescimento. No primeiro, através de investimentos indiretos (Eletrosul, Companhia Siderúrgica Nacional - CSN -, Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina - EFDTC-, Porto de Imbituba, Indústria Carboquímica Catarinense - ICC-, Lavador de Capivari e outros) e diretos (subsídios e garantia de compra); no segundo, com liberação de créditos (BNH - Banco Nacional de Habitação -, SFH - Sistema Financeiro de habitação -, CEF - Caixa Econômica Federal -, BADESC e BRDE). Já no vestuário, a participação dos agentes estatais não é uma característica marcante.

Em Santa Catarina, no período 1963/81, apenas 2,1% das operações contratadas pelo BRDE se voltaram ao gênero vestuário e calçados. E no período 1984/86 apenas 3,8% das contratações. No BADESC, apenas em 1986 houve uma atenção especial ao vestuário. Segundo Relatório de Atividades de 1986, **"no decorrer dos últimos anos o BADESC, em conjunto com o sindicato patronal, procurou modificar o perfil do setor de confecção. Hoje pode-se afirmar que já se constitui no maior pólo de confecção de Santa Catarina. As primeiras operações de financiamento realizadas pelo BADESC se destinaram quase que exclusivamente a microempresas. Apenas duas eram consideradas pequenas empresas. A atuação do BADESC foi decisiva para que a realidade atual seja bem diferente. Durante o ano de 1986, o Banco realizou 16 operações com algumas dessas empresas de pequeno ou médio porte e 31 operações com microempresas, totalizando um volume de financiamento da ordem de Cz\$ 13,6 milhões (913 mil dólares)".** A tabela abaixo mostra o volume de contratações realizada pelo BADESC com o setor do vestuário e calçados no período 1980/94.

**Total de contratações feita pelo BADESC com o ramo
de vestuário e calçados - 1980/94 (em %)**

Ramo de atividade	Ano													
	80	81	82	83	84	85	87	88	89	90	91	92	93	94
Vestuário e calçados	1,34	0,9	0,72	4,43	8,6	9,5	2,0	1,0	0	0	7,0	2,0	3,0	2,0

Fonte: BADESC - Relatórios de Atividades.

O setor de vestuário, salvo em alguns momentos, nunca foi muito favorecido por recursos provenientes tanto do BADESC como do BRDE, os quais sempre se dedicaram mais aos setores mais dinâmicos da economia.

Na Região Carbonífera apenas 10% das empresas entrevistadas utilizaram recursos estatais para investimentos em capitais fixos. O financiamento mais comum foi para construir um novo pavilhão ou para aquisição de máquinas⁴⁰. Sempre foram empresas de porte médio para cima que se utilizaram desses mecanismos. Abaixo, a relação das empresas, a fonte e em que foi investido o financiamento.

Rosatex: BADESC - construção da nova fábrica com 7.000 m²;

Damyller: BADESC - construção da fábrica em 1986 com 8.000 m²;

FINAME - aquisição de máquinas;

Dayel: BADESC - construção de dois pavilhões: um em 1993 e outro em 1995;

FINAME - montar a lavanderia;

Sto. Antônio: BADESC - construção da fábrica;

FINAME - compra de máquinas.

⁴⁰ Como financia apenas máquinas nacionais, o Finame é pouco utilizado pelos vestuaristas, cuja maquinaria é geralmente importada.

Atualmente a Prefeitura Municipal de Criciúma dá apoio à ampliação do Pórtico Comercial e está com um projeto do tipo incubadora que incentiva os microempresários do vestuário em fase inicial. É a chamada Colméia Industrial, numa área construída de 116 mil metros quadrados. **"O objetivo é fazer funcionar em regime de cooperativa 13 confecções, uma lavanderia industrial e uma estamperia, todas de pequeno e médio porte. (...) A primeira etapa do projeto Colméia Industrial deverá ser concluída em 10 meses, gerando 450 empregos diretos e a maior produção concentrada da região do sul de Santa Catarina, com cerca de 450 mil peças por mês, gerando uma renda superior a 2,94 milhões de dólares mensalmente. A primeira etapa corresponde a 40% do total do projeto, que num prazo máximo de quatro anos alcançará produção superior a um milhão de peças/mês"** (JORNAL DA MANHÃ, 18/11/1994). A Prefeitura dará a infra-estrutura e o BADESC financiará a construção. A participação do agente estatal se faz presente, porém não como uma marca registrada.

Apesar do SEBRAE estar em Criciúma desde 1979 e anualmente oferecer um curso de "Custo Para Empresas de Confecções", de acordo com pesquisas apenas as confecções Hertha, Callver e a Dayel já utilizaram os serviços prestados por essa instituição. Porém, segundo o SEBRAE/Criciúma, no curso "Administração de pequenos negócios" 70% dos participantes são empresários provenientes do vestuário ou afim. Em Araranguá, o SEBRAE começou a atuar em 1993 e os demais municípios (Içara, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Maracajá) ainda não dispõem do Balcão SEBRAE.

Os serviços oferecidos pelo SENAI são de suma importância na formação de novos profissionais para o setor. A primeira turma de "Costura Industrial" formou-se em julho de 1979. Hoje forma seis turmas por semestre com vinte alunos cada. Em 1988 o SENAI fez um acordo com o Cetiqt - Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil - do Rio de Janeiro, com o objetivo de ministrar cursos de "Risco e Corte".

Cursos oferecidos pelo SENAI/Criciúma na área do vestuário

Curso	Duração
Custo para Confeccção	40 h
Planejamento Controle da Produccção	40 h
Modelagem Feminina em Tecido Plano	120 h
Programação de Risco e Corte	80 h
Modelagem em Malharia	120 h
Controle de Qualidade na Confeccção	24 h
Desenho de Moda	80 h
Modelagem em Tecido Plano	120 h
Introduccção ao Estilismo	80 h
Interpretaccção de Moldes	80 h

Fonte: SENAI/Criciúma.

Muitos vestuaristas de Criciúma preferem contratar quem tem experiência comprovada ou certificado de formaçção do SENAI, pois demanda muito tempo o treinamento de novos contratados.

Todas as confeccções visitadas, em Criciúma, utilizavam os serviços do SENAI⁴¹. Em Nova Veneza, uma (Confeccções Damyller) e uma em Içara. Em Araranguá e Morro da Fumaça não há SENAI, dificultando a oferta de mão-de-obra especializada. A classe empresarial há tempo reivindica junto à FIESC/SESI/SENAI a instalaçção de uma unidade, pois reconhecem sua necessidade.

A partir de junho de 1993 o SENAI passou a cobrar uma taxa dos alunos por curso ministrado, o que dificulta o acesso de pessoas de baixa renda; no entanto, são estas que mais procuram o curso, pela dificuldade de encontrar um emprego e por não terem cursado a escola em época normal.

⁴¹ A Rosatex dispõe de uma Escola SENAI na própria fábrica.

Qual o comportamento da indústria do vestuário na Região Carbonífera na última década? É nos anos 80 que vamos ver o crescimento do setor do vestuário na região. Com o surgimento e o impulso dos anos 70 e o deslanchar dos anos 80 a indústria do vestuário tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes na região. Surgiu nos municípios de Araranguá, Içara, Morro da Fumaça, Maracajá e Nova Veneza, e nos anos 90 na região de Tubarão. Saindo do foco de Criciúma, espalhou-se para outras regiões.

No todo, é um crescimento contínuo, em torno de 12,5% ao ano. São empresas, na grande maioria micro e pequenas, que concentram em torno de si o maior número de operários. Porém Criciúma continua sendo o maior centro. São poucas as confecções que têm mais de cem funcionários.

O destino da produção é o Rio Grande do Sul, que consome 60% dela. O restante é distribuído entre Santa Catarina, Paraná e Sudeste. O escoamento dessa produção é feito através de representantes ou de postos de venda. Há um dinamismo enorme nos postos de venda, com a presença de pequenos confeccionistas, que estão concentrados, na sua grande maioria, nos centros comerciais ao longo da BR 101, desde Sombrio até Imbituba. É a chamada "rota das sacoleiras". Há confecções de renome que dispõem de postos de vendas em Florianópolis, Curitiba, no litoral norte catarinense e no planalto. No que tange à concorrência, quem saiu perdendo foram as grandes marcas, que nos anos 80 concorreram com os pequenos confeccionistas, seja de Santa Catarina ou de outros estados.

Uma questão muito delicada é a relação capital x trabalho. Criciúma tem uma tradição histórica de sindicatos combatíveis, leia-se mineiros. O mesmo se dá no vestuário. Já foram presenciados enormes conflitos de classe, pelo fato de o sindicato patronal ser radical nas suas posições e os trabalhadores sempre procurarem fazer cumprir os acordos e

respeitar os direitos trabalhistas. Este enfrentamento garante para a região um dos pisos salariais mais altos do Brasil no setor de confecções. Este piso aumenta o custo das fábricas, fazendo com que estas procurem outras cidades "não contaminadas" pelos conflitos. Desta forma se garante o fornecimento das etiquetas de São Paulo que constantemente rompem o fornecimento, voltando-se ao sul de Minas Gerais e ao norte do Paraná, onde o piso salarial das costureiras é em torno de um salário mínimo. Vale a pena ressaltar que os prestadores de serviços das etiquetas de São Paulo não exigem qualidade. O sindicato é atuante, cerca de 30% da categoria participa das atividades promovidas pela entidade. Há uma boa receptividade pelas costureiras em relação ao sindicato, que todavia atua de forma periférica, deixando de lado cidades como Morro da Fumaça e Maracajá, onde há uma fraca participação no sindicato. A forma como são tratados os enfrentamentos de classe entre costureiras e confeccionistas/fabricacionistas segue o modelo dos enfrentamentos entre mineiros e mineradores, ou seja, constantemente se utilizam efetivos repressivos para solucionar questões que a história dialeticamente desenvolve. Para os empresários do setor, as mulheres são mais fáceis de serem enfrentadas.

Mesmo com toda esta luta sindical, a renda familiar das costureiras é baixa, girando em torno de 43,5% entre três e quatro salários mínimos. Outro fato a grifar é o trabalho de menores de dezoito anos, 22,5%. Também há no ambiente fabril um tratamento áspero às operárias, com constantes denúncias ao sindicato dos trabalhares de maus-tratos e das péssimas condições no ambiente de trabalho.

A concretização do setor do vestuário na Região Carbonífera impulsionou o surgimento de grandes economias de aglomeração. Despontaram as serigrafias, estamparias, lavanderias, bordadeiras e revendedores de malhas e aviamentos.

Em função de apresentar uma baixa composição orgânica do capital, a indústria do vestuário não é tão atropelada pelas inovações tecnológicas. Percebe-se apenas nas malharias onde novas máquinas de tecer foram introduzidas, reduzindo consideravelmente o número de tecelões. Já as fábricas atuam com maquinário de quinze anos ou mais.

A presença do agente estatal, ao contrário dos setores carbonífero e cerâmico, não é muito relevante. Já a contribuição do SENAI e do SEBRAE é de suma importância. Em Criciúma, as grandes etiquetas contratam novas costureiras com experiência comprovada ou exigem o certificado do SENAI.

O setor do vestuário nos anos 80 demonstrou que tomou corpo, apresentando uma postura dinâmica e diversificada.

V - A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Apesar do sul catarinense ser ainda mais conhecido como produtor do minério de carvão e de revestimentos cerâmicos, o que vem se observando ao longo dos últimos anos é a solidificação do setor do vestuário, se inserindo neste contexto como uma nova divisão territorial do trabalho.

Englobando não apenas os cinco municípios-base mas outra base territorial, a Amurel - Associação dos Municípios da Região de Laguna, abrangendo Laguna, Tubarão, Imbituba, São Ludgero, Braço do Norte, Orleans, Jaguaruna, Gravatal, Armazém e outros, o setor do vestuário emprega aproximadamente 12.000 funcionários. Se contarmos com a mão-de-obra empregada nos postos de venda, esta cifra seguramente ultrapassa os 15.000 - sem levar em consideração as outras atividades, como: lavanderias, bordadeiras e serigrafias. Entre os municípios-base da pesquisa (Criciúma, Araranguá, Içara, Morro da Fumaça, Maracajá e Nova Veneza) e Tubarão, são aproximadamente 600 vestuaristas e uma produção anual girando em torno de 57 milhões de peças.

Além disso, o Estado de Santa Catarina tem destaque nacional na área têxtil. Blumenau é o maior pólo têxtil da América Latina, com uma capacidade de competitividade internacional fantástica. Ao lado de Blumenau, vão se destacando Brusque e a Grande Florianópolis como um pólo da malha.

Este capítulo, por um lado, mostra as relações da Região Carbonífera com as demais regiões supracitadas; por outro lado, destaca as articulações internas entre confeccionistas e faccionistas na microrregião e a organização interna industrial, sublinhando a relação *confeccção x facção*.

1 - As interligações com outras regiões

a) **O processo de disseminação em Tubarão** - Pensar Tubarão sete anos atrás, por um lado, era referir-se somente ao Lavador de Capivari, à Termoelétrica Jorge Lacerda e ao escritório central da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina. Por outro lado, o capital comercial sempre foi um dos destaques da cidade que historicamente servia como praça de comércio das mercadorias provenientes do Vale do Rio Tubarão e da Região Carbonífera para o Porto de Laguna.

A indústria do vestuário em Tubarão era insignificante; em 1986 havia apenas 46 empresas gerando 388 empregos diretos.

Um dos motivos que contribuíram para o surgimento, em Tubarão, de um novíssimo pólo do vestuário foi, da mesma forma que em Criciúma, a consolidação de comerciantes e atacadistas de roupas e tecidos, cujas mercadorias anteriormente eram compradas de outros centros e que passaram a confeccioná-las em seguida. É o caso da Ramjel, Beckhauser, Love Story e Cidazul; eram todos comerciantes e atualmente são os maiores confeccionistas da cidade. Além deste motivo, com a crise do setor carbonífero os três maiores empreendimentos ligados ao carvão sofreram um forte impacto, com várias demissões. A demissão fez muitos ex-funcionários retirarem o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço para montar pequenas confecções. Na outra ponta, a comercialização estava garantida com a inauguração, no início de 1993, do centro comercial Feira do Vestuário Love Story.

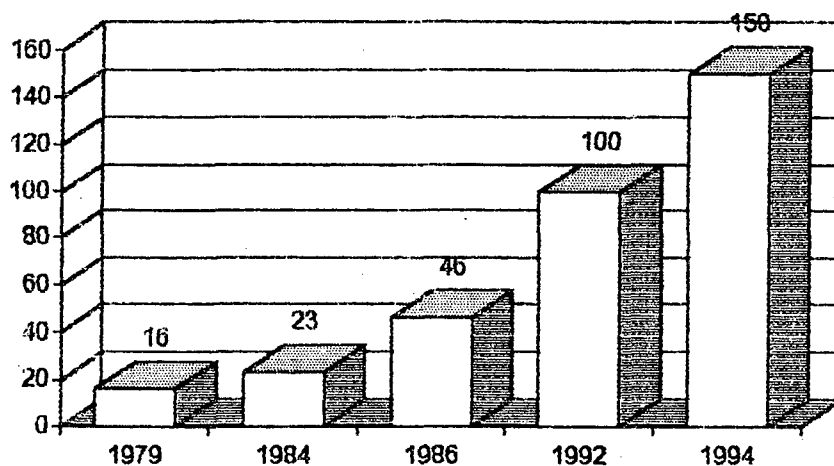
A grande contribuição ao novíssimo pólo do vestuário foi a "contaminação" disseminada por Criciúma sobre a Amurei. Braço do Norte, Laguna, Gravatal, Armazém e Orleans também começam a fazer parte deste raio de "contaminação". Tubarão está às

margens da BR - 101, "rota das sacoleiras" provenientes do Rio Grande do Sul, rota que começa em Sombrio, terminando em Brusque.

A mão-de-obra se origina basicamente de donas-de-casa, mulheres de ceramistas e filhas de agricultores (principalmente nos municípios do interior).

Atualmente o setor gera 2.500 empregos diretos, distribuídos nas 150 fábricas. Noventa por cento são malharias, com apenas dez faccionistas de *jeans*, quatro atendendo a Beck's *Jeans*. O maior mercado consumidor também é o Rio Grande do Sul, com 60% das vendas feitas através dos postos de venda; os outros 40% são para consumo local e o restante, para o Estado.

**Número de estabelecimentos do ramo do
vestuário em Tubarão - 1979/94**



Fontes: Cadastro Industrial FIESC: 1979;

Gabinete do Planejamento - Municípios Catarinenses: 1984;

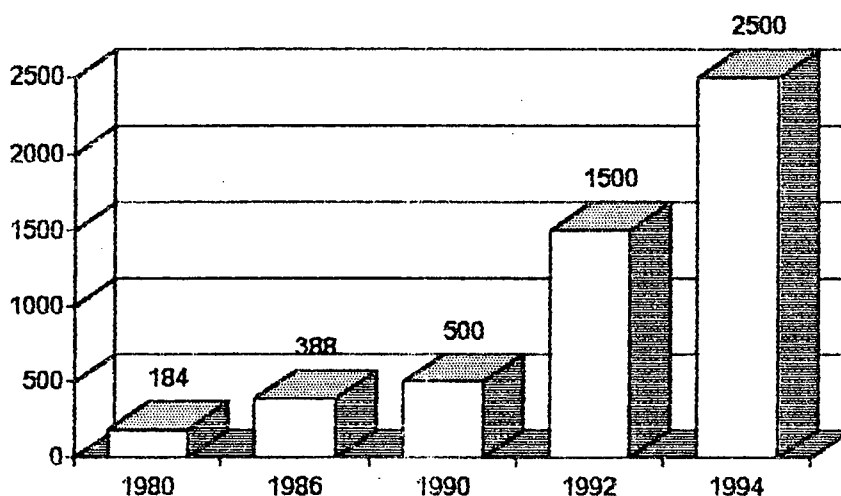
Secretaria da Indústria e Comércio: 1986;

Sindicato da Indústria do Vestuário de Tubarão: 1992/94.

Percebe-se como Tubarão dá um salto de quantidade: de 1986, com apenas 46 estabelecimentos, para 100 em 1992. E será justamente no início da crise do setor carbonífero.

Em relação à mão-de-obra empregada, a situação não difere muito. Vejamos o gráfico abaixo:

**Número de operários na indústria do vestuário
em Tubarão - 1980/94**



Fontes: FIBGE, 1980;

Secretaria da Indústria e Comércio: 1986;

Sindicato da Indústria do Vestuário de Tubarão: 1990, 1992 e 1994.

O salto de 500 empregos ofertados em 1990 para 2.500 em 1994 acompanha o crescimento em número de estabelecimentos, comprovando a potencialidade do vestuário em Tubarão e a tendência ao fortalecimento.

**Número de operários e localização de alguns
confeccionistas da Amurel**

Empresa	Nº de operários	Localização
Primavera	400	Tubarão
Man's	550	Laguna (300) e Orleans (250)
Kika	200	Braço do Norte
Beck's	145	Tubarão
Beckhausen	48	Tubarão

Fonte: Entrevista do autor.

Nesta região também há uma série de faccionistas atendendo etiquetas de São Paulo muitos provenientes de Criciúma e Içara, da base territorial do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário de Criciúma, que mobilizaram suas fábricas para Armazém, Grão-Pará, Rio Fortuna e Pedras Grandes - cidades com um farto exército de mão-de-obra feminina liberada pela agricultura. O motivo desta mobilização se dá pelos baixos custos de produção: o piso salarial de uma costureira na base territorial do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário de Tubarão e Região é um salário mínimo - em Criciúma são dois. Os fornecedores de São Paulo constantemente ameaçavam parar o fornecimento aos faccionistas de Criciúma devido ao encarecimento por peça. Na base de Tubarão os custos são baixos, dando, assim, condições de competir com Minas Gerais e Paraná.

O Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário de Tubarão e Região é filiado à Força Sindical, e o seu presidente, Bartholomeu M. Rodrigues, foi membro do sindicato patronal do comércio. Numa matéria publicada no boletim informativo do sindicato "Rancho da Costureira", em julho de 1994, aparece a posição da entidade, ou seja, de "resultado": **"Férias e feriados saem caro: um dos itens dos encargos sociais que sai**

mais caro para as empresas brasileiras são os dias não trabalhados, mostra pesquisa de José Pastore. (...) **Trabalhador custa o dobro no Brasil: Campeão mundial de encargos sociais, o Brasil é único país do mundo onde cada trabalhador custa para a empresa o dobro de seu salário**". Enquanto o piso salarial é de apenas um salário mínimo, a preocupação do sindicato é de acabar com os ganhos sociais do trabalhador e de distribuir sementes de hortaliças, como mostra outra matéria do mesmo boletim: **"Este sindicato encaminhou ao prefeito de Tubarão, Irmoto José Feuerschuette, ofício solicitando remessa de hortaliças para serem distribuídas a cerca de cem mulheres trabalhadoras na área do vestuário de Tubarão e região, da campanha do governo estadual 'horta familiar'"**. Atualmente o sindicato possui apenas cem filiados.

Este fator impulsionou a mobilização somente dos faccionistas que atendem São Paulo, pois as etiquetas paulistas não trabalham com qualidade e sim com quantidade. A conquista de qualidade nestes municípios é difícil em função de não haver mão-de-obra especializada. Há exemplo de etiquetas de Criciúma que exigem qualidade, mas cuja experiência de procurarem outros espaços mais atraentes em relação aos custos fracassou. A Twist montou uma unidade em Imaruí e esbarrou na baixa qualidade e na baixa produtividade. A Giatex Facção, em 1989, deslocou-se de Içara para Pedras Grandes e Orleans; como passou a atender etiquetas de Criciúma, teve que retornar. Nestes municípios, além da baixa qualidade, há também os altos custos com transporte pessoal dos proprietários, dificuldade de arranjar costureiras encarregadas e mecânicos, ou seja, não há uma economia de aglomeração constituída. Dos sete faccionistas pesquisados na Amurel, cinco atendem São Paulo. A tabela abaixo mostra estes dados:

**Faccionista da Microrregião da Amurel por localização,
número de operários e fornecedor/destino**

Cidade	Nº de empresa	Nº de operários	Fornecedor/destino
Gravatal	1	40	São Paulo
Grão-Pará	1	50	São Paulo
Pedras Grandes	2	80	São Paulo
Armazém	1	180	São Paulo
Jaguaruna	1	75	Criciúma
Treze de Maio	1	70	Blumenau

Fonte: Entrevista do autor.

b) Florianópolis e Brusque na "rota das sacoleiras" - A proximidade da Região Carbonífera com Brusque e Florianópolis se dá pelo fato de fazerem parte de **"uma cadeia de relações locais vinculadas aos mercados nacionais e mundiais"** (PIMENTA, 1994). Florianópolis e Brusque, como ponto final, fazem parte da "rota das sacoleiras" provenientes do Rio Grande do Sul. O *jeans* é adquirido no sul e a malha em Brusque.

A indústria do vestuário⁴² na Grande Florianópolis - compreendendo, além da Capital, São José, Biguaçu e Palhoça - começou a despontar nos meados dos anos 80. Até 1986 havia aproximadamente 80 confecções. Com o apoio do SENAI, da Prefeitura Municipal de Florianópolis e da Associação das Indústrias do Vestuário, ocorre um aumento considerável de novas fábricas e centros comerciais especializados - há cinco centros com 224 lojas.

A maioria das confecções é de ex-funcionários públicos ou aposentados que, ao saírem do emprego, acumulam uma quantia em dinheiro e montam a sua pequena confecção.

⁴² Com destaque para a moda em malha.

Como Florianópolis recebe um grande fluxo de turistas durante o verão, há um aquecimento nas vendas. Segundo Pimenta (1994), **"na microrregião de Florianópolis, a criação de pequenas malharias tenta responder ao mercado consumidor criado pelo fluxo de turistas argentinos, cujo poder de compra aparece ampliado pelas vantagens do câmbio"**.

Ao lado do turismo e da indústria de alta tecnologia, o vestuário vem paulatinamente se destacando como uma opção de investimentos em Florianópolis.

Não há sindicato dos trabalhadores na Capital, ficando externamente frágeis as relações *capital x trabalho*.

Conhecida como "Berço da Fiação Catarinense", Brusque, nos últimos dez anos, teve um crescimento fantástico no setor do vestuário. **"Das 298 indústrias que operavam no município em 1986, hoje o total chega a 1.500, das quais 90% do setor têxtil e do vestuário. O crescimento foi de 400%. Esse 'boom' tem sua origem intimamente ligada ao desenvolvimento do comércio direto de fábrica, através da Rua Azambuja"**. (DIÁRIO CATARINENSE, 17/06/94). A Rua Azambuja se assemelha à Rua Henrique Lage, em Criciúma. **"Dos 900 mil visitantes que o município recebeu no ano passado, 80% foram de 'sacoleiros'"** (*ibid.*), a maioria proveniente do Rio Grande do Sul.

Várias malharias de Brusque têm filiais em Criciúma: Schoening Malhas Ltda., Marazul Malhas, Willrich Malhas e Aradefe Malhas.

c) As articulações micro e macrorregionais entre confeccionistas e faccionistas -

Para melhor compreender as articulações entre os confeccionistas e os faccionistas, dividimos em dois grupos: 1) a nível macrorregional (ou interestadual); e 2) a nível microrregional (ou intermunicipal).

No nível macrorregional enquadram-se as relações entre as etiquetas de São Paulo e os faccionistas do sul de Minas Gerais, norte do Paraná e sul de Santa Catarina. É uma

relação típica de centro-periferia, principalmente em Minas e no Paraná. É a busca de mão-de-obra "mansa". Após as peças serem faccionadas retornam para São Paulo em aproximadamente quinze dias e de lá são vendidas ao Nordeste.

Essa é uma relação praticamente de dependência, pois qualquer redução das vendas em São Paulo repercutirá na outra ponta. As etiquetas paulistas não têm compromisso de exclusividade. Quando há redução nas encomendas ou os faccionistas optam por prestarem serviços a etiquetas locais, são obrigados a reorganizar a estrutura de suas fábricas para trabalhar com qualidade; ou tomam medidas drásticas, como férias coletivas ou demissão em massa.

Da mesma forma ocorrem no sul de Santa Catarina as relações entre Criciúma e as cidades de Içara, Morro da Fumaça e Nova Veneza; entre Araranguá e Maracajá. Criciúma e Araranguá, como centro, e as demais cidades como periferia. Criciúma e Araranguá concentram as etiquetas - favorecidas pela economia de aglomeração - e as demais cidades especializam-se na prestação de serviços a etiquetas locais e de São Paulo e Blumenau. Há também em Criciúma faccionistas de São Paulo e Blumenau - Rosatex, Breno Cunha, Fabris -, porém é mais comum noutros municípios (ver mapa cinco).

Situação do faccionista da Wrangler no sul de Santa Catarina (em %)

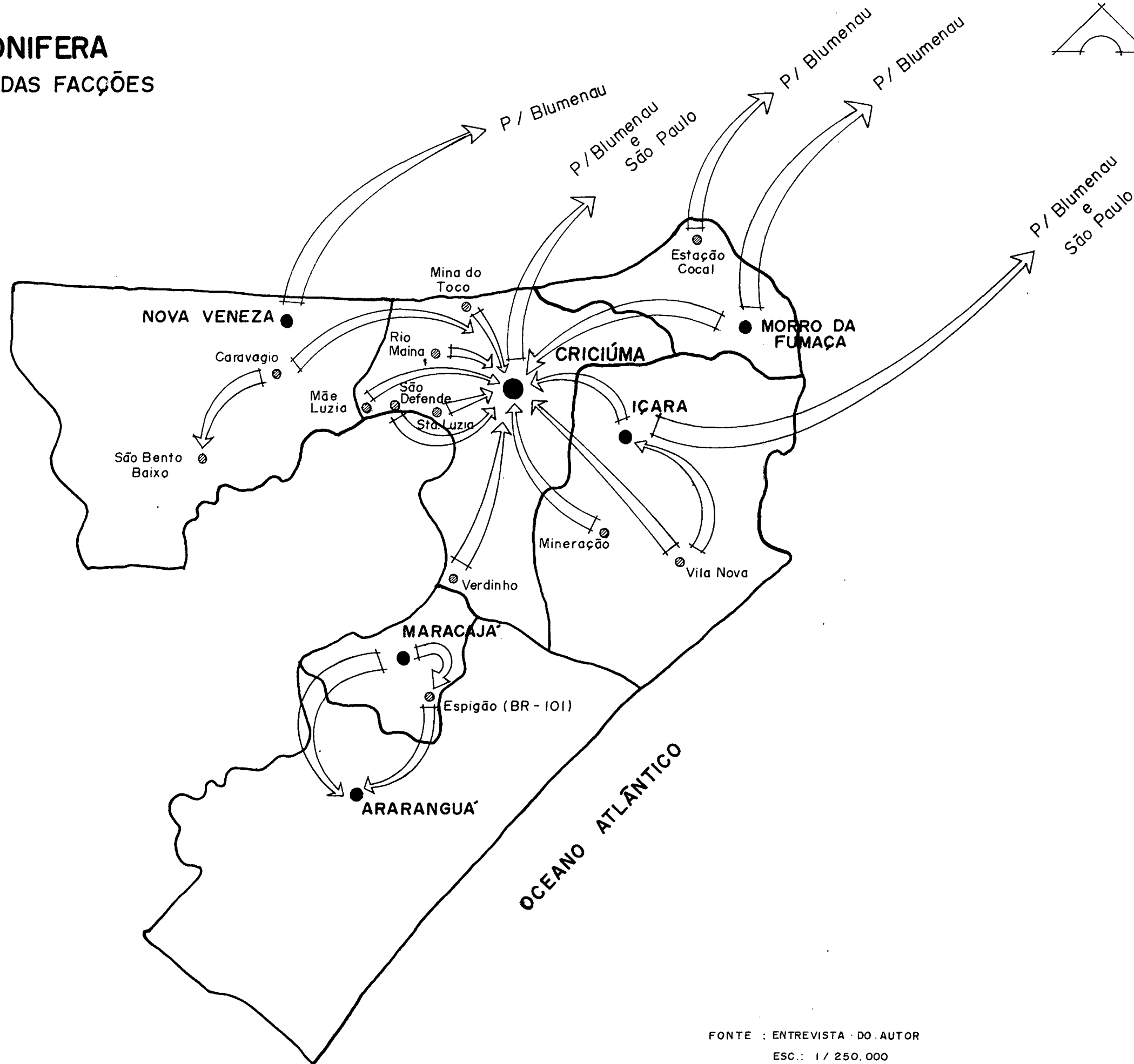
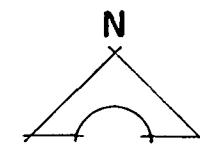
Empresa	Município	Prod. (mil peças/mês)	Nº de operários
Critex	Siderópolis	16	50
Factex	Treze de Maio	26	70
Rofer	Morro da Fumaça	9	35
Della Costa	Morro da Fumaça	16	40
Bia	Criciúma	25	45
Edriana	Nova Veneza	3	16
Íris Costa	Içara	16	70

Fonte: Wrangler - Hering;

Entrevista do autor.

REGIÃO CARBONÍFERA

FLUXO DA PRODUÇÃO DAS FACÇÕES



LEGENDA

- Sede dos Municípios
- ⊙ Localidades
- Fluxos

FONTE : ENTREVISTA DO AUTOR
 ESC.: 1 / 250.000

Participação dos confeccionistas e faccionistas em número de estabelecimentos e o destino dos serviços prestados pelos faccionistas por município (em %)

Cidade	Confeção	Facção	Serviços prestados p/ etiquetas locais	Serviços prestados p/ outras regiões
Criciúma	60	40	80	20
Araranguá	100	--	--	--
Içara	10	90	50	50
M. da Fumaça	30	70	50	50
Maracajá	30	70	50	50
Nova Veneza	10	90	70	30

**Fontes: Sind. dos Trab. da Indústria do Vestuário e Calçados de Criciúma;
Entrevistas do autor.**

Esta mesma relação (centro-periferia) ocorre em Criciúma, onde as facções se concentram nos bairros, fora do perímetro urbano, e as confecções preferencialmente no centro. Os faccionistas atendem especialmente as etiquetas locais, do centro. Segundo o Sindicato dos Trabalhadores, há quatro em São Defende, três na Mina do Mato, dois no Jardim Angélica e um no Sangão. Em Araranguá, toda a produção é faccionada a domicílio, não existem fábricas.

Somente a Wrangler - Hering - de Blumenau mantém sete faccionistas em todo o sul. Aproximadamente 58% da produção da Wrangler (111 mil peças/mês) é oriunda do sul catarinense. A qualidade é um requisito fundamental para a Hering.

2 - As articulações urbano-industriais do vestuário na Região Carbonífera

Segundo Corrêa (1993), "O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em um primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a *organização espacial* da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado". Segue Corrêa afirmando que, além do espaço urbano ser fragmentado, é articulado, um reflexo e um condicionante social, um campo de luta e com certos signos. "O espaço urbano capitalista (...) é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem" (*Ibid.*). Quem são estes agentes sociais concretos que atuam sobre o espaço urbano? São "os proprietários dos meios de produção, sobretudo grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos" (*Ibid.*). Portanto, Corrêa segue o raciocínio de Lipietz (1987), em que "o espaço sócio-econômico concreto se apresenta, (...) como um produto, um *reflexo* da articulação das relações sociais". Ou de Castells (1983): "O espaço como produto social, é sempre especificado por uma relação definida entre

as diferentes instâncias de uma estrutura social: a economia, a política, a ideologia e a conjuntura de relações sociais que dela resulta. O espaço é portanto sempre uma conjuntura histórica e uma forma social que recebe seu sentido dos processos sociais que se exprimem através dele". É, portanto, o espaço urbano produto das relações sociais, ou seja, se concentra na superestrutura.

Mark Gottdiener em "**A produção social do espaço urbano**" (1993), levanta a polémica do debate sobre o espaço entre Castells e Lefebvre. O espaço, para Castells, segundo Gottdiener, "**é um produto material de uma dada formação social**". Já em Lefebvre, segue Gottdiener, "**o espaço representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. (...) é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. (...) deve-se considerar o espaço um elemento das forças produtivas da sociedade, especialmente através da atuação da forma. (...) De fato, afirmar que o espaço é uma força de produção implica dizer que é parte essencial desse processo**". Para Lefebvre, o espaço faz parte das relações sociais de produção, não é o seu produto e sim está nela. A dialética está presente em Lefebvre, distante do estruturalismo de Castells e Lipietz.

Este é um tema em que, sem dúvida, há controvérsias. Suscita freqüentemente mais calor, mais paixão do que luz.

a) **A organização urbano-industrial** - Gottdiener (1993) traz o seguinte comentário de Berry a respeito da Teoria da Localização: "**Os lugares centrais constituem a base econômica em torno da qual se aglomeram outras atividades urbanas. A lógica da teoria da localização sugere que pode haver vários motivos para considerações sobre localização, os quais dependem das necessidades industriais, das ofertas de fatores de produção, das considerações de mercado e das exigências administrativas ou organizacionais. Os benefícios percebidos da aglomeração são extremamente**

coercitivos, conforme a abordagem convencional". Segue Gottdiener: "Assim, basicamente é uma concepção ligada à demanda que leva as preferências do consumidor individual e dos negócios a um lugar primordial entre aquelas forças que se articulam com o espaço, e que descubram os fatores sociais que estruturam a oferta diferencial de localização atraente, como os programas de governo" (*Ibid.*). Gottdiener chega à conclusão que este modelo funcional não dá respostas a várias processos de deslocação de capital. "O conceito de centralidade, como é usado na análise econômica tradicional, parece hoje insustentável e injustificado. Não há qualquer dúvida de que os modelos convencionais de localização possuem certa aceitação quando o centro da cidade funciona da maneira admitida acima; todavia, esse período foi ultrapassado por transformações espaciais ocorridas pelo menos nos últimos trinta anos". A exemplo disso temos a mobilização de capital para várias regiões do globo, tanto a nível nacional como inter-regional. No setor de alta tecnologia, já se observa, em vários pontos do globo, a convergência e a divergência desses em função exclusivamente do foco de mão-de-obra aglomerada. É o caso da movimentação das indústrias do nordeste dos Estados Unidos (New York, New Jersey até Maryland do Sul e em Boston na Rota 128) para o oeste e sudeste (Vale do Silício, Orange Country, Dallas-Forth Worth). Nesses complexos industriais, além de terem um exército de reserva denso, utilizam a mão-de-obra de imigrantes, pois em certas áreas de montagem não se exige qualificação. Em contrapartida, as aglomerações engendram em si fatores repulsivos: aumento de sindicalização dos trabalhadores e de movimentos populares. Então "a falta relativa de qualquer experiência bem desenvolvida de relação capital-trabalho em áreas industriais constitui-se um dos principais atrativos dos estados de Sunbelt para a nova indústria (especialmente a indústria de alta tecnologia) nas últimas décadas" (SCOTT & STORPER, 1988).

Concomitantemente, as externalidades contribuem para repelir os capitais dos centros de aglomeração como "o aumento do congestionamento, da poluição, dos

preços dos terrenos, dos custos dos serviços públicos e outros, também contribuem para o aumento dos custos de produção nos centros industriais já consolidados, reforçando todo o processo de descentralização industrial" (*Ibid.*). Porém, estes *sunbelts* estão condenados a sofrer todos os conturbados congestionamentos dos centros anteriores. Sendo assim, o capital constantemente está redesenhando novas divisões territoriais de trabalho para sobreviver a seus próprios antagonismos. A mobilização de faccionistas para a microrregião da Amurel em função da mão-de-obra barata, oriunda da agricultura, responde a isso. Nesses pequenos municípios (Armazém, Gravatal, Orleans, Grão-Pará, Jaguaruna e outros), não apenas faccionistas os procuram, mas também calçadistas, pois o modelo da fábrica taylorista é de fácil adaptação. Isso também motiva o deslocamento de postos de venda do perímetro urbano para centros comerciais ao longo da BR 101, indo atrás dos clientes.

Historicamente, a localização das indústrias na Região Carbonífera ocorreu da seguinte forma: a indústria carbonífera sempre situou-se próxima à reserva. No início do século, mais ao centro dos núcleos urbanos. É o exemplo da Mina Quatro, atualmente desativada, que ficava próximo ao centro de Criciúma. Em Siderópolis, a exploração a céu aberto fica a poucos quilômetros do centro; o mesmo em Urussanga. Hoje, preferencialmente, o centro está longe das minas, porém várias localidades constituíram-se ao redor das minas (em Criciúma: Sangão, Rio Maina, São Defende, Mina Brasil, Mina do Toco; em Içara, Poço Oito e Mineração; Guatá, em Lauro Müller; e Santana, em Urussanga). Assim, os mineiros na sua maioria moravam ou moram nestes bairros.

No setor cerâmico há dois momentos: o primeiro, nos anos 60 e 70, quando as fábricas instalavam-se no centro das cidades. Exemplos: em Criciúma, a Cecrisa, Cesaca; em Urussanga, a Ceusa; em Cocal do Sul, a Eliane; em Morro da Fumaça, Matiola. O segundo momento, nos anos 80, quando se instalam em parques industriais. Em Criciúma, a Portinari, Eldorado e De Luca; e como fornecedor de insumos, a Ferroname⁴³, todas

⁴³ A Ferroname ficou durante dez anos (1983/93) com a exclusividade no fornecimento de fritas às cerâmicas da Região Carbonífera. A partir de 1993 surgiram a Masterglass (Criciúma), a Esmaglass e a Fritas SL (Içara).

situadas no Parque Industrial de Criciúma - Quarta Linha (ver mapa cinco). Em Tubarão a Itagres - BR-101; em Morro da Fumaça, a Esmaglass (fritas) - área industrial.

Em função da sua origem, a indústria do vestuário preferencialmente está instalada no centro urbano. Muitos iniciam no "fundo de quintal" e, quando aumenta a capacidade instalada, optam por construir próximo à residência, ou alugam galpões no centro.

Segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário de Criciúma, somente no centro urbano de Criciúma há aproximadamente cinquenta fábricas, empregando 2.655 funcionários. Estão distribuídas da seguinte forma:

Bairro	Nº de estabelecimentos	Nº de operários
<i>Centro</i>	29	1.320
<i>Sta Bárbara</i>	5	180
<i>Comerciário</i>	5	60
<i>Michel</i>	10	545
<i>Sto Antônio</i>	1	550

Fonte: Sind. dos Trab. da Indústria do Vestuário e Calçados de Criciúma.

Somente na rua Henrique Lage, no centro, há dez estabelecimentos com 615 funcionários. As confecções ali situadas, como Rosatex (escritório), Twist, Cedro Rio, Negge's, Breno Facções e a D. Vidal, iniciaram suas atividades nesta rua, foram aumentando a sua capacidade e ampliando no sentido vertical (ver mapa seis). As fábricas da Cedro Rio e da Negge's dispõem de um prédio de quatro andares cada. A Twist mantém ainda o atacado e a fábrica funcionando em dois pavimentos. A Breno opera no segundo piso de um prédio.

Está havendo, lentamente, uma retirada das fábricas da Henrique Lage para outros lugares, a exemplo do projeto Colméia Industrial, que será implantado num bairro afastado

do centro. A fábrica da Rosatex foi para o bairro Santo Antônio; a Twist tem outra unidade no bairro Santa Bárbara e em Siderópolis; a Negge's está mudando para o bairro Pinheirinho. A Henrique Lage ficará especializada no comércio, ou melhor, nos postos de venda, que hoje chegam a cinquenta (excluindo os três centros comerciais).

A procura por outros bairros se dá pelas dificuldades com a mobilização de cargas, altos preços dos aluguéis e a impossibilidade de ampliação horizontal. Ou seja, gerou as próprias contradições.

Porém a grande maioria das confecções está preferencialmente nos centros urbanos de Criciúma, Araranguá, Içara e Morro da Fumaça.

Em Criciúma, as facções que atendem as grandes etiquetas locais estão preferencialmente nas localidades afastadas do perímetro urbano, como: quatro em São Defende; duas na Mina do Mato e Mãe Luzia; uma no Sangão, Jardim Angélica e Verdinho. Em Içara, das 15 empresas visitadas, apenas três estavam fora do perímetro urbano. Em Araranguá, das 11 visitadas, todas estavam no centro. Em Morro da Fumaça, das 10, sete estavam no centro. Em Maracajá, todas as sete empresas catalogadas estavam ao longo da BR - 101. E das sete catalogadas em Nova Veneza, apenas uma estava no centro e as demais em outras localidades (uma em São Bento Baixo - Damyller - e cinco facções no Caravágio).

b) As relações residência-trabalho - Como foi observado, a maioria das fábricas concentram-se no perímetro urbano-central; entretanto, a mão-de-obra é proveniente do bairro. É justamente nestes bairros que estão surgindo pequenas facções para aproveitar a mão-de-obra local.

O resultado da pesquisa com as costureiras mostrou o seguinte resultado:

Localização da mão-de-obra distribuída nos bairros

Localização da mão-de-obra	Criciúma	Araranguá	Içara	M. da Fumaça
Centro	4,7	26,1	12,1	29,4
Bairros próximos ao centro	23,6	47,8	54,5	35,2
Bairros afastados do centro	71,7	26,1	33,3	35,3

Fonte: Entrevista do autor.

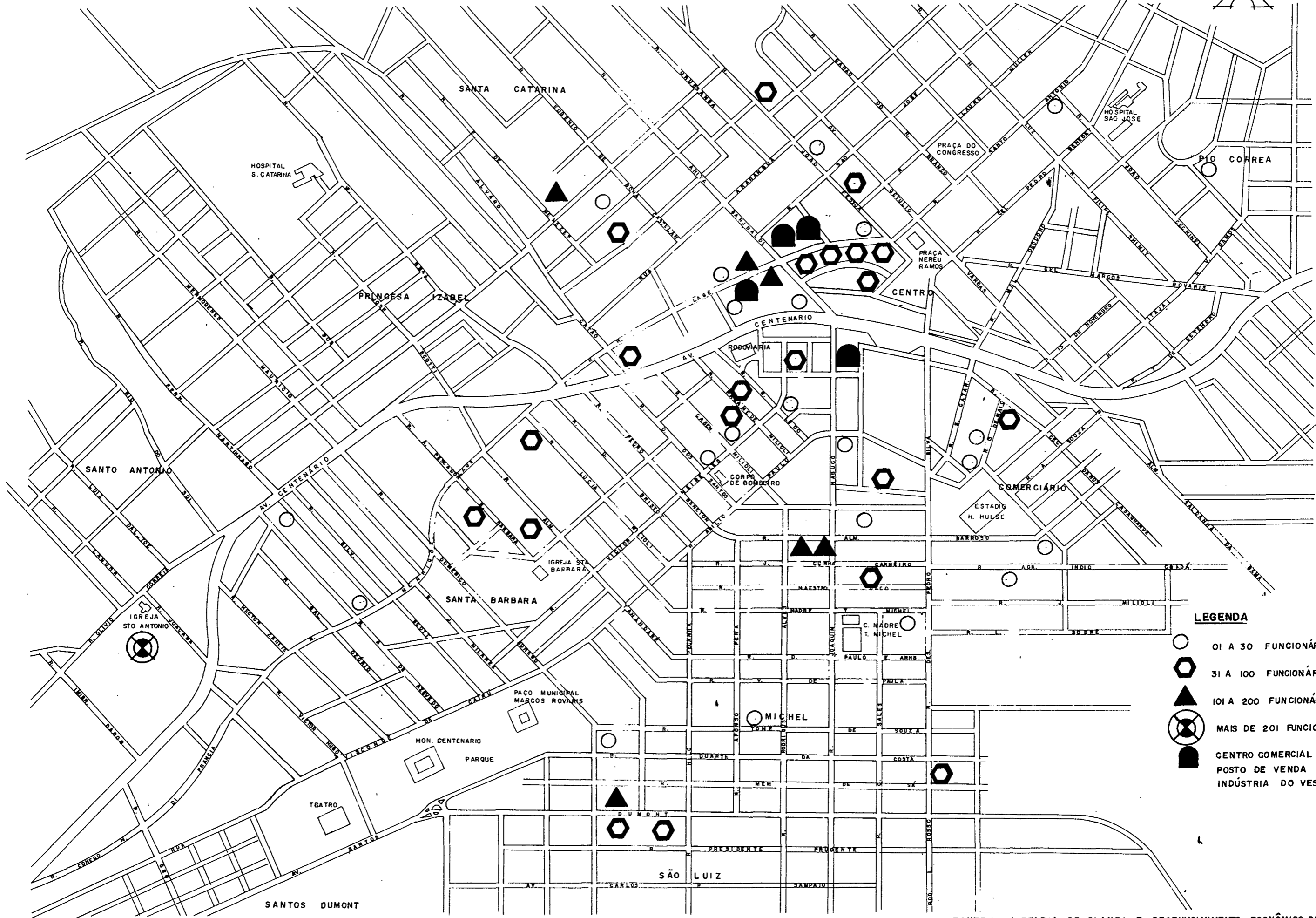
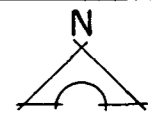
São poucas as costureiras que moram especificamente nos centros urbanos. Em Criciúma, apenas 4,7%. Noutros municípios, em bairros próximos ao centro: Içara 47,8% e Araranguá 54,5%. Nos bairros mais afastados, Criciúma novamente mostrará esta tendência, com 71,7% deslocando-se para trabalhar no centro (ver mapa cinco⁴⁴).

O meio de transporte utilizado pelas costureiras varia de cidade para cidade. Em Criciúma, por ser um centro maior, 90,6 % utilizam ônibus e apenas 9,4% vão a pé ao serviço; a utilização de bicicleta é nula. Em Araranguá, 34,8% utilizam ônibus, 30,4% bicicleta, 21,7% a pé e 13,0% motocicleta. Em Içara, pelo fato da maioria morar no centro ou próximo, 69,7% vão ao serviço a pé, 18,2% vão de ônibus, 9,1% de bicicleta e 3% de motocicleta. Em Morro da Fumaça é o mesmo caso de Içara, portanto 41,2% a pé, 35,3% de ônibus e 23,5% de bicicleta. Em Maracajá 60% utilizam bicicleta, 20% ônibus, 10% motocicleta e 10% a pé.

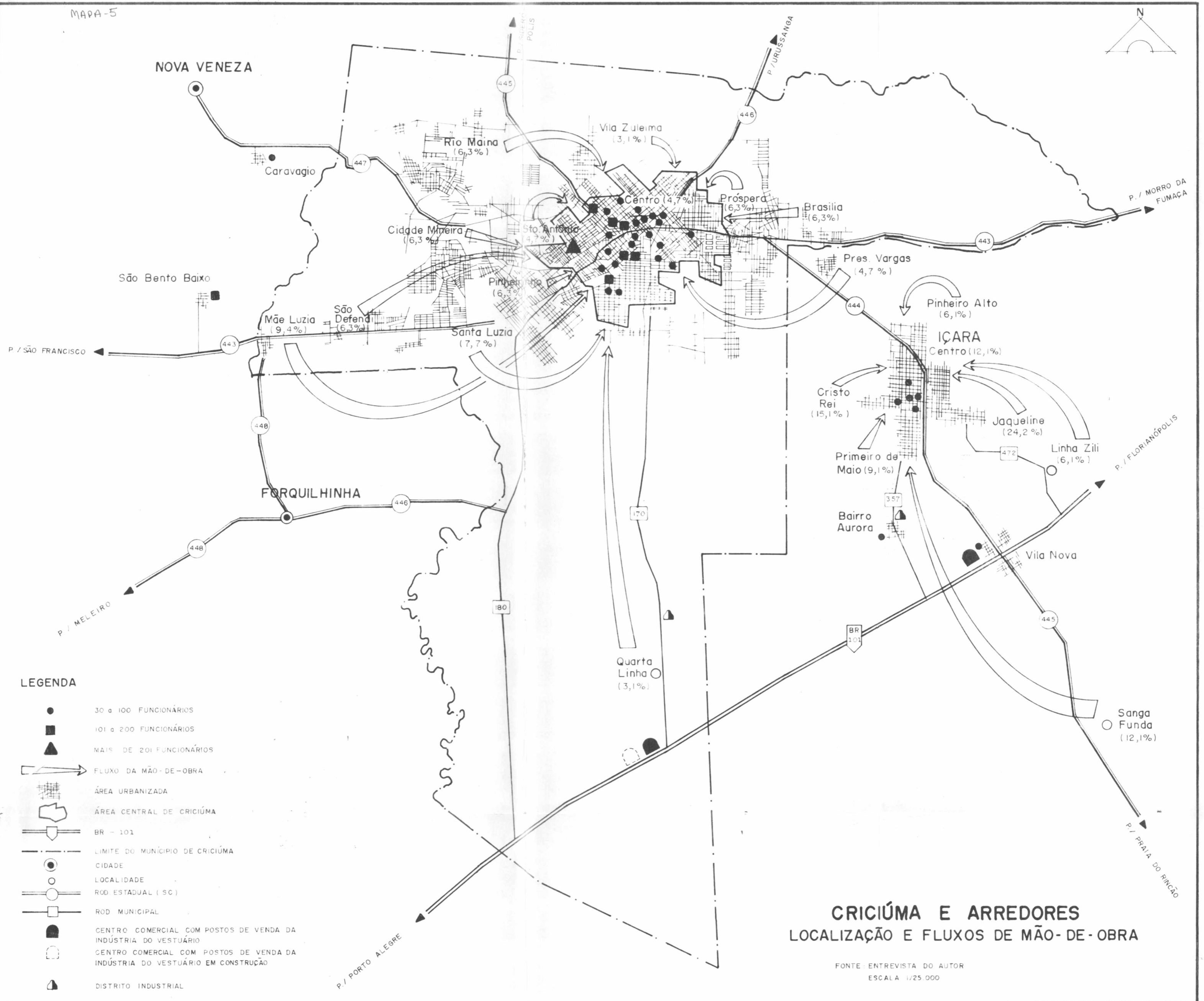
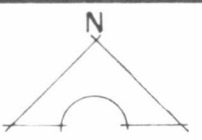
Os proprietários todos moram no centro da cidade ou próximo ao local de trabalho.

⁴⁴ No mapa cinco, em Criciúma, o restante de 24,8% do fluxo da mão-de-obra é proveniente de outros bairros. Igualmente em Içara, onde 15,2% do fluxo da mão-de-obra é proveniente de outros bairros.

PLANTA DO CENTRO URBANO DE CRICIÚMA E A LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO VESTUÁRIO
(POR NÚMERO DE FUNCIONÁRIO) E DOS CENTROS COMERCIAIS COM POSTOS DE VENDA



- LEGENDA**
- 01 A 30 FUNCIONÁRIOS
 - ⬡ 31 A 100 FUNCIONÁRIOS
 - ▲ 101 A 200 FUNCIONÁRIOS
 - ⊗ MAIS DE 201 FUNCIONÁRIOS
 - CENTRO COMERCIAL COM POSTO DE VENDA DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO



NOVA VENEZA

Caravagio

São Bento Baixo

P. / SÃO FRANCISCO

Mãe Luzia (9,4%)

São Defendi (6,3%)

Santa Luzia (7,7%)

FORQUILHINHA

P. / MELEIRO

180

Quarta Linha (3,1%)

LEGENDA

- 30 a 100 FUNCIONÁRIOS
- 101 a 200 FUNCIONÁRIOS
- ▲ MAIS DE 201 FUNCIONÁRIOS
- FLUXO DA MÃO-DE-OBRA
- ▨ ÁREA URBANIZADA
- ▭ ÁREA CENTRAL DE CRICIÚMA
- BR - 101
- LIMITE DO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA
- CIDADE
- LOCALIDADE
- ROD ESTADUAL (SC)
- ROD MUNICIPAL
- CENTRO COMERCIAL COM POSTOS DE VENDA DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO
- ▭ CENTRO COMERCIAL COM POSTOS DE VENDA DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO EM CONSTRUÇÃO
- ▲ DISTRITO INDUSTRIAL

CRICIÚMA E ARREDORES
LOCALIZAÇÃO E FLUXOS DE MÃO-DE-OBRA

FONTE: ENTREVISTA DO AUTOR
 ESCALA: 1/25.000

Rio Maina (6,3%)

Vila Zuleima (3,1%)

Centro (4,7%)

Próspera (6,3%)

Brasília (6,3%)

Cidade Mineira (6,3%)

Sto. Antônio (4,7%)

Pinheiro (6,3%)

Pres. Vargas (4,7%)

Pinheiro Alto (6,1%)

IÇARA Centro (12,1%)

Cristo Rei (15,1%)

Jaqueline (24,2%)

Primeiro de Maio (9,1%)

Linha Zili (6,1%)

Bairro Aurora

Vila Nova

Sanga Funda (12,1%)

P. / PRAIA DO RINCÃO

P. / FLORIANÓPOLIS

P. / MORRO DA FUMAÇA

P. / SANGA FUNDA

P. / URUSSANGA

445

446

447

443

444

443

448

446

448

170

472

357

445

BR 101

Como foi a articulação entre a dinâmica espacial e o setor do vestuário na Região Carbonífera? Como o setor do vestuário soube se utilizar deste espaço e qual a contribuição que este espaço deu ao fortalecimento e à dinamização da indústria do vestuário, ou seja, como se deu esta relação dialética?

A consolidação da indústria do vestuário em Criciúma e arredores fez espriar em outras cidade do sul catarinense a opção pela fabricação de vestuários. Não somente municípios (ou melhor, os agentes econômicos dessas cidades) como Araranguá, Içara ou Morro da Fumaça aproveitaram a oportunidade. Esse espriamento abarcanhou Tubarão e o interior colonial do sul catarinense, ou seja, a Microrregião da Amurel. Tubarão, em que há menos de uma década pouco destaque tinha o vestuário, atualmente, em função da queda do setor carbonífero (Tubarão é o centro beneficiador e transformador do carvão energético), desponta com uma forte expectativa no crescimento da indústria do vestuário. O crescimento da produção, do número de estabelecimentos e de emprego é vertiginoso. O que vem ocorrendo em Tubarão é um processo paralelo ao que ocorre em Criciúma. A produção é voltada para o Rio Grande do Sul, funcionando no esquema de faccionista e de centros comerciais. Tubarão fica na "rota das sacoleiras". Essa contaminação, também, está atingindo Laguna, Imbituba e o interior colonial - Gravatal aproveita sua potencialidade turística.

Muitos faccionistas da Região Carbonífera que atendem São Paulo, para enfrentar a concorrência com o sul de Minas Gerais e norte do Paraná, estão se deslocando para o interior colonial da Amurel como: Armazém, Grão-Pará, Rio Fortuna, Pedras Grandes, municípios que estão na base territorial do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário de Tubarão e Região, um sindicato flexível. Nesta base, o piso salarial é de apenas um salário mínimo - na base de Criciúma são dois salários. Há disponibilidade de

mão-de-obra feminina oriunda da agricultura. Estas mulheres preferem o trabalho "estável" da fábrica à "instabilidade" da roça.

Há uma forte tendência da indústria do vestuário em se concentrar nos centros urbanos. Em Criciúma, recentemente, houve um pequeno movimento das grandes etiquetas localizadas no centro em direção aos bairros mais afastados.

A mesma relação que há entre as etiquetas de São Paulo com Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, ou seja, de centro-periferia, existe entre as confecções de Criciúma e Araranguá - onde já se desenvolveu uma economia de aglomeração favorável -, com seus faccionistas de Içara, Morro da Fumaça, Nova Veneza e Maracajá. E em Criciúma as facções nos bairros atendem as etiquetas do centro. É uma rede de facções em todo o sul catarinense atendendo a vários pontos do Estado e do país. A diversificação econômica, o mercado garantido, a disposição de mão-de-obra treinada e barata e a proliferação de várias etiquetas, apoiadas pelas facções, transformaram a Região Carbonífera num dos maiores pólos do vestuário do Brasil e no maior pólo do *jeans*.

COMENTÁRIOS CONCLUSIVOS

A indústria do vestuário alterou o cenário econômico e social da Região Carbonífera. Um setor relativamente novo que prosperou e gerou grandes expectativas para as próximas décadas.

Uma das características que marcou profundamente a industrialização na Região Carbonífera foi a presença relevante de pequenas produções mercantis dos imigrantes europeus, que desenvolviam a agricultura de excedentes, atividades comerciais e artesanais, participando no mercado de trocas, com uma divisão social do trabalho diversificada. Isso foi fundamental para dinamizar a industrialização na região, proporcionando acumulação pulverizada e concorrência entre os diversos pequenos capitalistas. Uma região com base na pequena produção mercantil dará mais condições para que vários pequenos proprietários acumulem, estabeleçam concorrência e prosperem.

Além do tipo específico de acumulação baseada na pequena produção mercantil, a descoberta do minério de carvão foi fundamental para a economia sul-catarinense. Por quase um século a exploração do carvão foi um dos destaques do crescimento econômico da região.

Caracterizando o sul catarinense como uma região industrial, além da *exploração do carvão* com toda a sua estrutura, outros setores também se destacam, como a *cerâmica* e seus diversos apoios estatais, e a *diversificação do parque industrial* nas décadas de 70 e 80, como: a indústria do vestuário, o setor químico, as indústrias calçadistas, o metal-mecânico e as fábricas de molduras.

É o setor cerâmico que fomentará o surgimento de fortes economias de aglomeração, como indústrias metalúrgicas para a fabricação de equipamentos e peças de

reposição, indústria de fritas, granilhas e esmalte cerâmico e indústrias de embalagens e materiais gráficos. A região é responsável por 46% da produção nacional de revestimento cerâmico. As indústrias químicas vão surgindo ao lado das cerâmicas, primeiramente como laboratórios, em seguida como indústrias independentes (massas plásticas, produtos de limpeza doméstica e descartáveis plásticos). O surgimento das embalagens Canguru em 1970 e da Inza Copos Plásticos em 1973, em Criciúma, e da Incoplast em 1970, em São Ludgero, serviu também como indústria motriz para o surgimento de outras e para o fortalecimento do setor de plásticos. Atualmente a região é responsável por aproximadamente 50% da produção nacional de descartáveis plásticos.

Ora, os revestimentos cerâmicos e os descartáveis plásticos têm projeção nacional. O mesmo já ocorreu com o carvão, que outrora era responsável por boa parte do carvão metalúrgico consumido no país. O vestuário vem logo a seguir. Tais amplitudes caracterizam a região como industrial e com característica de um pequeno complexo industrial (interdependência técnico-econômica entre setores).

Os demais setores de destaque estão ligados ao vestuário - além do ritmo taylorista das fábricas de calçados, que facilitam a aprendizagem nas confecções e da liberação de mão-de-obra feminina por parte das minas e cerâmicas - principalmente pelo dinamismo da classe empresarial sulina na diversificação do capital. Como o vestuário está em franca expansão, na diversificação, também se investe no vestuário. O fator dinamismo e a questão da mão-de-obra disponível e treinada interagem e se complementam. Este dinamismo do empresariado local está ligado, na sua origem, à pequena produção mercantil, que leva a uma agressividade e concorrência interempresarial, fazendo-o procurar novos ramos de negócio e investimento e fazendo-o ampliar o capital.

O surgimento dos primeiros confeccionistas está ligado aos atacadistas de Criciúma que funcionavam nos anos 60, os quais vendiam "secos e molhados". No final dos anos 60 e início dos 70, num processo de substituir produtos comprados em São Paulo, uma série de atacadistas dedicam-se também à confecção de suas etiquetas. O mercado consumidor

estava relativamente garantido: o Rio Grande do Sul e o mercado local. O mercado gaúcho já era conhecido por alguns atacadistas, cerealistas e frigoríficos que revendiam suas mercadorias através dos representantes, sobretudo na Grande Porto Alegre. Atualmente o Rio Grande do Sul continua como o grande consumidor. As formas de venda são classificadas em dois grupos: os postos de venda, que se difundiram em toda a região sul do Estado, principalmente através dos centros comerciais ao longo da BR-101, de Sombrio até Imbituba, freqüentados por comerciantes do Rio Grande do Sul; e os representantes que percorrem todo o Sul do Brasil.

A mineração e as cerâmicas no início do anos 70 geravam aproximadamente 5.000 empregos diretos exclusivamente de homens; com isso liberou-se uma grande quantidade de mulheres aptas ao trabalho de costureira. Noventa e cinco por cento da mão-de-obra no vestuário é composta por mulheres. Segundo as pesquisas, 51,4% são esposas de mineiros ou ceramistas. A agricultura também foi outro setor que liberou considerável mão-de-obra, 29,3%. Estes dados demonstram claramente a origem da mão-de-obra.

Além dos atacados, outros confeccionistas provieram seja do "fundo de quintal", com pequenas "fabriquetas" atendendo o mercado local; seja como um complemento da renda familiar (o que era apenas uma opção a mais, tornou-se a principal fonte de renda); seja de ex-funcionários de confecções que montaram suas fábricas, sobretudo facções atendendo ao antigo patrão.

No final dos anos 70 o vestuário surge como uma nova opção de investimentos, abrindo inúmeras frentes de trabalho. Foi nesse período que surgiram as primeiras facções, que darão um enorme suporte às confecções.

Juntamente com o sul de Minas Gerais e o norte do Paraná, a Região Carbonífera entra no rol de preferência dos confeccionistas paulistas para faccionarem suas etiquetas. Em função da consistência de várias etiquetas de Criciúma, ao longo dos anos as facções voltam-se para a prestação de serviços para o mercado local. A prestação de serviços não ficou somente a cargo das facções: surgiu em torno das confecções uma série de outras

indústrias como: lavanderias, bordadeiras, serigrafia, estamperia e também comércio de insumos no atacado e varejo. Ou seja, formou uma economia de aglomeração extremamente favorável para a difusão e a consolidação das indústrias do vestuário. Além do mais, grande quantidade de atividades ligadas ao vestuário foram e vão surgido em função das expectativas vantajosas que pairam sobre o setor, criando um clima favorável aos investimentos.

Será em meados da década de 80 que Araranguá e Içara emergirão para o vestuário; em seguida Morro da Fumaça, Maracajá e Nova Veneza já no início dos anos 90, juntamente com a região de Tubarão.

Criciúma e Araranguá se destacam nas confecções, e os municípios na sua periferia - Maracajá, em relação a Araranguá e Içara, Morro da Fumaça e Nova Veneza em relação a Criciúma - são os prestadores de serviços com suas inúmeras facções. Este mesmo processo ocorre com São Paulo e Blumenau em relação ao sul catarinense.

A organização espacial na região sofreu algumas alterações. Em vista da concorrência com faccionistas de Minas Gerais e Paraná, que prestavam serviços a etiquetas de São Paulo - as quais não exigem qualidade - por um preço menor, em decorrência dos baixos níveis salariais, alguns faccionistas de Criciúma e Içara se deslocaram para municípios que estão fora da base territorial do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região, que abrange desde a divisa com o Rio Grande até o limite dos municípios de Içara, Morro da Fumaça e Urussanga. Na região da Amurel - Associação dos Municípios da Região de Laguna - a base territorial pertence ao Sindicato dos Trabalhadores da Indústria do Vestuário de Tubarão, um sindicato flexível nas negociações salariais, ao contrário do de Criciúma, que luta pelos direitos trabalhistas. Além da busca de novas áreas "não contaminadas pelo sindicato" e com uma mão-de-obra mais "mansa", a disseminação da indústria do vestuário vem ocorrendo em outros municípios como Sombrio, Laguna, Gravatal e Orleans, que estão mais retirados de Criciúma. Nessas cidades, os confeccionistas aproveitam as potencialidades do município para voltar-se ao

vestuário. O exemplo é Gravatal, que aproveita o fluxo de turistas em suas águas termais para comercializar as confecções.

A indústria do vestuário vem desenhando uma nova paisagem na Região Carbonífera e tornou-se uma nova divisão territorial do trabalho a nível setorial em relação ao carvão, em decadência, e à atual cerâmica.

ERRATA

Em Morro da Fumaça, 35,3% das mulheres trabalhavam na agricultura e outras 23,5% em olarias (cerâmica vermelha e refratários). Já os pais, 29,4% deles trabalham na agricultura, 17,6% nas olarias e 17,6% em minas. Dentre as casadas, 33,3% dos maridos trabalham em olarias.

No município de Içara, 60,6% das mulheres trabalhavam na agricultura e outras 27,3% em casa. A profissão dos pais é de 39,4% de agricultores e 33,3% mineiros, e dos maridos 35,7% são ceramistas e 21,5% são pedreiros ou marceneiros e apenas 7,1% são agricultores.

Em Araranguá, por ser um centro urbano um pouco maior, apenas 26,1% das costureiras trabalhavam com agricultura, outras 34,8% com calçados e 30,4% em casa. Dos pais, 39,1% são agricultores, 21,7% pedreiros e 13% mineiros. Dos maridos, 23,2% são pedreiros, 23,1% ceramistas e 15,3% calçadistas. Em Araranguá, as fábricas de calçados, absorvem em torno de 50% de mão-de-obra feminina.

Criciúma, por ser o maior centro urbano e industrial da região, apresenta alguns dados mais claros. Vejamos: 42,2% das mulheres anteriormente trabalhavam em casa, outras 10,9% eram domésticas e apenas 10,9% vêm da agricultura. Em relação aos pais, 57,8% são ou eram mineiros e apenas 12,5% são agricultores. Dos maridos, 23,3% são mineiros, 33,3% ceramistas, 16,7% pedreiros, marceneiros ou carpinteiros e apenas 3,3% agricultores.

Trabalho anteriormente exercido pelas trabalhadoras no setor do vestuário na Região Carbonífera (em %)

Município	Trabalho anterior exercido pelas costureiras								
	Casa	Agricultura	Calçados	Cerâmica	Doméstica	Comércio	Hospital	Outros	Total
Criciúma	42,2	10,9	6,3	6,3	10,9	4,7	6,3	12,4	100,0
Araranguá	30,4	26,1	34,8	4,3	---	4,3	---	---	100,0
Içara	27,3	60,6	---	---	---	9,1	---	3,0	100,0
M. Fumaça	11,8	35,3	---	23,5	17,6	---	---	11,8	100,0
Maracajá	20,0	60,0	---	10,0	---	---	---	10,0	100,0
Média	32,0	30,6	8,2	6,8	6,8	4,8	2,6	8,2	---

Fonte: Própria.

Profissão do pai e do marido das costureiras (em %)

Cidade	Profissão											
	Mineiro		Agricultor		Ceramista		Pedr/Carp/Mar		Calçadista		Outros	
	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido	Pai	Marido
Criciúma	57,8	23,3	12,5	3,3	---	33,3	7,8	16,7	---	3,3	21,9	20,1
Araranguá	13,0	---	39,1	7,7	---	23,1	21,7	23,2	---	15,3	26,2	30,8
Içara	33,3	7,1	39,4	7,1	3,0	35,7	9,1	21,5	---	---	15,2	28,5
M. Fumaça	17,6	---	29,4	16,7	17,6	33,3	---	16,7	---	---	35,4	33,3
Maracajá	---	20,0	80,0	---	---	40,0	---	10,0	---	---	20,0	30,0
Média	36,7	13,2	29,3	5,9	2,7	32,4	8,8	17,6	---	4,4	22,5	26,5

Fonte: *ibid.*

No município de Nova Veneza, sobretudo na localidade de Caravágio, há uma presença marcante de indústria metalúrgica, moveleira e calçadista; as duas primeiras empregam apenas mão-de-obra masculina. Portanto, colocam em disposição um contingente considerável de mão-de-obra feminina.

Como se observa, basicamente a origem da mão-de-obra foi a liberação da agricultura (no total: 5,9% dos maridos e 29,3% dos pais) nos municípios menores, e a liberação das minas (no total: 36,7% dos pais e 13,2% dos maridos) e cerâmicas (no total: 32,4% dos maridos e 2,7% dos pais) nos municípios maiores. Ou seja, 45,5% dos maridos são ceramistas ou mineiros. Além disso, muitas mulheres buscam o emprego com o intuito de complementar a renda familiar.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABREU, Alice R. de Paiva. **O avesso da moda: o trabalho a domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. Trabalho a domicílio: uma forma de emprego. *In: Tempo e Presença*.
Publicação do CEDI, vol. 15, nº 269, mai-jun/1993.

_____ & SORJ, Bila (orgs.). **O trabalho invisível: estudo sobre trabalhadores a domicílio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.

A NOTÍCIA. **Vestuário é a maior fonte de emprego**. 17/dez/1993.

ASSIS, J. Carlos de & TAVARES, Maria da Conceição. **O grande salto para o caos**. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Relatório de atividades**. Florianópolis, 1975.

_____. **Relatório de Atividades**. Florianópolis, 1980.

_____. **Relatório de Atividades**. Florianópolis, 1983.

_____. **Relatório de Atividades**. Florianópolis, 1984.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1985.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1986.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1989.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1990.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1991.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1993.

_____ **Relatório de Atividades.** Florianópolis, 1994.

**BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. Vinte anos de
contribuição ao desenvolvimento de Santa Catarina.** Florianópolis, 1992.

_____ **Os reflexos da atuação de um banco de desenvolvimento. O caso da
Agência de Florianópolis - BRDE - Triênio 84/86.** Florianópolis, 1987.

BRASIL DIA-A-DIA. São Paulo: Abril, 1988.

BOSSLE, Ondina Pereira. História da industrialização catarinense. Florianópolis:
FIESC, 1988.

_____ **Henrique Lage e o desenvolvimento sul catarinense.** Florianópolis:
Editora da UFSC, 1981.

CHARDONNET, Jean. Géographie industrielle. Paris: Sirey, Tome 2, 1965.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Mineiros de Santa Catarina: sua luta e a sua história. Brasília, 1992.

CAMPOS, Silvia H. & SHERER, André L. F. As mudanças no comércio internacional e as exportações brasileiras de têxteis e vestuário. In: Ensaio FEE. Porto Alegre, vol. 14, nº 1, 1993.

CASTELL, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

CASTRO, Antônio Barros de. Sete ensaios sobre a economia brasileira. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, Vol. I (1971) e II (1988).

CASTRO, A. Barros & SOUZA, F. E. Pires de. A economia brasileira em marcha forçada. 2. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1988.

CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA. Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudos das alterações estruturais (Século XVII - 1960). Florianópolis: Universitária, 1980.

CORRÊA, Roberto L. O espaço urbano. 2. ed., São Paulo: Ática, 1993.

COSTA NETO, Luciano. Hegemonia e política de Estado: do marxismo à realpolitik. Petrópolis: Vozes, 1988.

CUNHA, Idaulo José. Evolução econômico-industrial de Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

DALL'ALBA, João Leonir. Imigração italiana em Santa Catarina: documentários. Florianópolis: Lunardeli, 1983.

DIÁRIO CATARINENSE. Criciúma vira pólo do vestuário. 30/jun/1991.

_____. **Sul reage à crise. 23/mai/1993**

_____. **Calçados: exportações do sul aumentam 60%. 22/nov/1993.**

_____. **Terre assina contrato com Alpargatas. 23/jan/1994.**

_____. **Brusque - berço da fiação catarinense. 17/jun/1994.**

_____. **Outlets ganham espaços. 11/abr/1994.**

_____. **Incoplast comemora bodas de prata. 12/mar/1995.**

_____. **Incoplast busca modernização. 01/mai/1995.**

ENGELS, F. & MARX, K. A ideologia alemã. São Paulo: Moraes, 1984.

EXAME. O pólo de Criciúma está a todo o pano. 28/abr/1993.

_____. **Tudo começou com o bilhete azul. 13/abr/1994.**

_____. Há muito leite à espera do café. 13/abr/1994.

EXPRESSÃO. Um choque no governo. Fev/1990.

_____. Pronta para o próximo *round*. Nov/1991.

_____. Santa Catarina: america's largest tile center. Set/1993.

_____. *Jeans* catarina em magazines finos. Mai/1994.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Guia da Indústria de Santa Catarina. Florianópolis: FIESC, 1992.

_____. Santa Catarina em dados. Florianópolis: FIESC, 1993.

FERNANDES, Maria Luiza. Partidos e sindicato - um estudo de caso: o sindicato dos trabalhadores na indústria de extração de carvão em Criciúma. Florianópolis: Dissertação, 1992.

FOLHA DE S. PAULO. Alpargatas se reestrutura e volta a lucrar. 13/jun/1993.

_____. Cecrisa corta US\$ 1,5 mi em desperdício. 20/nov/1994.

FUCRI. Criciúma em dados. Criciúma: Fundação Educacional de Criciúma, 1976.

GABINETE DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL. Municípios catarinense: dados básicos. Florianópolis: Gaplan, 1986, vol. 4.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 23. ed., Rio de Janeiro: Nacional, 1989.

GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1993.

GOULARTI Fº, Alcides. As contradições da divisão do trabalho. Tubarão: Monografia, 1991.

FIBGE. Enciclopédias dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro, vol. XXXII, 1959.

FIBGE. Censo Industrial: 1970. Rio de Janeiro.

FIBGE. Censo Industrial: 1975. Rio de Janeiro.

FIBGE. Censo Industrial: 1980. Rio de Janeiro.

FIBGE. Censo Industrial: 1985. Rio de Janeiro.

FIBGE. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - 1991 - de Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1993.

FIBGE. Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - 1991 - do Paraná. Rio de Janeiro, 1993.

JORNAL DA MANHÃ. Criciúma terá área industrial. 18/nov/1994.

LEIRA, Jerônimo S. Terceirização. 5. ed., Porto Alegre: Sagra, 1992.

- _____ *et alii*. **Terceirização passo a passo**. 2. ed., Porto Alegre: Sagra, 1993.
- LÊNIN, Vladimir I. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. 2. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1988.
- MAMIGONIAN, Armén. **Estudos geográficos das indústrias de Blumenau**. *In: Revista Brasileira de Geografia*. Jun./set. de 1965.
- _____. **Indústria**. *In: Atlas de Santa Catarina*. Florianópolis: Gaplan, 1986.
- _____. **Notas sobre as teorias da industrialização brasileira**. Florianópolis: Mimeo, 1990.
- MANCHETE. **Criciúma**. Suplemento nº 1.184, 1975.
- MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.
- _____. **O capital: crítica da economia política**. 9. ed., Livro I. São Paulo: Difel, 1984.
- MASSEY, Doreen. **Regionalismo: alguns problemas atuais**. *In: Espaço & Debate*. São Paulo: Cotez, vol. 1, nº 4 (4), dez/81

MICHELS, Ido Luiz. Uma crítica à economia política catarinense. Campina Grande: Dissertação, 1993.

MILANEZ, Pedro. Fundamentos históricos de Criciúma. Florianópolis: Ed. do Autor, 1990.

MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. Informativo anual da indústria carbonífera 1988. Brasília: Departamento Nacional da Produção Mineral, 1987.

MOSER, Anita. A nova submissão: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial. Porto Alegre: Edipaz, 1985.

O CARRETEL - Órgão informativo do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região. Desfile de ratos. Ano 3, dez/1987.

_____. **O sindicato denuncia. Ano 6, set/1990.**

_____. **Denúncias. Ano 6, nov/1990.**

_____. **Denúncias. Ano 7, mar/1991.**

PAGANANI, Eolo M. A subcontratação na pequena e média empresa. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.

PERROUX, François. A economia do século XX. Lisboa: Herder, 1967.

PIMENTA, Margareth de C. A. A expansão da atividade têxtil em Santa Catarina. *In:* Resumos Anpege. São Paulo: USP, 1994.

PINHEIRO, Silvana S. Relações de produção e de trabalho. Rio Claro: Dissertação, 1993.

PRADO JR., Caio. História econômica do Brasil. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

PORTELLI, Hugues. Gramsci e o bloco histórico. 5. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1990.

RAMALHO, José R. Terceirização e prática sindical. *In:* Tempo e Presença. Publicação do CEDI, vol. 15, nº 269, mai-jun/1993.

RANCHO DA COSTUREIRA - Boletim informativo do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Vestuário de Tubarão e Região. Jul/1994.

RANGEL, Ignácio M. Economia: milagre e antimilagre. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. A história da dualidade brasileira. *In:* Revista de Economia Política. 1 (4), 1981.

RUAS, Roberto. Notas acerca das relações entre trabalho a domicílio, redes de subcontratação e as condições de competição. *In:* O trabalho invisível: estudo sobre trabalhadores a domicílio no Brasil (org.). Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1993.

RELATÓRIO DA GAZETA MERCANTIL. O sul catarinense. 09/mar/1988.

**SECRETARIA DA INDÚSTRIA, DO COMÉRCIO E DO TURISMO. Santa Catarina:
Estado onde investir. Florianópolis, 1990.**

_____. **Sinopse de informação dos municípios catarinenses. SICT:
Florianópolis,
1985.**

**SECRETARIA DO PLANEJAMENTO. Programa Integrado de Desenvolvimento
Sócio-econômico de Tubarão. Florianópolis: CEAG/SC, 1990.**

**SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE CERÂMICA E DE OLARIA DE CRICIÚMA. Indústria
cerâmica catarinense. Mar/1991.**

**SINGER, Paul. A crise do milagre: interpretação crítica da economia brasileira. Rio
de Janeiro, Paz e Terra, 1989.**

**SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico. 3. ed., São Paulo:
Nova Cultural, 1988.**

**SCOTT, A. J. & STORPER, M. Indústria de alta tecnologia e desenvolvimento regional:
uma crítica e reconstrução teórica. In: Espaço & Debate. São Paulo: Cortez, vol. 8, nº
25 (1), abr/1988.**

**SUPERHIPER. Ranking das maiores empresas de supermercados. São Paulo:
ABRAS, 1993.**

TAVARES, Maria da Conceição. Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. 11. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

VILLELA, Ricardo. Mineração de carvão em Santa Catarina e o meio ambiente. In: Anais do 2º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente. Voi. III, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1989.

VOLPATO, Terezinha G. A pirita humana: mineiros de Criciúma. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

ANEXO 1

Quadro demonstrativo das confecções na Região Carbonífera

Empresa	Cidade	Ano fundação	Produção destaque	Número operário	Produção mensal ²	Crescim. anual %	Escoamento da produção %				
							RS	SC	PR	SP	Outros
Rosatex	Cri.	1976	jeans	1.100	130	10,0	10	5	5	50	30
Twist	Cri.	1974	jeans/mal	455	100	12,0	34	21	11	21	13
Damyller	Nva.	1979	jeans	250	53	25,0	35	75	--	--	--
Criminalhas	Cri.	1970	malha	200	80	18,0	50	35	15	--	--
Mailbu	Ara.	1973	jeans	180	30	8,0	70	30	--	--	--
Thayse	Cri.	1971	malha	150	40	12,5	30	30	20	10	--
Dayel	Mfa.	1981	jeans	140	30	15,0	35	50	25	--	--
Negge's	Cri.	1981	jeans	120	40	--	50	30	15	--	05
Cedro Rio	Cri.	1972	jeans/malha	110	90	10,0	90	10	--	--	--
Mafferson	Cri.	1971	jeans	100	25	--	20	20	10	50	--
Calcutá	Cri.	1970	moda masc.	85	19	--	15	50	20	15	--
Roscel	Cri.	1977	jeans	80	20	--	65	25	10	--	--
D. Vidal	Cri.	1960	social	70	16	--	10	10	--	30	50
Callver	Cri.	1990	jeans	60	10	--	60	40	--	--	--
Luck Berg	Cri.	1978	jeans	55	7	5,0	80	20	--	--	--
Dai Pont	Cri.	1985	jeans	53	28	40,0	45	30	25	--	--
Replay	Cri.	1979	esportivo	45	100	--	20	--	--	--	80
To Play	Cri.	1985	esportivo	41	60	--	5	15	--	--	80
S. Antônio	Ara.	1984	jeans	40	6	5,0	90	10	--	--	--
Hertha	Cri.	1976	malha	36	10	20,0	70	20	10	--	--
Nita	Ara.	1980	malha	34	20	--	80	20	--	--	--
Di Angelis	Cri.	1984	jeans	31	5	7,5	80	05	--	--	15
La Donna	Cri.	1984	moda fem.	30	--	--	80	20	--	--	--
Bertan	Mfa.	1978	geral	25	25	25,0	60	30	10	--	--
Porão	Cri.	1976	malha	18	6	--	60	38	2	--	--
Dayone	Ara.	1990	malha	14	2	--	90	10	--	--	--
Berna	Ara.	1981	malha	12	2	--	90	10	--	--	--
Juliandrei	Iça.	1989	malha	12	2,5	--	70	30	--	--	--
Brisa	Ara.	1988	malha	10	8	--	90	10	--	--	--
Guglielme	Iça.	1990	malha	10	3	30,0	70	10	20	--	--
Sartor	Ara.	1986	malha	10	2,5	--	70	20	10	--	--
Fashion	Ara.	1990	jeans	6	3	30,0	90	10	--	--	--

Fonte: Entrevista do autor.

* Em mil peças/mês.

Quadro demonstrativo das facções na Região Carbonífera

Empresa	Cidade	Ano fundação	Número operário	Produção mensal*	Crescim. anual %	Destino da produção
Matiola	Mfa.	1972	160	38	10	Brusque
Breno Silva	Crí.	1982	115	35	10	São Paulo
Fernanbei	Iça.	1981	80	40	10	São Paulo
Íris Costa	Iça.	1985	70	16	--	Blumenau
Geraldo	Iça.	1989	62	25	20	São Paulo
Dal-Toé	Iça.	1986	54	18	--	Criciúma
Giatex	Iça.	1977	50	18	--	Criciúma
Salete	Mfa.	1991	50	12	--	Blumenau
Juncoski	Iça.	1991	45	8	--	Criciúma
Glassi	Iça.	1986	45	12	--	Blum/Brus.
Migui	Nva.	1989	30	8	--	Criciúma
Grazieia	Nva.	1984	25	7	--	Criciúma
Eloir	Mja.	1986	24	8	--	Tubarão
Pavei	Iça.	1986	23	11	25	São Paulo
Néison	Mfa.	1988	17	7	15	Criciúma
Armandio	Iça.	1989	16	7	--	Criciúma
Edriana	Nva.	1986	16	2,5	--	Blumenau
Di Fiori	Nva.	1990	15	2	--	N. Veneza
Altair	Mfa.	1992	15	6	25	Criciúma
Amélla	Nva.	1990	15	2,5	--	N. Veneza
Ricardo	Mfa.	1988	12	3,5	--	Criciúma
Aian	Iça.	1989	10	2,5	--	Criciúma

Fonte: Entrevista do autor.

* Em mil peças/mês.